

UF *m* G UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Marcelo Moura Mendel

ALÉM DO “QUARTETO FANTÁSTICO”:

a diversificação dos conteúdos da Educação Física por meio de um planejamento participativo.

Belo Horizonte - MG

2023

Marcelo Moura Mendel

ALÉM DO “QUARTETO FANTÁSTICO”.

A diversificação dos conteúdos da Educação Física por meio de um planejamento participativo.

Estudo apresentado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, à Universidade Federal de Minas Gerais e ao núcleo de educação a distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Linha de pesquisa: Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátia Lúcia Moreira Lemos

Belo Horizonte - MG

2023

M538a Mendel, Marcelo Moura
2023 Além do “Quarteto Fantástico”. A diversificação dos conteúdos da educação física por meio de um planejamento participativo. [manuscrito] / Marcelo Moura Mendel – 2023.

217 f.: il.

Orientadora: Kátia Lúcia Moreira Lemos

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 177-180

1. Professores de educação física – Teses. 2. Educação física – Estudo e ensino – Teses. 3. Didática – Teses. 4. Práticas de ensino – Teses. I. Lemos, Kátia Lúcia Moreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 371.73

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: n° 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA/MP

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO MARCELO MOURA MENDEL

Realizou-se, no dia 26 de maio de 2023, às 10:00 horas, Plataforma Zoom, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *Além do "Quarteto Fantástico". A diversificação dos conteúdos da Educação Física através de um planejamento participativo.*, apresentada por MARCELO MOURA MENDEL, número de registro 2021655061, graduado no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Katia Lucia Moreira Lemos - Orientador (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Ivana Montandon Soares Aleixo (UFMG), Prof(a). Silvia Ribeiro Santos Araujo (EEFFTO).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 26 de maio de 2023.

Prof(a). Katia Lucia Moreira Lemos (Doutora)

Prof(a). Ivana Montandon Soares Aleixo (Doutora)

Prof(a). Silvia Ribeiro Santos Araujo (Doutora)

Esse trabalho é dedicado primeiramente a Deus, pois tenho a ciência que sem a vontade Divina nada acontece.

A minha mãe Maria do Carmo Moura Mendel, que além de ser uma pessoa espetacular, sempre fez com que acreditasse no poder dos estudos e que poderia alcançar todos os meus sonhos me dedicando a busca do conhecimento.

Ao meu pai Aroldo Mendel, um ser humano extremamente simples e humilde, que dentre inúmeras coisas, me ensinou que sempre há possibilidade de ir mais além.

A minha adorável esposa Ione Sudré. Essa pessoa que acredita mais em mim do que eu mesmo, e em todos os dias dessa caminhada de mestrado soube entender as minhas ausências e elevar a minha autoestima nos momentos mais tortuosos e difíceis. Minha eterna namorada.

As minhas filhas Milena Mendel e Maria Flor Mendel, por estarem apoiando os meus estudos nessa pós-graduação, mesmo que de forma inconsciente. Sempre compartilhando um sorriso revigorante, que somente as duas tem.

A minha irmã Kelly Marcela, por estar a todo momento dando apoio aos meus pais e a mim. Por ser uma mãe maravilhosa para o meu querido sobrinho Kauã, e uma irmã que não mede esforços para manter a nossa família sempre unida.

A minha sogra Maria Sudré, mulher sofrida, mas guerreira e que nessa minha caminhada durante o mestrado buscou suprir a minha falta como pai, para que eu pudesse me concentrar nos estudos.

Ao meu sogro Geraldo Modesto (*in memoriam*), exemplo de ser humano correto e centrado, que infelizmente durante esse período do mestrado nos deixou. Abrindo uma lacuna em nossa família.

Ao meu grande amigo e professor Paulo Roberto Pereira (*in memoriam*), por pegar na minha mão quando iniciava a docência e mostrar os caminhos mais belos e também difíceis que a profissão iria me propiciar. Por ter sido responsável em proporcionar aprendizados que nenhuma faculdade seria capaz de proporcionar.

AGRADECIMENTOS

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Kátia Lucia Moreira Lemos pelo entendimento das minhas dificuldades e pelas intervenções realizadas na construção dessa dissertação.

Ao Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior e a Prof.^a Dr.^a Meily Assbú Linhales que coordenaram esse programa de pós-graduação durante o período de minha formação e em todos os momentos demonstraram grande preocupação em proporcionar uma preparação de excelência para todos os mestrandos.

A todos os professores do ProEF que passaram seus ensinamentos e experiências, com o intuito de contribuir para a evolução dos mestrandos e da própria educação.

Aos colegas da segunda turma do ProEF, polo UFMG, pelo companheirismo e trocas de experiências realizadas ao longo dessa formação. Em especial ao meu colega de turma, amigo e compadre Diógenes, um verdadeiro parceiro para todas as horas.

A secretária do ProEF, polo UFMG, Ana Paula Fonseca, sempre disponível para a resolução das pendências administrativas.

A todos os alunos que um dia tive a oportunidade de lecionar. Em especial aos alunos do 9º ano A da E. M. Dr. Xenofonte Mercadante, por disponibilizarem o seu tempo e a sua atenção a esse estudo que buscou dar uma nova possibilidade as aulas de Educação Física.

Aos membros da banca: Prof.^a Dr.^a Ivana Montandon Soares Aleixo e a Prof.^a Dr.^a Silvia Ribeiro Santos Araújo, que contribuíram de forma valiosa na construção do texto, através de suas intervenções no Exame de Qualificação.

As instituições: E. E. dos Dornelas e a E. M. Dr. Xenofonte Mercadante, por permitir que eu exerça a minha docência com autonomia e prazer.

Aos meus verdadeiros amigos. Em especial, dois deles: Paulo Marciano e Diego de Souza, pois como amigos reais, sempre me incentivaram nas batalhas travadas em busca por essa formação.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A minha querida cidade de Orizânia-MG, que um dia me acolheu como um filho de sua terra, permitindo que eu pudesse me tornar um cidadão Orizanense de alma e coração.

A todos docentes que por algum momento passaram pelas várias etapas da minha vida acadêmica.

A todos os meus familiares, que sempre contribuíram com um voto de confiança, na possibilidade de um dia esse sonho de conseguir o título de mestre, pudesse ser realizado.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



“Mestre não é quem sempre ensina, mas de repente aprende”

Guimarães Rosa



MENDEL, Marcelo Moura. **Além do “Quarteto Fantástico”**: a diversificação dos conteúdos da Educação Física por meio de um planejamento. Orientador: Prof^a Dr^a Katia Lucia Moreira Lemos. 2023. 205 folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Federal de Minas Gerais/Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/Belo Horizonte, 2023.

RESUMO

O planejamento faz parte da função do professor para organização do seu conteúdo a ser ministrado, mas isso nem sempre é possível ao considerar o ambiente escolar e sua disponibilidade. A metodologia da presente pesquisa contou com uma amostra composta por 20 alunos do 9º ano turma A da Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante localizada na cidade de Orizânia – MG. Os estudantes responderam a uma entrevista sobre quais os motivos da não participação nas aulas de EF, a partir das respostas, verificou-se que a repetição de conteúdos era o principal motivo a causar um desconforto aos discentes em participar das aulas. Também foi elaborado um questionário com o objetivo de obter um maior número de informações sobre os alunos, gerando subsídios para entender a sua realidade socioeconômica e cultural, assim como, suas expectativas quanto ao componente curricular da EF. Através de 28 questões, entre fechadas e abertas, impressas em uma folha de papel A4, foi estipulado o tempo de 20 minutos para responder. Todos os alunos responderam às perguntas antes do término do tempo e não deixaram de responder nenhum questionamento. Buscou-se então, a criação de uma Unidade Didática a ser desenvolvida em um período de 26 aulas. Onde proporcionou-se ao aluno o protagonismo na elaboração do planejamento com o intuito de diminuir o afastamento das aulas e, ao ter o estudante como coautor na elaboração da Unidade Didática também contemplar um número maior de práticas corporais desenvolvidas nas aulas. No início da realização da pesquisa, notou-se uma certa insegurança dos alunos sobre se de fato eles teriam uma voz ativa na escolha dos conteúdos e se, de fato, os mesmos seriam tratados nas aulas. A desconfiança prematura, logo foi superada e não serviu de empecilho para a elaboração e desenvolvimento da Unidade Didática. A presente pesquisa teve como objetivo investigar os motivos que causam o afastamento dos alunos das aulas de Educação Física (EF) à medida que avançam nos anos escolares, além de buscar o entendimento de como a EF vem sendo tratada dentro da escola, em especial, do ponto de vista do desenvolvimento pedagógico e, como os alunos da Escola Doutor Xenofonte Mercadante percebem o componente curricular dentro de sua vida acadêmica. Por meio da análise dos resultados atingidos, ficou comprovado que o afastamento dos alunos em relação às aulas de EF diminuiu e ainda foi possível contemplar práticas corporais dentro da escola que jamais os alunos tinham vivenciado. A pesquisa comprovou que pode ocorrer o abandono de práticas que tem o esporte como conteúdo hegemônico dentro das aulas de Educação Física. Assim como também, foi pertinente possibilitar ao aluno o protagonismo em seu processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Esporte. Prática Esportiva.

MENDEL, Marcelo Moura. **Além do “Quarteto Fantástico”**: a diversificação dos conteúdos da Educação Física por meio de um planejamento. Orientador: Prof^a Dr^a Katia Lucia Moreira Lemos. 2023. 217 folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Federal de Minas Gerais/Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/Belo Horizonte, 2023.

ABSTRACT

Planning is part of the teacher's role in organizing the content to be taught, but this is not always possible when considering the school environment and its availability. The methodology of the present research had a sample composed of 20 students of the 9th grade, class A of the Municipal School Doutor Xenofonte Mercadante located in the city of Orizânia - MG. The students answered a questionnaire about the reasons for not participating in the PE classes, based on the answers, it was verified that the repetition of contents was the main reason causing discomfort to the students in participating in the classes. The questionnaire was designed with the aim of obtaining more information about the students, generating subsidies to understand their socioeconomic and cultural reality, as well as their expectations regarding the curricular component of PE. Through 28 questions, between closed and open, printed on an A4 sheet of paper, a time of 20 minutes was stipulated to answer. All students answered the questions before the end of time and did not fail to answer any questions. The aim was then to create a Didactic Unit to be developed over a period of 26 classes. Where the student was given the protagonism in the elaboration of the planning in order to reduce the distance from classes and, by having the student as co-author in the elaboration of the Didactic Unit, also contemplate a greater number of corporal practices developed in the classes. At the beginning of the research, it was noticed a certain insecurity of the students about whether they would in fact have an active voice in the choice of contents and if, in fact, they would be treated in class. The premature mistrust was soon overcome and did not serve as an obstacle to the elaboration and development of the Didactic Unit. This research aimed to investigate the reasons that cause students to withdraw from Physical Education (PE) classes as they progress through the school years, in addition to seeking to understand how PE has been treated within the school, in particular, from the point of view of pedagogical development and, how the students of the Doutor Xenofonte Mercadante School perceive the curricular component within their academic life. Through the analysis of the achieved results, it was proved that the distance between the students and PE classes decreased and it was still possible to contemplate body practices within the school that the students had never experienced. The research proved that practices that have sport as a hegemonic content within Physical Education classes can occur. As well as, it was pertinent to enable the student to play a leading role in their learning process.

Keywords: School Physical Education. Sport. Sports Practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - E. M. Drº Xenofonte Mercadante	73
Figura 2 - E. M. Drº Xenofonte Mercadante	73
Figura 3 - Quadra da E. M. Drº Xenofonte Mercadante	74
Figura 4 - Quadra da E. M. Drº Xenofonte Mercadante	74
Figura 5 - Volençol	84
Figura 6 - Jogos em quadra reduzida	85
Figura 7 - Volençol	85
Figura 8 - Jogos em quadra reduzida	86
Figura 9 - Atividades em pequenos grupos	90
Figura 10 - Jogando de forma convencional	91
Figura 11 - Jogo com bola grande	91
Figura 12 - Jogo com bola grande	92
Figura 13 - Reprodução de vídeos sobre o Badminton	96
Figura 14 - Primeiros contatos com os equipamentos de Badminton	97
Figura 15 - Atividades em duplas	97
Figura 16 – Minijogos de Badminton	98
Figura 17 – Minijogos de Badminton	98
Figura 18 – Equipamentos construídos pelos alunos	104
Figura 19 – Equipamentos construídos pelos alunos	104
Figura 20 – Equipamentos construídos pelos alunos	105
Figura 21 – Alunos apresentando a tarefa	105
Figura 22 – Alunos apresentando a tarefa	106
Figura 23 – Jogos em duplas	106
Figura 24 – Reprodução de vídeos para a introdução do conteúdo lutas	110
Figura 25 – Reprodução de vídeos para a introdução do conteúdo lutas	110
Figura 26 – Atividades de força e equilíbrio em grupos	111
Figura 27 – Atividades de força e equilíbrio em grupos	111
Figura 28 – Atividades de força em duplas	112
Figura 29 – Roda de conversa final	112
Figura 30 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente	116

Figura 31 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente	117
Figura 32 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente	117
Figura 33 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente	118
Figura 34 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente	118
Figura 35 – Movimentos para Lutas de curta e média distância	119
Figura 36 – Atividades de Sumô	127
Figura 37 – Atividades de Sumô	128
Figura 38 – Atividades de Sumô	128
Figura 39 – Atividades de Sumô	129
Figura 40 – “Espadas” construídas com material alternativo para a vivência da Esgrima.	129
Figura 41 – “Espadas” construídas com material alternativo para a vivência da Esgrima.	130
Figura 42 – Alunos registrando os possíveis locais para a realização de PCA, dentro da escola	134
Figura 43 – Alunos registrando os possíveis locais para a realização de PCA, dentro da escola.	134
Figura 44 – Alunos registrando os possíveis locais para a realização de PCA, dentro da escola.	135
Figura 45 – Alunos registrando os possíveis locais para a realização das PCA, fora da escola	135
Figura 46 – Alunos registrando os possíveis locais para a realização das PCA, fora da escola	136
Figura 47 – Alunos registrando os possíveis locais para a realização das PCA, fora da escola	136
Figura 48 – Apresentação dos grupos	137
Figura 49 – Apresentação dos grupos	137
Figura 50 – Alunos praticando o parkour	141
Figura 51 – Alunos praticando o parkour	141
Figura 52 – Alunos praticando o parkour	142
Figura 53 – Alunos praticando o parkour	142
Figura 54 – Alunos praticando o parkour	143

Figura 55 – Alunos praticando o parkour	143
Figura 56 – Alunos realizando deslocamento sobre corda	149
Figura 57 – Alunos realizando deslocamento sobre corda	149
Figura 58 – Alunos praticando o slackline	150
Figura 59 – Alunos praticando o slackline	150
Figura 60 – Alunos praticando o slackline	151
Figura 61 – Alunos praticando o slackline	151
Figura 62 – Encerramento das atividades	155
Figura 63 – Encerramento das atividades	155
Figura 64 – Dia da formatura	156

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - TEMÁTICO

80



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF	Educação Física
ProEF	Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional
UD	Unidade Didática
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacional
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
MEC	Ministério da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SEE/MG	Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
JEMG	Jogos Escolares de Minas Gerais
PCA	Práticas Corporais de Aventura
UFC	<i>Ultimate Fighting Championship</i>
PVC	Policloreto de Polivinila
TALE	Termo de assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
A 01	Aluno 01
A 02	Aluno 02
A 03	Aluno 03
A 04	Aluno 04
A 05	Aluno 05
A 06	Aluno 06
A 07	Aluno 07
A 08	Aluno 08
A 09	Aluno 09
A 10	Aluno 10
A 11	Aluno 11

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A 12	Aluno 12
A 13	Aluno 13
A 14	Aluno 14
A 15	Aluno 15
A 16	Aluno 16
A 17	Aluno 17
A 18	Aluno 18
A 19	Aluno 19
A 20	Aluno 20
A 21	Aluno 21
A 22	Aluno 22
A 23	Aluno 23
A 24	Aluno 24
A 25	Aluno 25
A 26	Aluno 26
A 27	Aluno 27
A 28	Aluno 28



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Objetivo	27
1.1.1 Objetivos específicos	27
1.2 Produto Educacional	27
2 MARCO TEÓRICO	29
2.1 A Educação Física dentro da Escola	29
2.2 Os Parâmetros Curriculares como referência	33
2.3 A Base Nacional Comum Curricular como documento normativo	36
2.4 A falta de diversificação como inquietação	38
2.5 Planejamento participativo como uma possibilidade	43
2.6 A Unidade Didática	49
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	51
3.1 Universo da pesquisa	51
3.2 Participantes	54
3.3 Materiais e Métodos	56
3.4 Procedimentos para a Coleta de Dados	59
3.5 Procedimentos para a Análise de Dados	61
3.6 Aspectos Éticos	62
4 DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO	63
4.1 Início dos trabalhos	63
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	154
5.1 Relação e expectativa com a EF	154
5.2 Participava, mas agora...	155
5.3 A monotonia como forma de afastamento	157
5.4 Brincar de quê?	158
5.5 E meus colegas...	160
5.6 Protagonizando uma nova história	161
5.7 Vamos diversificar	163
6 CONCLUSÃO	168
REFERÊNCIAS	171

APÊNDICE	176
APÊNDICE I - Entrevista padronizada ou estruturada	176
APÊNDICE II - Questionário Socioeducacional	178
APÊNDICE III – TALE	180
APÊNDICE IV – TCLE	183
APÊNDICE V - Termo de Cessão de Uso de Imagem (Estudantes)	186
APÊNDICE VI - Termo de Cessão de Uso de Imagem (Responsáveis)	187
APÊNDICE VII - Carta de Anuência Institucional	188
ANEXOS	190
ANEXO I - Plano de aula 01 e 02	190
ANEXO II - Plano de aula 03 e 04	191
ANEXO III - Plano de aula 05 e 06	192
ANEXO IV - Plano de aula 07 e 08	194
ANEXO V - Plano de aula 09 e 10	196
ANEXO VI - Plano de aula 11 e 12	198
ANEXO VII - Plano de aula 13 e 14	200
ANEXO VIII - Plano de aula 15 e 16	202
ANEXO IX - Plano de aula 17 e 18	204
ANEXO X - Plano de aula 19 e 20	206
ANEXO XI - Plano de aula 21 e 22	208
ANEXO XII - Plano de aula 23 e 24	210
ANEXO XIII - Plano de aula 25 e 26	212



1 INTRODUÇÃO

As questões que movimentam a Educação Física (EF) dentro da escola, ganharam novas e importantes proposições a partir da década de 1980. Sou formado em Educação Física (licenciatura plena) desde o ano de 2004 e sempre trabalhei em escola, mas o meu gosto por tudo que envolve esse componente curricular vem de longa data. Antes mesmo de imaginar ser formado na área.

Minha trajetória escolar/acadêmica teve início em 1985, no Município de Itaguaí - RJ, quando no segundo semestre daquele ano meus pais me matricularam no Jardim Escola Grilo Falante. Adorava a ideia de todos os dias ter que colocar um uniforme, pegar a lancheira e ir para o “Grilo Falante”. As horas no jardim da infância passavam muito rápido. Sempre tinham muitas brincadeiras, músicas e um pequeno parquinho que era o meu lugar preferido: não havia melhor sensação que descer no escorregador!

Ao finalizar o ano no Jardim, chega a hora de ir para uma escola maior e que ofereceria uma formação completa do Ensino Fundamental. Os estudos no chamado primário foram tranquilos. Não passei por grandes obstáculos até chegar a 4ª série, onde ocorreu a minha primeira e única reprovação escolar e uma decepção muito grande causada aos meus pais. Vê-los magoados e desapontados me deixou muito triste. A partir desse momento, prometi a mim mesmo que eles não teriam mais desgosto comigo em relação aos estudos.

Neste ritmo, segui para o ginásio na mesma escola (E. E. do Piranema). Agora as aulas eram no vespertino e o contato com alunos mais velhos era maior e corriqueiro. Foram quatro anos maravilhosos! Como aluno do Ensino Fundamental, adorava organizar competições para suprir a falta de um professor da área, já que a turma não teve professor de Educação Física nos anos finais. Tínhamos a indicação das aulas na grade de horário, porém esse período que deveria ser de aulas, era de “tempo vago”.

A escola não possuía uma quadra, tão pouco outros locais para que nós fizéssemos as nossas brincadeiras no tempo vago ou no recreio. O que havia era um pequeno campinho localizado próximo da entrada principal da escola e que



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



possibilitava aos alunos a utilização daquele local para algumas atividades sem a autorização prévia da direção da escola.

A escola possuía professores de todas as disciplinas, mas a que eu mais me interessava, e também a maioria dos meus colegas, não havia docentes. Mesmo assim, a escola participava de competições escolares e seus alunos “obrigados” a participar de eventos esportivos sem nenhuma orientação. Foi muito frustrante passar oito anos em uma instituição sem ter tido contato com as aulas de EF.

No ensino médio, havia alcançado um nível de escolaridade que já era o maior entre os meus familiares e me faltava referência para saber o que buscar e quais caminhos seguir. A escola do bairro não oferecia o segundo grau e um novo rumo teria que ser dado a minha vida escolar em outra instituição de ensino.

Para começar, teria que decidir entre cursar o normal ou o científico. Optei por fazer o curso científico. A aproximação com os professores de Educação Física da escola foi imediata, sempre estava por perto tentando participar mais efetivamente das coisas que cercavam aquela disciplina que me fascinava. Logo fui selecionado para a equipe de futebol de campo e me tornei capitão do time.

Apesar de meus professores trabalharem somente esportes e de forma tecnicista, eu participava de tudo e ainda exercia uma liderança em busca de alguns direitos que poderiam ser dados à EF e que a escola não fornecia, como por exemplo, ter uma quadra própria.

As competições escolares estimulavam os alunos a se dedicarem nas aulas de EF e também de outras disciplinas, pois quem gostava de jogar tinha que passar por uma grande concorrência para conseguir uma vaga nas equipes. Além de jogar bem, o aluno deveria ter boas notas e um comportamento exemplar. Hoje, tenho o entendimento que esse sistema era resquício de um modelo esportivista implantado nas escolas pelo regime militar, também perpetuado nos cursos de EF e que em alguns locais ainda têm ressonância.

Os professores, no geral, tinham uma sensibilidade muito grande com todos, buscando transmitir conteúdos sem uma cobrança exacerbada e sempre nos alertavam para termos atenção na escolha de uma carreira e o quanto seria necessário prestar um bom vestibular. Os três anos de aulas no “Teotônio Vilela” foram os melhores da minha vida escolar.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Ingressar na faculdade, que almejava, não foi fácil. Foram dois longos anos de incertezas e dúvidas. Ainda pulsava o sonho de ser jogador profissional de futebol, como a maioria dos rapazes da minha idade, mas também batia à porta a dura realidade do mundo fora dos sonhos e com as obrigações do cidadão maior de idade.

Então, após ter concluído o Ensino Médio e o período de incertezas, consigo, depois de um esforço enorme, entrar na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Rural). Cheguei à faculdade de Educação Física e ali foi possível desfrutar dos ensinamentos que mais tarde me formariam como professor, e que, na verdade, continuo buscando essa formação a cada dia.

Os anos dentro da “Rural” e do curso de Educação Física foram repletos de experiências riquíssimas. A formação oferecida passava por um momento de transição. As aulas eram voltadas para um saber fazer, predominava o ensino da técnica durante as aulas de práticas corporais, na maioria, esportes. Ainda era forte o modelo de aptidão física na formação do professor de Educação Física.

Ingressei na Faculdade no ano de 1999, neste período era grande o interesse pelas competições esportivas Universitárias. Eram jogos da EF, jogos da Veterinária, Jogos Abertos e os inesquecíveis Jogos da Primavera. Por sermos alunos da EF, meus colegas e eu estávamos sempre envolvidos nesses eventos, direta ou indiretamente. Era muito gratificante viver naquela rotina rodeada de práticas e eventos esportivos.

Dentre vários momentos de aprendizado, fui contemplado com grandes debates políticos, dentro do curso e da própria Universidade. As eleições para o Centro Acadêmico e diretórios escolares viravam foco de grandes discussões, mas proporcionavam o exercício de ouvir o outro, de escutar o contraditório.

Os anos na graduação passaram muito rápido, mas posso afirmar que aproveitei cada instante, cada aula, cada evento esportivo, cada corrida na aula de Aptidão Física, cada *slide* da aula de fisiologia, cada braçada da aula de natação, cada refeição realizada no “bandejão”, o restaurante universitário, cada caminhada de quinze minutos de um local de aula para o outro.

A minha turma foi uma das últimas a se formar no curso de licenciatura plena, que conferia ao egresso o título de bacharelado e licenciado em Educação Física. As aulas aconteciam em tempo integral (matutino e vespertino). Enfim, bons e



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



gloriosos tempos de muita aprendizagem e satisfação, que tive a honra de vivenciar nas quatro linhas da querida “Rural” e me deu um título, que muito me orgulha, de ser professor.

Quando cheguei à Orizânia, um pequeno município localizado na zona da mata de Minas Gerais, no ano de 2004 para assumir o cargo de professor de Educação Física do Município, não imaginava ficar um longo tempo trabalhando e vivendo em terras mineiras, onde me encontro atualmente, em 2023. Era a primeira experiência como professor. Antes, havia trabalhado com responsabilidades e obrigações de professor, porém sendo remunerado e reconhecido como estagiário.

Comecei uma experiência única e muito gratificante por meio do meu trabalho com os meus alunos. De início, assumi dez turmas de Ensino Fundamental ao final do ano. Não havia um ponto de reinício do ano letivo em relação ao que os alunos aprenderam no ano anterior, pois as aulas eram pautadas no abandono da prática docente: um “rola bola” interminável!

Minha chegada à escola despertou muita curiosidade e expectativa (foi quase um evento...). Com um sotaque carioca um tanto carregado e muita vontade de trabalhar com EF da maneira que eu acreditava ser a adequada, busquei a todo momento ser assertivo e não decepcionar meus alunos.

Enquanto o trabalho foi sendo desenvolvido com os discentes, os demais atores do ambiente escolar foram observando o desenvolvimento das aulas e algumas atividades extraclasse, gerando uma mudança de visão que se tinha da EF.

É possível dizer que, mais que uma mudança, aconteceu uma grande transformação da EF dentro da escola. Uma transformação que proporcionou legitimidade ao componente curricular da EF e gerou ganhos de equipamentos para serem utilizados nas aulas.

Confesso, que a princípio, o esporte sendo trabalhado de maneira hegemônica, funcionou como uma mola propulsora para elevar o reconhecimento da EF como componente curricular e manter os alunos interessados nas aulas. De acordo com Assis de Oliveira (2010), ainda hoje o esporte é conteúdo exclusivo ou prioritário nas aulas de EF e algumas formas culturais vem sofrendo adaptações para se encaixarem no mundo do esporte.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Sempre, junto aos alunos, foram realizados: campeonatos, torneios, intercâmbios, viagens; sempre buscando apresentar-lhes o máximo e proporcionar o seu desenvolvimento. Assim como, chamar a atenção da comunidade escolar para observarem a EF com outros olhos. Gonzalez (2020) afirma que a perspectiva de uma EF esportivizada é caracterizada por aulas que excluem os alunos menos habilidosos. Sempre foi parte essencial do meu trabalho, dar oportunidade de participação a todos, porém não proporcionar atividades e conteúdos mais diversificados, talvez tenha sido motivo para que alguns alunos se sentissem excluídos. Só agora, depois de algum tempo, consigo fazer essa reflexão.

Sem o estigma que existia antes da minha chegada em torno da EF, que consistia no predomínio do abandono da prática docente, a tentativa foi atrair a atenção dos alunos, que esperavam algo de um componente curricular que tem muito a oferecer. Então, as experiências que foram trazidas de estágios em escolinhas de esportes somadas à própria formação dentro da faculdade foram suficientes para o desenvolvimento de aulas que os alunos ainda não haviam tido contato.

Hoje em dia, após vários tensionamentos, a EF tem o seu lugar de reconhecimento dentro do ambiente escolar em que atuo. Evidente, que decorridos esses vários anos de vivências, outros conteúdos contemplados pela EF foram inseridos e repaginados nas aulas ao longo da vida profissional. Houve uma melhor aceitação dos alunos em relação ao que havia no cenário inicial de aula, como por exemplo, meninos jogavam Futsal e meninas, queimada.

Com o passar dos anos de docência e a transformação natural que ocorre com os alunos, a escola e a própria sociedade, foi necessário um momento de extrema necessidade por buscar novos conhecimentos dentro da área que havia escolhido como profissão. Um novo desafio acadêmico teria que ser buscado para que pudesse evoluir como professor.

Em 2016, participei do processo seletivo para a primeira turma do ProEF, mas ainda não era o momento de realizar mais um sonho dentro da área profissional. Com as inscrições abertas para a segunda turma no ano de 2020, intensifiquei a minha preparação na busca por uma vaga no curso de pós-graduação. Durante a preparação, pude ter a confirmação que algo em minha prática pedagógica estava desconexo e eram necessárias alterações.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Com a aprovação no processo seletivo e o começo das aulas, veio a constatação do que deveria parecer óbvio: minhas aulas precisavam mudar, minha prática precisava ser transformada, desconstruindo algo que já era tinha como sólido e consistente na prática pedagógica. As aulas necessitavam de mudanças, representar um significado maior, ter mais amplitude, prender o interesse e participação dos alunos em aprender a EF. Manter a paixão viva e forte com o componente curricular.

Poder desfrutar de um curso de formação continuada, onde a vivência com professores altamente gabaritados e colegas de curso que a todo momento compartilham experiências, de maneira generosa, que contribuem muito para a construção de uma EF mais legitimada, é realmente uma grandiosa oportunidade.

Passar por esse processo de formação, está sendo muito prazeroso. Apesar de, por vezes, sofrer com um sentimento de angústia e incapacidade de não cumprir com as tarefas e atribuições que um curso de mestrado requer. Mas esse sentimento logo passa, quando recordo a motivação para chegar até aqui: ser um professor melhor para os meus alunos. E para alcançar esse objetivo é gritante uma busca por novos conhecimentos. É necessário superar os obstáculos e transformá-los em estímulos.

Já na primeira disciplina, problemáticas da Educação Física, o *start* de que a EF passa por situações peculiares que nenhum outro componente curricular passa nas entranhas da escola, ficou ainda mais claro.

Tenho uma formação que completa 20 anos em 2023 e sempre desenvolvi, quase que de forma hegemônica, os esportes em minhas aulas. A maneira de trabalhar o conteúdo esportivista, sempre foi muito mecanicista. De início, pude observar dentro das aulas, através das explanações dos professores e também dos colegas de curso, que a forma com que vinha tratando os conteúdos precisava ser revista.

O percurso de formação no ProEF, com as disciplinas subsequentes foram basilares para que eu obtivesse a certeza de ser necessário ampliar a importância do planejamento e buscar romper com ideias que já se perpetuavam dentro de mim, como a utilização de conteúdos hegemônicos e sem pluralidade. Onde pouco ou



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



quase nada dialogam com a realidade e o verdadeiro interesse dos alunos. Entender também, que o discente pode ser o protagonista no seu processo de aprendizagem.

A exemplo, na disciplina “Educação Física e planejamento”, durante a apresentação de um trabalho que era necessário discorrer sobre uma experiência exitosa nas aulas, o professor fez um comentário, logo após ver a minha apresentação: “Leia o artigo do professor Valter Bracht”: “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”. Ao fazer a referida leitura, pude entender com nitidez, o que o professor tinha a intenção de demonstrar com a sugestão.

A prática que vinha empregando na escola junto aos meus alunos com a utilização dos esportes como conteúdo hegemônico, servia para reforçar o controle social implantando cada vez mais os valores e normas dominantes, sem possibilidades para críticas e extremamente reprodutora.

Para Bracht (1986, p. 63):

Muitos pedagogos da Educação Física/Esporte têm realçado a contribuição da atividade esportiva na socialização das crianças, contribuição essa, que tem sido utilizada como justificativa para a inclusão da Educação Física nos currículos escolares. Neste sentido, as colocações indicam que a criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem “os outros”, que para a convivência social precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento (Oberteufer e Ulrich, 1977); aprendem as crianças também, a conviver com vitórias e derrotas; aprendem a vencer através do esporte a independência e a confiança em si mesmos, o sentido de responsabilidade, etc.

O autor ainda afirma que tais colocações que buscam consolidar o esporte dentro da escola, não o fazem através de um conceito de EF crítica: “Uma EF que parta de uma “análise crítica da relação entre a Educação Física/Esporte e o contexto socioeconômico-político e cultural em que se objetivam” (BRACHT, 1986, p. 63).

Em um outro momento da formação, uma professora em um encontro síncrono de aulas remotas, levantou a importância de conhecermos não somente os alunos que estão participando de nossas aulas, mas também buscar ter o conhecimento de todos os sujeitos que compõem o Ambiente Escolar. Esse comentário foi tocante e gerou um questionamento: será que tenho conhecimento de como são os meus alunos? Como buscar esses conhecimentos? E os demais sujeitos?



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A escola e a EF devem respeitar os conhecimentos que são construídos pelos alunos em sua comunidade. Colocar em discussão a razão de alguns saberes serem contemplados dentro da escola e outros ficarem de fora (FREIRE, 2011). Possibilitar o desenvolvimento de novas culturas e a criação de outras através do reconhecimento de como o seu aluno é e deseja ser.

Sou privilegiado por trabalhar e morar em uma cidade muito pequena e interiorana. Porém, tem seus desafios, por exemplo, a indisciplina é um problema, em contrapartida, a possibilidade de ter alunos disciplinados talvez tenha sido o motivo para que me acomodasse na minha prática. Refletindo, as aulas podem não ter dado possibilidade aos alunos desenvolverem um senso crítico de leitura do mundo, como também tenha passado despercebido a realidade que os alunos e sujeitos da escola se encontram.

Entendo, então, que conhecer os alunos de maneira mais ampla; seus desejos, anseios, receios e sonhos; é um fator basilar para conseguir atingir uma prática pedagógica de qualidade.

Os textos indicados no programa das disciplinas, seguidos por uma leitura mais atenta e um amplo e valoroso debate entre professores e colegas de curso, proporcionaram muitas reflexões. As intervenções feitas pelos docentes nos temas que envolvem a EF escolar, tinham alta ressonância nas experiências trazidas e colocadas como exemplo pelos colegas.

Por meio das aulas do mestrado foi possível entender o quanto é importante a troca de experiências bem-sucedidas, assim como também, a percepção de que os problemas são semelhantes para todos os colegas. Dificuldades de reconhecimento da disciplina perante aos colegas e a comunidade escolar como um todo, indisciplina de alunos durante as aulas, infraestrutura direcionada às aulas deficitária, afastamento dos alunos das aulas, direção da escola impondo funções que não estão de acordo com as demandas do professor, material pedagógico insuficiente, obstáculos para conseguir uma formação continuada e outras mais.

Uma das questões mais intrigantes foi o motivo pelo qual os alunos afastam-se das aulas de EF à medida que avançam nos anos de escolaridade. Das várias discussões surgidas nas aulas do mestrado, sobretudo acerca do universo da Educação Física Escolar e a própria Educação como um todo, foi percebido o desejo



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



de investigar se o afastamento dos alunos das aulas de EF justificam-se pelo fato do componente curricular, sistematicamente, estar repetindo alguns conteúdos. Por exemplo: fazer uso exclusivo e permanente do conhecido “quarteto fantástico”, onde ao longo dos anos de escolaridade e de forma mecânica trabalha-se o Voleibol, Futsal, Basquetebol e Handebol.

De acordo com Darido, Gonzalez e Ginciane (2018), os alunos em geral tem uma boa percepção e aprovação da disciplina EF, tendo a como uma de suas preferidas dentro da escola, mas apesar dessa percepção positiva, fica claro que acabam se afastando das aulas de EF, quando avançam nos anos escolares. Seguindo a linha dos autores, esse afastamento gradativo acontece por múltiplas razões:

é consenso que o afastamento dos alunos ocorre por múltiplas razões e, em vista disso, não temos a pretensão de esgotar o assunto nesse texto. Ainda assim, é possível apontar aspectos relevantes associados a esse fenômeno, em especial, no que se refere à forma como o componente é desenvolvido: a) a repetição dos conteúdos tratados ao longo da Educação Básica; e b) o insucesso e exclusão de uma parte importante dos estudantes das aulas (Darido, Gonzalez e Ginciane, 2018, p. 108).

Pode-se dizer que, uma possibilidade para que esse afastamento seja reduzido e, até mesmo deixe de existir, é propiciar aos alunos que eles tenham uma relação dialógica com o planejamento e, através de um posicionamento crítico e de grande participação, venham a se sentir contemplados com os conteúdos a serem tratados. Fazendo com que esses conteúdos se desenvolvam de maneira reflexiva e também possa se observar uma maior diversificação dos mesmos ao longo das aulas.

A Educação e a própria EF, vem trabalhando de forma a reproduzir aquilo que é interessante para as classes dominantes. Como afirmam Maldonado e Neira (2022) é necessário um movimento no sentido contrário e a produção e reprodução de conteúdos contra hegemônicos para possibilitar uma EF de qualidade que desperte no aluno o senso crítico e o leve a vivências e reflexões enriquecedoras.

É notório que a medida que os alunos avançam nos anos escolares, o interesse dos mesmos nas aulas de EF vai diminuindo e um dos possíveis motivos citados por esse afastamento é a repetição de conteúdos e também a falta de



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



oportunidade de se estudar práticas que estão dentro de um contexto cultural da realidade do aluno ou de seus anseios.

Com a experiência adquirida ao longo desses anos de docência e a convicção de que devo melhorar a minha prática pedagógica, vejo com motivação e entusiasmo a perspectiva de possibilitar aos alunos a participação no planejamento e através dessa participação, atingir uma maior diversificação dos conteúdos tratados nas aulas de EF, reduzindo assim, o afastamento dos discentes das aulas, sobretudo, dos anos finais do Ensino Fundamental.

1.1 Objetivo

O seguinte estudo busca investigar os motivos que causam o afastamento dos alunos das aulas de Educação Física à medida que avançam nos anos escolares. Além de buscar o entendimento de como a EF vem sendo tratada dentro da escola, em especial, do ponto de vista do desenvolvimento pedagógico e, pessoalmente, como os meus alunos percebem o componente curricular dentro de sua vida acadêmica.

1.1.1 Objetivos específicos

- a) Identificar práticas capazes de diversificar os conteúdos tratados nas aulas de educação física;
- b) Apresentar uma proposta de planejamento participativo como forma de tornar o aluno protagonista no seu processo de aprendizagem;
- c) Identificar ações ou propostas capazes de reduzir o afastamento dos alunos das aulas de educação física.
- d) Proporcionar ações que promovam o aluno à coautoria na elaboração e execução do planejamento.

1.2 Produto Educacional



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Estratégias de intervenção em problemáticas específicas da Educação Física Escolar. Unidade Didática.





2 MARCO TEÓRICO

2.1 A Educação Física dentro da Escola

A Educação Física adentrou a escola com objetivos diferentes daqueles que temos hoje em dia. No início, a ginástica, como era chamada a EF, tinha como preocupação central o desenvolvimento de hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral, através do exercício físico (DARIDO e RANGEL, 2005).

Com o passar dos anos, os objetivos em torno da disciplina foram se modificando, quase sempre atrelados a um plano de governo e utilizando a EF como meio para atingir seus fins. Por exemplo: a partir do golpe militar de 64, quando a EF é tomada pelo modelo esportivista com aulas que priorizavam o rendimento e tinham como consequência a exclusão dos menos aptos:

Os governos militares que assumiram o poder em março de 1964 passam a investir pesado no esporte, na tentativa de fazer da educação física um sustentáculo ideológico, na medida que ela participaria na promoção do País através do êxito em competições de alto nível. Nesse período, a ideia central girava em torno do Brasil-Potência, no qual era fundamental eliminar as críticas internas e deixar transparecer um clima de prosperidade e desenvolvimento (DARIDO e RANGEL, 2005, p. 4).

Ainda sobre o regime militar, a EF é utilizada como meio na intenção de desarticular o movimento estudantil, tendo em vista a Reforma Universitária consolidada na Lei 5.540/68, buscando através de seu caráter lúdico esportivo o esvaziamento de qualquer rearticulação do movimento estudantil (CASTELLANI FILHO, 2013).

Por muito tempo, a EF foi estigmatizada como uma disciplina inferior às demais que gozam de um “status superior” no meio escolar. Nem sempre, a sua presença na escola que é garantida pela lei, conferiu uma legitimidade à disciplina e reconhecimento de seus professores junto a seus pares.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB de 1961, já trazia em seu texto a obrigatoriedade da prática da EF para os alunos dos cursos primários e médio com idade até dezoito anos.

Mais tarde, uma nova reforma educacional ocorreu com a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971).

Como afirmam Darido e Impolcetto (2020, p. 15), “em relação à Educação Física o artigo 7º da lei, deixou de fazer referência ao limite de idade de obrigatoriedade da prática, tornando-se obrigatória em todos os níveis de ensino”. No mesmo ano ocorre o Decreto de nº 69.450 atribuindo à EF uma nova regulamentação:

[...] atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constituindo um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional (BETTI, 1991, p. 104).

O termo atividade, que consta na lei, remete à EF, um fazer prático e não leva em conta que a disciplina seria muito mais que um fazer pelo simples fazer. O papel da disciplina que sempre foi inferiorizado perante às demais é identificado de modo simplista e mais uma vez conveniente para os que querem fazer uso da mesma para atender os seus ideais.

Essa desvalorização da EF também reflete em seus professores, o que não poderia ser diferente. A comunidade escolar e, também, a própria sociedade civil constroem um estereótipo de um professor que na verdade é identificado como: treinador, recreador ou até mesmo um adestrador do físico.

Um novo marco para a Educação Brasileira ocorre no ano de 1996 com a promulgação da nova LDB por meio da Lei nº 9.394/1996. O parágrafo 3º do artigo 26 da LDB determina uma importante mudança para a EF:

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos (BRASIL, 1996).

Apesar de transparecer um avanço, a nova lei deixa algumas incertezas. No âmbito da EF, as mudanças contidas na LDB não foram tão significativas, uma vez



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



que os profissionais que ministrariam as aulas não precisariam ter uma formação específica e tão pouco era um componente ofertado em todas as etapas da educação básica.

No ano de 2001, aconteceu uma alteração do art. 26 em seu § 3º da LDB. A redação tornou-se mais explícita, indicando que a EF é componente curricular obrigatório. Apesar de algumas críticas à Lei, é possível observar avanços, como por exemplo, a ligação da EF ao projeto pedagógico da escola. Assim, estando integrada ao cotidiano escolar e ao reconhecimento de ser um componente curricular.

A LDB ainda trazia em seu texto uma parte considerada negativa, que o oferecimento de aulas de EF para os alunos do período noturno, privando assim, a esses alunos, o contato com seus conteúdos. Então, ocorre em 01/12/2003 mais uma mudança que determinou que:

A prática da educação física fosse facultativa não mais a todas as pessoas que estudassem em período noturno, mas sim àquelas que, independente do período de estudo, se enquadrassem nas seguintes condições: mulheres com prole, trabalhadores, militares, pessoas com mais de 30 anos e portadores de determinadas moléstias (BRASIL, 2003).

Com o disposto na nova redação da Lei, a EF no período noturno não é mais facultativa, se estendendo a todos os alunos que se encaixarem nas condições descritas. Esses critérios de garantia de facultatividade, acabam por trazer um retrocesso na área, “pois a disciplina está sendo considerada a partir de uma visão biológica (...) como o homem pudesse ser dividido em partes no processo de educação” (DARIDO e IMPOLCETTO, 2020, p. 21).

As autoras apontam ainda a necessidade de organização política na área, para que Municípios e Estados elaborem leis que possam minimizar os problemas decorrentes da Lei Federal.

Junto às reformulações das legislações referentes, a EF sofreu também na década de 80, uma grande crise de identidade, onde a disciplina questiona o seu real papel dentro da escola. Esse período ficou marcado com o surgimento de vários estudos que tinham como objetivo a quebra do que se havia instituído nas escolas como papel da EF.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Surgiram então, várias abordagens pedagógicas da EF Escolar que segundo Darido e Rangel (2005), coexistem até hoje, tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional. Modelo perpetuado e endeusado por um longo tempo dentro da área. Uma das maiores requisições do “movimento renovador” era que a EF deixasse de ser encarada como atividade e passasse a uma condição de disciplina escolar. Conquista atingida com o advento da LDB de 1996.

As abordagens críticas da EF contribuíram muito para o crescimento da disciplina, mas também proporcionaram uma grande confusão na cabeça de alguns professores formados há anos e acostumados a trabalhar de uma mesma maneira rotineiramente.

As mudanças trazidas pelas novas proposições, apresentavam muito mais limites do que deveria ser tratado dentro das aulas do que programas a serem apreciados. Como que de repente tudo o que se aprendeu na faculdade não era mais o que deveria ser ensinado nas escolas?

González (2020, p. 138), explica que:

é bastante clara a percepção de que o movimento de desconstrução da tradição da EF, iniciado na década de 1980, foi mais bem sucedido em apontar o que não fazer nas aulas, uma didática negativa, ou de negação, do que em afirmar proposições que apontassem propostas de intervenção consistentes em diálogo com as possibilidades do cotidiano escolar.

O pensamento do professor, se cercava de muitas dúvidas e quase nada de certezas. O esporte, até então trabalhado de forma hegemônica na escola, agora era muito criticado e mesmo a sua permanência dentro dos conteúdos tratados no ambiente escolar era colocado em dúvida. Muitos professores continuaram com as suas práticas convencionais, mesmo após o movimento renovador; outros, em um conflito grandioso de identidade optaram por se tornar um professor “rola a bola”.

De acordo com González (2020), as duas possibilidades que se apresentavam, eram antagonistas ao que realmente os professores que estavam à frente do movimento renovador esperavam. A expectativa era que os profissionais aderissem a práticas inovadoras, que suas práticas pudessem fornecer maiores



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



possibilidades para sustentar e defender o lugar da disciplina de EF dentro da escola. Que o professor e a disciplina fizessem parte do projeto da escola e não mais participasse como coadjuvante, apenas respondendo a outros projetos.

É possível afirmar que a EF, como um componente curricular, vem passando por grandes transformações pedagógicas com o surgimento do movimento renovador. Várias questões que de longe faziam parte da tradição da EF dentro da escola, passam a ser questionadas e o que realmente dava sustentação à disciplina, é quebrado de maneira definitiva (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2010).

Aos professores que tiveram uma formação galgada na base esportivista, acabam por encontrar dificuldades para entender essa nova ordem da EF, enfrentando dificuldades para romper com o que tinham como certezas. Talvez, ainda hoje nas escolas, a prática ainda esteja distante do discurso do movimento renovador.

Cabe ao professor, através de sua prática consciente, buscar a legitimidade e reconhecimento que o componente curricular merece perante aos alunos e a comunidade escolar. Retirar a EF da periferia em que se encontra no meio escolar. Possibilitar o desenvolvimento de todo vasto e valioso conhecimento que a EF pode tratar em suas aulas dentro da escola.

2.2 Os Parâmetros Curriculares como referência

Dois anos após a promulgação da LDB, surgem os Parâmetros Curriculares Nacional - PCNs. A criação dos Parâmetros tinha como um dos seus objetivos proporcionar referenciais para uma nova proposta curricular, como também dar à escola a possibilidade de elaborar o seu projeto educacional. As proposições contidas nos PCNs correspondem:

à necessidade de referenciais a partir dos quais o sistema educacional do País se organize, a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos (BRASIL, 1997, p. 13).



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Dessa forma, os PCNs buscavam uma proposta mais maleável para o currículo que respeitasse as particularidades e peculiaridades de um País multicultural e de extensões continentais como o Brasil, sem perder de vista ações que buscassem uma melhoria efetiva da qualidade da educação brasileira (BRASIL, 1997).

Em relação à EF, a nova proposta dos PCNs chega com importante relevância para a área. O objetivo era romper com a maneira que a disciplina vinha sendo desenvolvida na escola, como também a ampliação dos conteúdos tratados nas aulas. Saindo do esporte como conteúdo hegemônico e ampliando o entendimento de EF para além de aspectos fisiológicos e técnicos.

Os parâmetros trazem para a EF um entendimento que a disciplina tem como tarefa que é garantir aos alunos acesso às práticas da cultura corporal, o que contribui para a construção de um estilo pessoal, com o objetivo de exercer essas práticas através de instrumentos que forneçam capacidade para apreciação crítica (BRASIL, 2001).

Darido (2003), aponta que os PCNs trazem três aspectos de relevância para aulas de maior qualidade que são: o princípio da inclusão, as dimensões dos conteúdos (atitudinais, conceituais e procedimentais) e os temas transversais.

Esses aspectos são de grande importância para o desenvolvimento da EF como componente curricular, pois além de destacar que a disciplina não estaria condicionada a apenas fazeres práticos procedimentais, traz também a importância de sua parte conceitual, que é saber sobre o que fazer e o que se faz sobre esse fazer que é o conteúdo atitudinal. Vale ressaltar que, o destaque para o aspecto da inclusão de todos os alunos nas aulas, tem influência direta na legitimidade e na ampliação das dimensões do conhecimento.

Já os aspectos dos temas transversais, colocados nos parâmetros, procuravam dar maior visibilidade a problemas do cotidiano da sociedade, de forma a tratá-los didaticamente, mas sem perder o objetivo da disciplina que tinha como objetivo integrar o cidadão na esfera da cultura corporal (DARIDO, 2003).

Através dos PCNs, acontece a categorização dos conteúdos que utilizam as três dimensões do conhecimento como referência em busca por contribuir para a formação do cidadão crítico e reflexivo. Como afirma Brasil (1998, p. 19):



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Os conteúdos são apresentados segundo sua categoria conceitual (fatos, conceitos e princípios), procedimental (ligados ao fazer) e atitudinal (normas, valores e atitudes). Os conteúdos conceituais e procedimentais mantêm uma grande proximidade, na medida em que o objeto central da cultura corporal de movimento gira em torno do fazer, do compreender e do sentir com o corpo. Incluem-se nessas categorias os próprios processos de aprendizagem, organização e avaliação. Os conteúdos atitudinais apresentam-se como objetos de ensino e aprendizagem, e apontam para a necessidade de o aluno vivenciá-los de modo concreto no cotidiano escolar, buscando minimizar a construção de valores e atitudes por meio do currículo oculto.

A partir dos PCNs, os professores passam a ter mais possibilidades para desenvolverem as suas aulas. A EF que desde muito tempo teve um caráter utilitário onde o desenvolvimento da aptidão física era tido como a questão basilar dentro das aulas, agora tem como objetivo definido formar o cidadão através da cultura corporal de movimento, como é constatado em Brasil (1998, p. 29):

Portanto, entende-se a Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

Além das contribuições valorosas já citadas, os parâmetros também trouxeram avanços para a área quanto à organização dos conteúdos. Destacando que estando de acordo com projeto político pedagógico da escola, os conteúdos serão organizados em três blocos (esportes, jogos, lutas e ginásticas; atividades rítmicas e expressivas; conhecimentos sobre o corpo) e deverão ser desenvolvidos ao longo do ensino fundamental (BRASIL, 1998).

A abordagem cidadã, como se refere aos PCNs, Darido e Rangel (2005), tem como objetivo a formação crítica do cidadão, promovendo a inserção de todos os alunos à cultura corporal de movimento. A ideia é que os parâmetros sirvam de referencial para o professor na elaboração do seu planejamento, sendo flexíveis e podendo sofrer adaptações de acordo com a realidade regional de cada escola.

Os PCNs buscam a valorização da cultura corporal de movimento e a participação integral de todos os alunos nas aulas. Para isso, sugere que as aulas de



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



EF não fiquem centradas em apenas uma parcela da cultura corporal. Como afirma Darido e Rangel (2005): a diversificação das vivências em aulas é muito importante, além dos esportes tradicionais, como por exemplo, futebol, voleibol e basquetebol. É necessário a inclusão da ginástica, jogos, brincadeiras em geral, luta e dança; o que pode contribuir para a adesão do aluno à EF conforme se identifica com as atividades.

2.3 A Base Nacional Comum Curricular como documento normativo

No ano de 2017 é lançada a Base Nacional Comum Curricular. A BNCC vem como um documento de caráter normativo que foi produzido por vários atores da educação nacional (básica e superior) e também por funcionários do MEC. O documento antes de chegar à versão final, teve outras duas versões. Por algumas divergências, nem todos os profissionais que faziam parte da equipe na elaboração da Base nas duas primeiras versões estavam presentes na publicação oficial.

A BNCC traz como um dos seus objetivos, o desenvolvimento de competências e estabelece um conjunto de aprendizagens essenciais que os alunos têm direito.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2017, p. 7) (*grifo nosso*).

Algumas críticas são realizadas em direção ao documento final da BNCC, como a possível diminuição da autonomia da escola e do próprio componente da EF. Dentro da Base, a EF é definida como:

componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (BRASIL, 2017, p. 211).



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Em relação aos PCNs, a BNCC demonstra um avanço significativo para a área, ao localizar a EF na área de linguagens junto aos componentes de Língua Portuguesa, Artes e Língua Estrangeira Moderna. Essa organização por área acaba por incentivar a valorização dos conhecimentos que os componentes têm em comum e evita que esses conhecimentos sejam percebidos de forma isolada. Porém, há dificuldades desse entendimento por parte de alguns professores devido a sua formação inicial, que não refletem as dificuldades dos docentes quando estão atuando na escola e a falta de formação continuada com condições adequadas para sua realização.

A BNCC em relação à EF indica três elementos fundamentais e comuns para que haja práticas corporais: o movimento corporal, a organização interna e o produto cultural. O documento também organiza os conteúdos da EF em “Unidades Temáticas”, que são: Brincadeiras e Jogos; Esportes; Ginásticas; Danças; Lutas e Práticas Corporais de Aventura. Cada “Unidade Temática” tem os seus “Objetos de Conhecimento” que devem ser contemplados pelo currículo durante os anos de escolaridade e referem-se aos conteúdos, conceitos e processos mobilizados através de diferentes habilidades (BRASIL, 2017).

Vale ressaltar, que a BNCC apesar de obrigatória, não constitui a totalidade do que deve ser ensinado. A escola, através do seu Projeto Político Pedagógico - PPP, tem a liberdade de agregar ao currículo o que for mais próximo da sua realidade.

Em seu texto, a BNCC salienta que o caráter de ludicidade deve estar presente em todas as práticas corporais, mas não deve ser a finalidade da EF dentro da escola. E, delimita as habilidades, privilegiando oito dimensões do conhecimento: Experimentação; Análise; Compreensão; Reflexão sobre ação; Fruição; Uso e apropriação; Construção de valores e Protagonismo comunitário.

Ainda de acordo com a BNCC, não há hierarquia entre as dimensões, cada uma exige diferentes abordagens e dificuldades para que se tornem relevantes e significativas.

Considerando as características dos conhecimentos e das experiências próprias da Educação Física, é importante que cada dimensão seja sempre abordada de modo integrado com as outras, levando-se em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva. Assim, não é possível operar como se as dimensões pudessem ser tratadas de forma isolada ou sobreposta. (BRASIL, 2017, p. 222).





Concomitantemente com as competências gerais e as competências comuns na área de linguagens, segundo a BNCC, a EF deve garantir aos alunos do Ensino Fundamental o desenvolvimento de dez competências específicas.

1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.
3. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. (BRASIL, 2017, p. 223).

Esse documento fornece a possibilidade de reflexões em torno da escola e principalmente para nossa área, a medida que busca fornecer subsídios na intenção da construção de um currículo. É necessário atentar para as possibilidades de inclusão dos mais variados temas que podem e devem ser tratados nas aulas de acordo com cada realidade que a escola está inserida.

Sendo perceptível que qualquer documento teria grande dificuldade de abranger as várias realidades do país, a utilização da BNCC pelo professor, com adequações de acordo com a diversidade de contexto, seria uma facilitadora para se chegar a um número maior de práticas corporais contempladas nas aulas de EF e também promover o protagonismo do aluno.

2.4 A falta de diversificação como inquietação



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Tendo a formação continuada, também como um espaço de debates e reflexões que buscam o entendimento das questões que envolvem a nossa área, as aulas no ProEF possibilitaram o levantamento de inúmeras problemáticas que cercam a EF escolar. O entendimento do porquê acontece um afastamento dos alunos das aulas quando avanço em sua escolaridade, foi o que mais chamou a atenção.

Darido, González e Ginciene (2018), trazem em seu texto uma confirmação dessa problemática, quando apontam que os alunos acabam se afastando das aulas de Educação Física e também das práticas corporais de uma forma geral. Especialmente, quando avançam nos ciclos escolares.

Acredito que a falta de diversificação dos conteúdos trabalhados nas aulas seja um fator preponderante para esse afastamento. Como apontam:

Um possível motivo para o afastamento dos alunos das aulas de Educação Física escolar diz respeito à repetição dos mesmos conteúdos ao longo de todo o processo de escolarização e a pouca diversificação dos mesmos. Chicati (2008) sinaliza, neste sentido, quando afirma que de fato o esporte é frequentemente o conteúdo quase exclusivo das aulas desde os anos iniciais do Ensino Fundamental e, conseqüentemente, não são tematizadas outras práticas corporais. Isso pode progressivamente afastar parte dos alunos que apresentam outras preferências. Paes (2002, p. 91) descreve esse problema como a “prática repetitiva de gestos técnicos em diferentes níveis de ensino”. As mesmas práticas ou atividades são repetidas nos diferentes níveis de ensino, perdendo ao longo dos anos atratividade para os alunos.

Como percebemos na citação acima, o aluno acaba por se “decepcionar” com os conteúdos repetitivos que vão se acumulando ao longo dos anos de escolaridade e o interesse pelas aulas de Educação Física diminui consideravelmente. Para Betti (1999) é preocupante deixar o aluno se decepcionar tanto quanto naturalizar o quarteto fantástico como o conteúdo da Educação Física. É curioso observar o interesse do aluno quando está nos anos iniciais em relação à EF e como esse arroubo diminui com o passar dos anos.

Ainda como aluno na Educação Básica, presenciei de forma muito clara um repertório de práticas que não contemplavam nem mesmo o “quarteto fantástico”. Na realidade, a oportunidade de ter um professor de EF só se materializou no Ensino Médio. As aulas eram, basicamente, realizar jogos de vôlei, futsal e handebol. Até mesmo a vivência do basquete foi negligenciada à turma. Uma decepção muito grande, pois a expectativa também era enorme em torno das aulas. Vivenciei uma total falta de amplitude e variação de conteúdos tratados nas aulas.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Durante o desenvolvimento da EF dentro da escola, é muito comum observar que essas aulas dedicadas ao conteúdo esporte aconteçam da mesma maneira no 6º ano dos anos iniciais e no 3º ano do Ensino Médio. Do ponto de vista do aluno, parece haver realmente uma identificação do significado da disciplina com o esporte, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental (BETTI, 1999). Por vezes, os alunos se referem à aula de EF na escola como aula de vôlei, por exemplo, ou qualquer outro componente do “quarteto fantástico”.

Como forma de ilustrar que essa concepção de que a EF e esporte são sinônimos e está enraizada dentro da escola e da comunidade escolar, faço um pequeno relato de um acontecimento em uma feira de profissões realizada em nossa escola no ano de 2019.

O projeto da feira, teve início com uma pesquisa de preferência entre os alunos de quais profissões eles queriam ter contato, quais carreiras profissionais causavam-lhes maior interesse. Após ouvir os alunos e com os dados da pesquisa em mãos, a EF foi a segunda com maior interesse, a direção da escola junto à parte pedagógica, organizou um dia de culminância do projeto onde seriam montados vários estandes, contemplando as profissões que os alunos indicaram. Ao chegar à escola, foi grande a revolta e ao mesmo tempo o desagrado por ver em letras garrafais o estande da EF denominado como “ESPORTES”. Claro que esse “erro” causou um enorme desconforto entre nós, professores de EF e os organizadores do evento, sendo resolvido logo após a substituição da placa de identificação.

Após o acontecido, foi possível realizar uma reflexão e com calma repensar de maneira mais profunda, buscando entender o quanto também, eu através da minha práxis, não estaria colaborando de forma, mesmo que indireta, para que situações como essas se repetissem no cotidiano escolar.

Talvez, com um ímpeto maior, se livrar do conformismo e não deixar a falta de estrutura e material para as aulas servir de fator basilar para a definição do que será tratado nas aulas, procurando utilizar materiais alternativos e que sejam capazes de fornecer o mínimo de uma aproximação com os conteúdos, e até mesmo esportes diferentes, para que os discentes tenham possibilidade de ter contato com uma parte significativa e importante da cultura corporal.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Vale ressaltar, que a atitude de ter uma docência mais questionadora e que procura meios de atender aos alunos sem deixar que eles fiquem à mercê do poder público, não pode fazer com que a direção da escola e mesmo o poder público deixem de ser acionados, e cobrados para fornecer as condições necessárias para uma aula de qualidade.

A escola é um lugar de produção de cultura e ao tratar do esporte deve produzir outras possibilidades de se apropriar dele (VAGO, 1996). Cabe à escola oferecer a oportunidade para que seus alunos conheçam e tenham possibilidade de se apropriar do esporte e os demais conteúdos que compõem a EF escolar.

O aluno que entra na escola interessado e ansioso por todos os conhecimentos que o universo escolar pode oferecer, especialmente os relativos à EF, tem seus primeiros contatos com os saberes, e, acaba por eleger a EF como sua disciplina preferida. À medida que avançam nos anos escolares vão perdendo motivação, por continuar vivenciando os mesmos conteúdos repetidamente. O afastamento se torna inevitável. Não é atrativo assistir o mesmo filme, mesmo que muito interessante, por várias e várias vezes seguidas. A “educação bancária” (FREIRE, 1996), é aqui colocada em ação e, com um agravante, se deposita a todo momento o mesmo conteúdo.

Não há diversificação dos conteúdos, tampouco evolução na maneira de tratar os mesmos ao longo dos anos em que o aluno permanece na escola. Com a repetição, as aulas ficam enfadonhas e desestimulantes. Não é incomum observar que ainda acontece uma grande resistência de alguns professores em aderirem novas proposições de trabalho e, por conseguinte ampliar os conteúdos tratados na escola. Como em Rangel Betti (1999, p. 28):

Geralmente o ano é dividido em “bimestres letivos”. No 1º bimestre é oferecido o futebol no 2º o handebol, no 3º o basquetebol e no 4º bimestre o voleibol. Se a programação é cumprida, pelo menos consegue-se mostrar aos alunos quatro modalidades. O problema é quando ela é repetida para todos os alunos, independentemente da faixa etária e quando ela se repete ano após ano, sem alterações.

Essa situação, em que apenas o “quarteto fantástico” é contemplado dentro do planejamento, e que em alguns casos nem mesmo é garantido ao aluno que ele



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



receberá aulas de todos esses componentes do “quarteto”, fazem com que o processo de afastamento das aulas seja acelerado.

A normalização do trato com o “quarteto fantástico” (futebol e/ou futsal, voleibol, basquetebol e handebol), dentro das aulas de EF, também é evidenciada no trabalho de Silva e Noffs (2020, p. 81), os autores explicam que, atualmente na EF Escolar, docentes ainda desenvolvem somente o “quarteto fantástico”, com base na cultura antiga que se tinha no ambiente escolar e afirmam que: “A cultura esportiva em nossa sociedade está imbricada com os meios de comunicação existentes na atualidade”.

Para Darido, González e Ginciane (2018, p. 114), é necessário que haja uma maior variação das práticas corporais tratadas nas aulas de EF e que:

estas sejam abordadas enquanto conteúdos curriculares, em proposições didáticas que propiciem aprendizagens efetivas e que contemple as diferentes dimensões do conhecimento (prático, teórico, estético, normativo). Esse consenso é observado tanto nas proposições curriculares – nacionais, estaduais e municipais – produzidos nos últimos anos, como também nas mais diversas propostas para Educação Física disponíveis no mercado editorial.

É possível que haja uma certa resistência do professor em abrir o horizonte de suas aulas na busca pela ampliação dos conteúdos que é disponibilizado para os alunos, mas essa resistência pode ter vários motivos. Como por exemplo, menciona Souza, Torres e Neto (2013, p. 25):

Os docentes de educação física, em geral, não usufruem das condições necessárias para realizar uma boa prática pedagógica, sendo comum a falta de espaço físico e a precariedade dos materiais existentes. Esses fatores geram um alto grau de limitação diário e, conseqüentemente, o desinteresse dos alunos.

As dificuldades realmente existem para que o componente curricular seja reconhecido e tenha as condições tidas como ideais para o seu desenvolvimento, mas ficar estático e inerte ao que acontece dentro da escola, não irá colaborar em nada para que esses obstáculos sejam superados. O afastamento dos alunos das aulas pode ser amenizado com uma atitude proativa do docente através da diversificação dos conteúdos, e isso acontecerá, além do trato pedagógico ideal por duas razões: o conhecimento é um elemento atrativo, desperta interesse em muitos alunos por ser



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



uma novidade e uma temática diversificada amplia as possibilidades de identificação e sucesso entre os alunos (DARIDO, GONZÁLEZ E GENCIENE; 2018).

A BNCC define a Educação Física como: o componente curricular que deve tratar das práticas corporais, tematizando e refletindo sobre elas em suas diversas formas e como meios de produção de sentido e significado para quem as pratica. Contudo, é muito comum conversar com um aluno da Educação Básica e verificar que pouco se trabalhou de maneira diversificada as práticas corporais (BRASIL, 2017).

Darido e Rangel (2005, p. 40), apontam que “Após o período formal de aulas de educação física na escola (mais de 11 anos da escolaridade), os alunos deveriam ter condições de manter uma prática regular de atividade física, se assim desejarem, sem o auxílio de especialistas”. Ainda de acordo com as autoras, é necessário que o professor estimule a autonomia do aluno e uma forma de promover essa autonomia está em fazer com que tenham aulas diferentes, e vivenciem um número maior de práticas corporais.

A diversificação dos conteúdos é possível e de grande importância para a Educação Física Escolar. Pode-se lançar mão de um vastíssimo leque de práticas corporais existentes e assim proporcionar aos alunos uma maior vivência dessas práticas, como também a possibilidade de novas práticas.

2.5 Planejamento participativo como uma possibilidade

Promover aos alunos a possibilidade para que sejam coautores do seu próprio aprendizado, pode ser uma maneira eficaz de atingir resultados melhores na aprendizagem e na participação dos alunos nas aulas de EF.

O ato de planejar deve ser algo intencional, que busca determinar os objetivos, tornando “presentes e explícitos nossos valores, crenças; como vemos o homem; o que pensamos da educação, do mundo, da sociedade. Por isso, é um ato político-ideológico” (MANSETTO, 1997, p. 76).

O planejamento deve ser elaborado com perspectivas de mudança de sair do atual que não satisfaz, para buscar o possível e, talvez, o impossível para se chegar ao desejável. Jamais o planejamento pode se reduzir a uma ação administrativa ou



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



mesmo burocrática (LIBÂNEO, 1994). Acontece, que por vezes alguns profissionais entendem dessa maneira e deixam de dar a atenção e o valor real que o ato de planejar necessita.

Moreira (2009), reforça que o ato de planejar é de responsabilidade de todos os professores, e claro, dos professores de EF, podendo nesse momento organizar suas obrigações docentes, realizando uma reflexão sobre o que tem intenção de atingir com os seus alunos sem deixar de lado as experiências que os estudantes trazem.

De acordo com a LDB, o PPP de uma escola é um instrumento teórico-metodológico que visa a intervenção e mudança da realidade educacional em que a escola se encontra.

O texto, do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante traz claramente essa definição:

Nesse sentido, são diversos os espaços institucionalizados que contribuem para a construção de um ambiente participativo e, em todos eles, deve-se lembrar da importância do incentivo, pela gestão escolar, ao protagonismo estudantil. Entendendo a participação política como parte da formação integral dos estudantes, a escola deve proporcionar a esses um ambiente aberto ao diálogo, à convivência democrática e sensível às suas pautas, corroborando para a permanência das crianças e jovens na escola.

Proporcionar que o aluno seja ouvido e tenha efetiva participação nas decisões que incidirão nas aulas e no seu aprendizado, é o rompimento com a ideia de uma educação bancária abordada por Freire (2011) em algumas de suas obras. Para o autor, a escola deve respeitar os saberes socialmente construídos pelos alunos na prática comunitária.

É de grande importância, ao optar por utilizar o planejamento participativo, ter a preocupação com que todos que envolvem o projeto estejam motivados. Como nos apontam Gandin e Gemerasca (2002, p. 39):

Antes de iniciar diretamente o processo de Planejamento Participativo é necessário que nos preocupemos com um momento, com uma etapa de motivação, de sensibilização, de mobilização para com a proposta de trabalho, a fim de que esta tarefa tenha significado e seja assumida pela comunidade. Se as pessoas não estiverem envolvidas, não perceberam o



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**

sentido, se não acreditarem na proposta, de nada valerá o que vier pela frente.



Tomasse como parte essencial na construção dessa proposta, que todos entendam o que está sendo colocado. Que todos os atores envolvidos no ambiente escolar se sensibilizem que através da elaboração e execução do planejamento serão possíveis mudanças necessárias e capazes de mudar a realidade.

Ganzeli (2001, p. 5), afirma que “O primeiro passo para a elaboração de um planejamento participativo é fazer com que os problemas a serem tratados pelo plano partam do seio da comunidade escolar”. Com o entendimento inicial, de que os alunos podem ter uma voz mais ativa no seu processo de ensino e que estando envolvidos no processo são os melhores termômetros para que o professor saiba o que de mais relevante deve ser tratado em suas aulas, é possível que se tenha sucesso ao planejar junto com os alunos.

A participação dos alunos na elaboração do planejamento poderá fazer com que se sintam mais representados com os conteúdos que estão estudando, a tomada de decisão do que vai ser feito é parte importante para que o aluno atinja o protagonismo em sua aprendizagem. Essa ideia é confirmada em Rodrigues e Darido (2008 *apud* BOSSLE, 2017).

Outros autores também defendem a ideia de que é de grande importância a repetição de ideologias dominantes, o que refletirá em uma prática diversificada:

Para que os professores não sejam um “objeto” alienado de reprodução das ideologias dominantes, faz-se necessário que ele tenha clareza de suas convicções políticas e pedagógicas em relação ao trabalho escolar, além de conhecimento crítico sobre os objetivos gerais que permeiam a escola (LIBÂNEO, 1994; LUCKESI, 1994; VASCONCELLOS, 2000).

No recorte acima é possível perceber, que ao estimularmos a participação dos discentes nas aulas de Educação Física contribuimos para a democratização do ensino, contudo, este processo não deve partir de uma ideia de práticas tradicionais atreladas a antigas ideologias que coloquem os alunos à margem do processo educativo.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Faz-se necessário e latente que mudanças ocorram no processo de elaboração do planejamento, para que ao fim tenhamos um novo resultado. Para que a realidade seja mudada. Neste sentido, Gandin (2013, p. 58) nos aponta que:

Por isto, planejar é construir a realidade desejada. Não é só organizar a realidade existente e mantê-la em funcionamento (isto seria apenas o planejamento operacional, a administração) mas é transformar esta realidade, construindo uma nova.

Já é tempo dos estudantes participarem da construção dessas práticas, para ter oportunidade de protagonizar um planejamento que seja participativo, pautado nos verdadeiros interesses, na realidade e fundamentado no que de fato os estudantes se sentirão seguros e atraídos em envolver-se, praticando, construindo e participando de um processo de formação não apenas escolar, mas, uma formação para a vida. Este é o verdadeiro papel da escola e não somente da Educação Física.

Isso também fica claro quando entende-se que o planejamento participativo é uma estratégia metodológica que permite a reflexão e ação no ambiente escolar, potencializando experiências educativas pautadas em princípios democráticos, conferindo a participação de todos os sujeitos do processo educativo nas escolhas realizadas nos projetos de elaboração própria (FALKEMBACH, 2008).

Como transparece na citação anterior, acredita-se que a busca de um diálogo com aqueles que devem ser protagonistas no processo de ensino aprendizagem, através do planejamento participativo, possibilitará uma diversificação dos conteúdos tratados e um maior envolvimento dos alunos nas aulas, sanando assim um dos grandes problemas da nossa disciplina.

A utilização do planejamento participativo, não restringe de forma alguma o trato com os componentes do “quarteto fantástico”, porém a proposta procura chamar a atenção para a existência de uma grande diversidade de práticas que podem ser contempladas nas aulas de EF. Ressaltando a importância do desenvolvimento de uma transformação didático-pedagógica com os conteúdos trabalhados no ambiente escolar (SILVA e NOFFS, 2020).

Não basta apenas que o aluno conheça as unidades temáticas que definem os conteúdos a serem tratados nas aulas. É necessário que o discente tenha



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



envolvimento e entendimento, em tudo que a sua participação no planejamento pode proporcionar e transformar em sua vida escolar. Onde a sua realidade seja reconhecida, e, caso haja o entendimento, transformada.

Betti (2020, p. 239), propõe que a EF escolar deve desenvolver as suas atividades para além da prática pela prática, não centralizando os conteúdos e restringindo-se ao modelo esportivista, definindo então a Educação Física Escolar como:

disciplina que tem por finalidade propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, visando formar o cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana: jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, dança e atividades rítmicas/expressivas, lutas/artes marciais e práticas corporais alternativas

Freire (1974) cita a importância da relação dialógica em busca de uma aprendizagem libertadora. Tentar dialogar sobre as visões de mundo e não as impor, remetendo alunos e professores a uma ação pedagógica de reflexão crítica da realidade, alçando os educandos a uma autonomia emancipatória, produto de uma ação-reflexão.

É gritante, e extremamente necessário, que o professor se liberte do trivial, do mais do mesmo. Que saia da zona de conforto do “quarteto fantástico”, e busque proporcionar aos seus alunos uma gama maior de conteúdos trabalhados em suas aulas. Dessa maneira os mesmos se sentirão interessados em ter aulas da disciplina que mais gostam como também terão prazer de participar de um ambiente educacional mais democrático.

De acordo com Silva, Sousa e Freire (2019), o trato com propostas de práticas inovadoras é capaz de proporcionar maior participação de diferentes pessoas, contribuindo para a democratização do ambiente escolar e a construção de um currículo dialógico e libertador.

Para Souza e Freire (2008), que realizaram uma pesquisa com alunos do Ensino Médio utilizando o planejamento participativo como ferramenta para desenvolver as suas aulas, a utilização da estratégia referida proporcionou bons resultados, já que foi possível observar a participação dos estudantes em vários



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



momentos das aulas e exercendo um papel de protagonista dentro do seu processo educativo.

É possível que inicialmente, os alunos tenham dificuldades e até mesmo mostrem resistência em participar efetivamente da elaboração do planejamento, pois não é corriqueiro no ambiente escolar observar a liberdade do aluno expor o que pensa, no entanto, essa resistência não deve funcionar como um obstáculo intransponível.

Professores de EF que buscam organizar a sua prática utilizando o planejamento participativo, onde se torna possível que os discentes escolham os temas que serão tratados em aula, tem um ambiente escolar mais democrático, como também estão colaborando para a construção de uma sociedade mais democrática (SILVA e NOFFS, 2020).

Ao analisar vários artigos em sua pesquisa com a atenção especial para o tema planejamento de ensino, Bossle (2017, p. 291) deu um destaque especial para “o planejamento participativo, pois, apesar de não ser uma temática nova, vem ganhando força dentre as problematizações empreendidas nos artigos analisados”.

De fato, a proposta de trabalhar com o planejamento participativo nas aulas de EF não é nova. Corrêa (1996) foi o primeiro a desenvolver essa temática com alunos de 2º grau e vários autores vêm corroborando a possibilidade de se atingir os objetivos nas aulas com a utilização do planejamento participativo, como Falkembach (2008); Farias (2019); Maldonado e Neira (2022); Nogueira, Farias e Maldonado (2017); Nascimento (2020); Nogueira (2020); Souza, Nogueira e Maldonado (2019).

Para Collier (2014), é plausível que com a participação dos alunos no planejamento, as práticas sejam ampliadas e não restringidas a um número pequeno de conteúdos, sendo possível caminhar em direção a um currículo multicultural e com maior significância para os sujeitos. A autora explica que:

A proposta de planejamento participativo nas aulas de Educação Física Escolar tem a intenção de ser uma ação de transformação do indivíduo e de sua realidade, parte do processo de construção da democracia, que permite expandir o entendimento sobre conteúdos, formas, saberes, espaços e currículos escolares para progredirmos em direção a práticas pedagógicas comprometidas com mudanças dentro e fora da escola (COLLIER, 2014, p. 2173).



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



É idealizado que, com a utilização do planejamento participativo, os alunos irão se aproximar com maior interesse do componente curricular da EF, e assim, reduzir o seu afastamento das aulas. Neste contexto, acredita-se que será possível diversificar os conteúdos que são desenvolvidos nas aulas, superando a monotonia que envolve o trato do “Quarteto Fantástico” nas aulas de EF. Por fim, espera-se que ao aluno seja proporcionado atuar com protagonismo e de forma crítica em seu processo de aprendizagem.

2.6 A Unidade Didática

Junto com os discentes e buscando despertar o protagonismo dos mesmos, a Unidade Didática - UD foi elaborada. Apresentando conteúdos diversificados e alguns deles nunca vivenciados anteriormente pelos alunos em suas aulas.

Tendo como iniciativa primordial, o entendimento do que é unidade didática e se estaria correto o meu entendimento em utilizar essa metodologia em meu trabalho (de acordo com o que esperava alcançar), tenho a confirmação em Paes (2010, p. 2 e 3), que define:

A designação unidade didática ou unidade de programação remete, do ponto de vista da concepção do processo ensino/ aprendizagem, para uma realidade técnico- didática baseada num conjunto de opções metodológico-estratégicas que apresentam como fundamentos técnicos de base: uma forma específica de relacionar a seleção do conteúdo programático (entendido como sequenciação didática) com o fator tempo (concebido como entidade biunívoca de relação entre tempo de ensino e tempo de aprendizagem); a aposta na coerência metodológica interna, a partir da seleção de uma unidade temática e da definição de um elemento integrador; a consideração de que todos os elementos que intervêm no processo se articulam em percursos, como verdadeiros projetos de trabalho contextualizados.

A intervenção que buscava realizar, no intuito de trazer de volta a participação dos alunos nas aulas, estava de acordo com a definição que o autor remete à unidade didática, em especial quando ressalta como um dos fundamentos basilares é uma a maneira específica de relacionar a seleção de conteúdos (PAIS, 2010).



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A minha prática docente encontra-se em um momento de questionamentos e de grandes reflexões, provocadas em grande parte pela formação continuada do mestrado. A “Educação Libertadora de Paulo Freire” passou a ser uma inspiração, para que algo de diferente possa ser realizado e compartilhado através das minhas aulas, concordando com Bossle (2019, p. 24):

No âmbito cultural dos significados produzidos e compartilhados na Educação Física Escolar, diferentes autores e autoras referem a Educação Libertadora de Paulo Freire a partir de uma possibilidade de mediação de suas potencialidades de interpretar e refletir criticamente a realidade e a vida dos professores e educandos, em permanente diálogo, e da construção de uma prática educativa que leve à ação transformadora, que é a práxis.

A UD foi elaborada e desenvolvida ao longo de 26 aulas. Sendo que foram realizados 13 encontros, pois as aulas eram geminadas (aconteciam no mesmo dia e em sequência). As aulas tinham, cada uma, o tempo de cinquenta minutos, proporcionando assim, que os encontros durassem o tempo de uma hora e quarenta minutos em seu total.

As aulas iniciais foram direcionadas para que os alunos identificassem a importância da EF dentro da escola e como componente curricular, as possibilidades do trato da EF dentro da escola, e também a realização da indicação dos alunos de conteúdos a serem tratados dentro das aulas. Onde, foi utilizado como ferramenta o planejamento participativo, com vistas a diversificar os conteúdos, até então trabalhados em aula e, estimular o protagonismo dos alunos.

Posteriormente, aos encontros que serviram para a elaboração do planejamento, foram realizadas quatro aulas com o tema Voleibol, quatro aulas com o tema Badminton, seis aulas desenvolvendo o conteúdo de Lutas e mais seis aulas com as vivências das Práticas Corporais de Aventura. Os conteúdos foram tratados de maneira teórica e prática, procurando identificar o que os alunos traziam de bagagem referente a cada tema e a partir desse diagnóstico, continuar o desenvolvimento dos conceitos e origens dos temas.

O último encontro, que consistiu em duas aulas, foi destinado a um momento de descontração e confraternização dos alunos e do professor. Em um estado virtuoso, os alunos também tiveram a oportunidade de avaliar, de maneira



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



reflexiva e crítica, a sua experiência dentro da UD e se os objetivos traçados inicialmente foram alcançados.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

3.1 Universo da pesquisa

A presente dissertação trata-se de uma pesquisa-ensino, uma modalidade da pesquisa-ação. Segundo Penteadó (2010, p. 36), “denomina-se pesquisa-ensino a que é realizada durante e como ato docente, pelo profissional responsável por essa docência”.

O seguinte estudo foi realizado em uma unidade escolar onde trabalho desde fevereiro de 2004, a E. M. Dr^o Xenofonte Mercadante. Um local que há muito tempo se tornou uma segunda casa e, às vezes, a primeira, pois não são raros os dias em que passo mais tempo na escola e com os alunos do que em minha própria casa. O meu relacionamento com a escola e com toda comunidade escolar é de muita gratidão e respeito, pois fui muito bem recebido por todos quando cheguei à cidade que se tornou o “meu lugar”.

Instalada no dia 20 de maio de 1953, na chamada zona urbana de Orizânia, a escola é, sem dúvida alguma, uma parte significativa de tudo que envolve e compõe a cidade. Orizânia está localizada a 302 Km da capital Belo Horizonte e teve a sua emancipação do município de Divino no dia 21 de dezembro de 1995. Pode-se dizer que boa parte, dos cerca de 8.138 orizanenses; população estimada pelo IBGE para o ano de 2021; estão diretamente ou indiretamente ligados ao “Xenofonte” ou à “escola da Rua”, como carinhosamente a instituição é chamada.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Por se tratar de um município pequeno e gerar poucas oportunidades de trabalho, a maioria dos empregos existentes estão ligados à Prefeitura, sendo o “Xenofonte” a maior escola do município e abrigando boa parte desses funcionários em seu quadro por meio da Secretaria Municipal de Educação. Entre alunos, pais, tios, avós, irmãos, primos e funcionários, é muito difícil que um orizanense não tenha uma ligação com o “Xenofonte”, pois a escola além de referência na cidade, é a única escola municipal a oferecer os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Não existe escola particular na cidade. No “Xenofonte”, todas as classes sociais dividem a mesma carteira escolar, porém isso não garante que ambos terão as mesmas condições de evoluírem em seu processo de aprendizagem, pois questões sociais e condições financeiras atingem diretamente os alunos dentro e fora da escola.

No momento, a escola tem 674 alunos matriculados na Educação Básica que se dividem por 12 turmas de anos iniciais e 18 turmas de anos finais, funcionando em dois turnos, matutino e vespertino. A escola passou por várias ampliações ao longo dos anos: a partir de 1976 passou a oferecer turmas de 5ª a 8ª séries, entre 94 e 98 ofereceu o Ensino Médio Profissional com turmas de magistério e em 1997, quando houve a emancipação da cidade, teve uma mudança de nome sendo chamada de E. M. José de Barros Sobrinho e oferecendo também o Ensino Médio Regular. No ano de 2005, após a Portaria nº 892/2005, a escola retoma o nome anterior. Até o ano de 2021, o “Xenofonte” também oferecia o Ensino Médio, algo que deixou de acontecer com a entrega dessa etapa da Educação Básica para o controle do estado através do projeto “Mãos Dadas”.

Os alunos são, em sua maioria, moradores da zona rural do município, principalmente os alunos dos anos iniciais e a denominação de “Escola da rua” acontece justamente porque quando os alunos estão nos anos iniciais, estudam perto de casa (zona rural/roça) e quando passam para os anos finais, passam a estudar no Centro (zona urbana/rua).

O quadro de professores conta, atualmente, com 70 docentes, sendo que 80% do quadro do magistério é de mulheres. Esses docentes são, na sua maioria, efetivos, algo que contribui para uma maior autonomia e estabilidade no desenvolvimento do seu trato pedagógico. Porém, não é o que acontece. Na realidade, as propostas de trabalho sempre acontecem de forma hierárquica, de cima



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



para baixo, e pouco é observado no sentido contrário como resistência a métodos tecnicistas e mercadológicos, onde surjam discussões que proporcionem reflexões em busca de desenvolver a autonomia e o protagonismo dos alunos.

Além dos professores, o quadro técnico administrativo da escola é formado por: 1 diretora, 2 vice-diretoras, 3 especialistas, 9 professores de apoio, 48 auxiliares de serviço da educação básica, 10 secretárias, 1 digitador, 1 psicóloga e 1 nutricionista que atende a toda rede municipal de educação. Importante ressaltar, que a maioria dos funcionários que compõem o quadro do “Xenofonte” é da cidade de Orizânia, realidade muito diferente daquela que encontrei há 18 anos. Os profissionais, principalmente os professores, vinham das cidades vizinhas, pois não se encontrava no município pessoas com formação para assumir os cargos que exigiam Curso Superior.

Uma prova que a educação e os estudos podem modificar a médio e longo prazo a realidade individual e também de uma cidade. Atualmente, fico muito feliz e realizado, ao ter ao meu lado, para participar de uma reunião pedagógica, vários ex-alunos. Discentes que tornaram-se docentes dentro de um cenário que não se mostrava promissor.

A escola possui uma estrutura física ampla. É composta por dois pavimentos, onde se distribuem: 19 salas de aula, 5 banheiros, sendo dois para o uso de alunos com necessidades especiais e um para funcionários, 1 secretaria, 1 sala para as especialistas, 1 sala para a direção, 1 sala para atendimento psicológico, 1 sala de leitura (a escola não possui biblioteca), 1 cozinha, 1 refeitório, 1 quadra poliesportiva com 2 banheiros e 2 vestiários. Ao todo a escola possui uma área total de 5000 m². No momento, a escola não possui laboratório de informática.

Como espaço destinado diretamente para realizar as aulas de EF, a escola possui apenas uma quadra coberta, algo que não atende às demandas de aulas. Há vários momentos em que mais de um professor tem que dividir a quadra com outro colega para que os seus alunos possam realizar as aulas protegidos do sol ou mesmo da chuva. Quando o tempo permite, também é possível utilizar a área de estacionamento da escola para realizar as aulas. O material didático destinado à EF é extremamente deficitário e, por vezes, os professores têm que fazer aquisição de materiais com recursos próprios para utilizar nas aulas.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



O Projeto Político Pedagógico da escola está alinhado às diretrizes da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - SEE/MG, fortalecendo a identidade da escola, esclarecendo sua organização, apontando os objetivos para a aprendizagem dos estudantes e, principalmente, definindo como a escola irá trabalhar para atingi-los.

Apesar de ter três Conselhos: Conselho Municipal de Educação, Conselho de Acompanhamento do FUNDEB e Conselho Municipal de Alimentação, compostos de maneira democrática por vários segmentos da comunidade escolar e, que deveria contribuir no acompanhamento e na busca de soluções para o melhor funcionamento da escola e aprendizado dos alunos, a diretora afirma que nem quando são requisitados por ela para colaborar junto a um simples problema escolar esses Conselhos mostram interesse em participar da gestão.

Outra peculiaridade da escola, é a forma que a equipe gestora é escolhida. Normalmente, os profissionais que ocupam direção e vice-direção, chegam aos cargos por indicação política, ou seja, os vários segmentos que compõem a comunidade escolar não são ouvidos durante o processo de escolha. Algo que fere os princípios de uma escola republicana e democrática. Uma outra característica da escola é a localidade em que seus alunos residem. Quase 60% dos estudantes utilizam o transporte escolar para chegar à escola, já que moram na zona rural do Município.

A motivação para a escolha da referida escola, para esta pesquisa, se dá pela minha atuação como professor efetivo na mesma, despertando o interesse em investigar a minha prática e como ela pode contribuir para o crescimento e desenvolvimento crítico dos alunos.

3.2 Participantes

Participaram dessa pesquisa 20 alunos regularmente matriculados no 9º ano, turma A, do Ensino Fundamental da Escola Municipal Drº Xenofonte Mercadante. A escolha dessa turma deu-se após conversas com a orientadora do presente



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



trabalho, onde foi identificado que essa definição seria a mais correta por apresentar desafios e dificuldades que estavam diretamente relacionados ao tema da pesquisa.

Todos os alunos são moradores do Município de Orizânia, sendo que 13 alunos moram na zona rural e, desses, 10 são de uma mesma comunidade. Por serem residentes em uma mesma comunidade, esses alunos realizaram seus estudos nos anos iniciais juntos e ao chegarem aos anos finais, se juntaram ao restante da turma que hoje constitui o 9º ano A e que sofreu poucas modificações ao longo de quatro anos de caminhada nos anos finais. Devido à maioria dos alunos estarem juntos há um bom tempo, é possível observar que a turma desenvolveu grande afinidade e união, além de serem altamente questionadores. Do total de 20 alunos, 10 são meninas e 10 meninos. Não há na classe, nenhum aluno com necessidades especiais.

As famílias dos estudantes são formadas, em média, por 4 pessoas e a maior parte das famílias têm renda mensal entre 1 a 3 salários mínimos. Apenas 2 famílias têm renda superior a 3 salários. Os provedores variam de acordo com o parentesco, mãe, pai, avó, avô, padrasto e até tio. Esses chefes de família, em sua maioria, não têm uma formação superior ao Ensino Fundamental e tiram o sustento de seus familiares através do trabalho com o plantio de café. As exceções são: 1 pedreiro, 1 empregada doméstica, 2 professores e 2 técnicas em enfermagem.

A situação econômica das famílias e até mesmo questões culturais locais, acabam por determinar, que é normal o adolescente trabalhar, principalmente na colheita do café, mesmo estando em idade escolar. Com os alunos do 9º ano A, não é diferente. Apenas 3 alunos não desempenham nenhuma atividade laboral após o horário de aulas. Os outros 17 alunos trabalham durante o período de colheita, sendo que 9 desses, estendem as suas atividades nas lavouras de café o ano inteiro. A renda que o trabalho proporciona serve para ajudar em casa e também para custear benefícios próprios como: comprar roupas, calçados e aparelhos celulares. Em média, os alunos conseguem ter uma renda mensal de R\$ 800,00.

É possível observar, que os alunos gostam de estar na escola, mas não se sentem totalmente atendidos no que esperam da instituição. No que se refere à EF, afirmam gostar da disciplina e que para a maioria, o contato com as práticas corporais só acontece durante as aulas desse componente curricular. Em relação à preferência para os momentos de lazer, os alunos se dividem entre jogar futebol, vôlei, peteca e



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



principalmente navegar na internet. Também foram citados como opções utilizadas para ter momentos de descontração, andar a cavalo, escrever poemas, andar de moto e dormir.

Até o início da pesquisa, alguns alunos mostravam-se reticentes em participar das aulas. Após a explanação do pesquisador sobre a proposta que o trabalho trazia para o desenvolvimento das aulas de EF, todos os alunos foram convidados e aceitaram participar da pesquisa. Entregando com antecedência, devidamente assinado e preenchido em duas vias, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE, o Termo de Cessão de Uso de Imagens (Estudantes) e o Termo de Cessão de Uso de Imagens (Pais e/ou Responsáveis).

3.3 Materiais e Métodos

Para a realização desse estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: o roteiro de entrevista, a observação pelo pesquisador das aulas, o questionário e o Diário de Campo.

Um dos instrumentos utilizados nesse estudo foi o roteiro de entrevista com 8 perguntas a serem respondidas. Como aponta Minayo (2010, p. 189), entende-se por roteiro de entrevista “uma lista de temas que desdobram os indicadores qualitativos de uma investigação”. O tipo de entrevista utilizado foi a semiestruturada que será apresentada no Apêndice1. Essa entrevista seguiu um roteiro previamente estabelecido, sendo testada com antecedência e composta por questões abertas e elaboradas em diálogos com a orientadora, tendo como o objetivo de obter de maneira exclusiva, dados que proporcionaram subsídios à pesquisa. De acordo com Dyniewicz (2009), a entrevista é o instrumento mais comum para obter dados em uma pesquisa e tem por finalidade obter informações verbais de uma parcela considerável de uma população. A entrevista busca colher informações sobre um assunto, sendo que a solicitação é feita diretamente aos sujeitos pesquisados (SEVERINO, 2007).

Ao utilizar a entrevista, o pesquisador tem como um dos seus objetivos entender o que os sujeitos envolvidos na pesquisa pensam.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Para Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Corroborando o autor, entende-se que a utilização desse instrumento está de acordo com o tema pesquisado. O entrevistado, começa de modo espontâneo a participar da elaboração da pesquisa, tendo um papel de coautor dentro de todo processo.

Fazendo uso da observação das aulas na busca por vivenciar, de maneira investigativa, a própria prática de ensino e possibilitando um processo criativo docente, essas observações estimularam a utilização de um outro instrumento, o Diário de Campo com base em Penteadó (2010).

Por meio de sua utilização, foi possível observar e colher dados do comportamento dos participantes do estudo durante as atividades desenvolvidas, buscando reter informações e sentimentos de acordo com suas relações com os conteúdos desenvolvidos na unidade. Os dados coletados pelo autor permitiram, de maneira relevante, reter informações que subsidiassem a pesquisa e dessem um norte para a sua evolução.

Para a coleta dos dados foi utilizado um gravador digital, os depoimentos dos alunos foram transcritos integralmente em arquivo Word. Procedeu-se às etapas de tabulação e uma matriz de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) foi construída com base nas entrevistas transcritas. As categorias de análise foram pensadas de acordo com o objetivo da pesquisa e compostas pelas unidades de significado que partiram das respostas dos alunos.

As anotações foram realizadas pelo professor pesquisador durante as aulas no Diário de Campo, com pequenos tópicos e reprodução de falas de alunos sobre os seus sentimentos durante a realização de alguma atividade ou em momentos propiciados pelas rodas de conversa sendo inicial ou final. Foi utilizado um bloco de anotações, fixado em uma prancheta para que desse estabilidade ao papel e permitisse as anotações no instante que houvesse a necessidade foi utilizado, pois concomitantemente com a realização das anotações o professor também tinha que ministrar a aula. O Diário de Campo funcionou como uma ferramenta, de modo que ao passo que se faziam as anotações e reflexões, era possível estruturar os próximos encontros e evoluir na construção da UD.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A utilização do Diário de Campo possibilitou coletar falas e sentimentos externados pelos alunos durante todos os encontros. Os registros foram feitos em pequenos tópicos durante todos os momentos das aulas. Não foi necessário interromper as atividades para obter as informações.

O objetivo de utilizar o questionário como instrumento para coletar dados, tinha o propósito de conhecer com maior profundidade a realidade escolar e social que os alunos e seus familiares estão inseridos. De que maneira veem a escola, se além de estudar também trabalham, se moram perto da escola, quais as opções de lazer e se optam pelas práticas corporais como forma de lazer. Constatar a realidade socioeconômica e cultural que os alunos estão inseridos.

Como dito inicialmente, o questionário pode buscar respostas a diversos aspectos da realidade. As perguntas, poderão ter, segundo Gil (1999), conteúdo sobre fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, comportamento presente ou passado, entre outros.

O questionário foi elaborado com base em uma conversa com a orientadora, com o objetivo de obter um maior número de informações sobre os alunos gerando subsídios para entender a sua realidade socioeconômica e cultural, assim como, suas expectativas quanto ao componente curricular da EF. Para Del-Masso, Santos e Cotta (2018), o planejamento do questionário é um dos aspectos mais importantes, já que as questões devem ser bem formuladas a fim de evitar indução ou dupla interpretação.

O questionário continha 28 questões, entre fechadas e abertas, impressas em uma folha de papel A4 e o tempo estipulado para a entrega do questionário foi de 20 minutos. Todos os alunos responderam às perguntas antes do término do tempo e não deixaram de responder nenhum questionamento.

Com a intenção de evitar o risco de ter pouca devolução, perguntas não respondidas ou outra pessoa preencher o questionário que não o aluno, este foi aplicado de forma presencial. No segundo encontro do projeto, estando os alunos reunidos na sala de aula do 9º ano A, foi explicado como seria aplicado, como forma de coletar dados importantes para o estudo e ficado à disposição para esclarecer qualquer dúvida que pudesse surgir. Sob a minha orientação, os alunos responderam às questões abertas e fechadas do questionário sem grandes dificuldades e o tempo



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



estipulado de vinte minutos para eles realizarem a tarefa, foi suficiente. Todos estavam presentes e responderam a todas as perguntas.

3.4 Procedimentos para a Coleta de Dados

Os dados da pesquisa foram coletados de acordo com a particularidade dos instrumentos citados anteriormente.

As entrevistas foram realizadas pelo pesquisador, com os 20 alunos da turma 9º ano A. Para desenvolver esse instrumento de pesquisa, foi necessário superar algumas dificuldades, como: conseguir uma sala desocupada na escola e que ao mesmo tempo fornecesse as condições mínimas de silêncio e tranquilidade para a realização da entrevista. Não foi possível realizar as entrevistas com os alunos no contra turno, como havia sido planejado, pois a maioria dos alunos possui uma atividade laboral que preenche o horário da tarde durante a semana. Assim, foi preciso contar com a colaboração dos colegas das outras disciplinas e também da direção da escola, para poder realizar as entrevistas no horário regular de aula e ao mesmo tempo não prejudicar os alunos, além de haver a necessidade de começar e terminar as entrevistas antes das trocas de horário, já que essas trocas geram movimentação e barulho, desconcentrando os alunos durante a entrevista, prejudicando seu andamento. Foi necessário ir à escola várias vezes para conseguir alcançar o número total de alunos que respondessem à entrevista, visto que muitos trabalham na colheita do café e a entrevista foi aplicada justamente na época de alta da atividade nos meses de agosto e setembro. Por isso, muitos alunos faltaram às aulas para trabalhar em tempo integral nas lavouras.

Com as dificuldades superadas, as entrevistas ocorreram em uma sala reservada para o procedimento, com duração de 20 a 30 minutos, sendo gravadas em áudio com consentimento dos entrevistados e com a utilização de um aparelho celular.

A aplicação do questionário foi realizada pelo pesquisador de modo presencial na sala de aula do 9º ano A, durante o segundo encontro da unidade didática (Aula 03). Antes de entregar o questionário para que os alunos pudessem



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



responder, foi feita uma breve explanação com vistas a reforçar do que se tratava o questionário e com o surgimento de qualquer dúvida, poderiam recorrer ao professor.

Viana (2007) *apud* Del-Masso, Santos e Cotta (2018) define como observação aberta, onde o observador é visível aos observados que tem a ciência que está sendo alvo da pesquisa. Desta forma, toda a observação foi planejada de forma específica para tentar acompanhar a evolução dos alunos e fornecer dados para o estudo.

A coleta de dados aconteceu também durante o início da aula com a roda de conversa inicial, onde eram inseridos os temas pelo professor e se ouvia do aluno o que ele trazia de bagagem sobre aquele tema e suas expectativas e, na parte final da aula, onde a turma era convidada a externar as suas impressões sobre o que tinham acabado de vivenciar e colocar novas possibilidades para as próximas aulas, eram momentos de grande pico para o preenchimento do Diário de Campo.

Não havia obrigatoriedade dos alunos se pronunciarem. A oportunidade era dada a quem se sentisse confortável para compartilhar críticas, questionamentos, elogios e ideias, sempre de maneira democrática. Além das rodas de conversa, esses momentos de *feedback* fornecidos pelos alunos, também aconteciam quando a aula trazia, em sua estrutura, atividades de apresentação de pequenos seminários em grupos.

Independente do momento da aula, o pesquisador sempre estava atento para anotar em seu Diário de Campo, possíveis questionamentos e as várias contribuições que os alunos forneciam para os encontros.

De forma mais robusta, ao término das aulas era feito o preenchimento do Diário de Campo. Desta forma, as falas que ainda estavam vivas na memória não ficariam sem registro. Com o objetivo de validar todas as contribuições que os alunos trouxeram e as próprias impressões do pesquisador, utilizava-se das anotações realizadas em tópicos durante as aulas e desenvolvia-se no Diário de Campo todos os registros. Além de servir como instrumento para a pesquisa, o Diário de Campo contribuiu para observar a evolução da turma e a formulação das aulas que se seguiam. Apesar das dificuldades de dar a aula e anotar o que ocorria em seu decorrer, com o passar dos encontros foi possível aprimorar e evoluir no registro do



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



diário e perceber que a sua utilização foi de grande importância para a realização do estudo.

3.5 Procedimentos para a Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva qualitativa (análise de frequência absoluta e relativa, assim como medidas de tendência central adequadas para o tipo de escala). Foram utilizados os programas *Excel* para organização e tabulação dos dados e o programa *Statistical Package for Social Science (SPSS)* versão 19.0 para *Windows* para a análise descritiva.

Com o propósito de fornecer um número maior de dados em relação ao cotidiano dos alunos dentro da escola e em seu ambiente familiar, assim como, dar mais substância para o diagnóstico, foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas. Após a análise dos dados fornecidos pelo questionário, foi possível identificar algumas particularidades da turma em relação a sua vida escolar e sua relação com as aulas de EF, como também realizar um diagnóstico da realidade socioeconômica e cultural em que o aluno está inserido.

Para o questionário foi proposta análise de conteúdo por Bardin (2016). As questões semiabertas e abertas, foram divididas em fases, sendo a primeira uma pré-análise, segundo a exploração do material com o estabelecimento das categorias, em que se define a unidade de registro (no caso do presente estudo foi o tema e não frequência) e a unidade de contexto (são os segmentos do texto ou da mensagem que refletem o significado das unidades de registros). Terceiro, a inferência que refere-se aos polos de análise sobre os quais ocorre a análise de conteúdo, ou seja, em que pontos nós podemos nos concentrar para realizar uma análise.

De posse dos dados, surgiu a ideia de elaborar, através de um planejamento participativo, uma unidade didática com vistas a diminuir o afastamento dos alunos das aulas e conseguir diversificar os conteúdos tratados na EF.

Os registros realizados durante a observação das aulas e ao término das mesmas no Diário de Campo, contribuiriam efetivamente no entendimento do que



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



realmente os alunos sentem durante as aulas. As fotos tiradas, em vários momentos das atividades, também funcionaram para contribuir com mais substância aos registros no Diário de Campo. A descrição do que acontecia nas aulas, possibilitou observar o que estava satisfatório e quais os equívocos estavam sendo cometidos para que através dos planos de aula houvesse uma evolução da construção da unidade didática.

3.6 Aspectos Éticos

A pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil sob o Nº 60409922.1.0000.5149 e aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais de acordo com o parecer 5.619.095 datado do dia 05 de setembro de 2022. Os alunos em potencial foram convidados a participar. A partir do aceite, o responsável legal pelo aluno assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e o Termo de anuência livre e esclarecida - TALE, além do consentimento da escola. A pesquisa seguiu todos os aspectos éticos necessários.





4 DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

4.1 Início dos trabalhos

Ao iniciar o desenvolvimento do estudo, optou-se por utilizar como um dos instrumentos de pesquisa, a entrevista. Algumas dificuldades aconteceram na busca por adquirir as respostas dos alunos, o que foi citado na metodologia da presente dissertação e poder seguir em frente. A utilização do referido instrumento, trouxe dados que confirmaram que os alunos se afastam das aulas de EF, à medida que avançam nos anos de escolaridade e também que os conteúdos tratados nas aulas vêm se repetindo.

A seguir, a apresentação da síntese de três entrevistas, observando que o roteiro da entrevista consta no Apêndice I:

Aluno 04

Ao responder um dos questionamentos da entrevista, este afirmou que a sua participação nas aulas de EF não diminuiu em relação aos anos iniciais. Porém, ele observa que a turma participa menos nesse mesmo período. Afirma ainda que os conteúdos vêm se repetindo ao longo dos anos e seria bom poder dar “ideias” para o planejamento, pois se os alunos ajudassem na elaboração do mesmo, iriam participar mais das aulas.

Aluno 09

Apesar de admitir que gosta das aulas, disse não haver expectativas quanto à EF. Relata que a sua participação diminuiu em comparação aos anos iniciais e percebe que os conteúdos são repetitivos: “sempre tem queimada”. Ao responder sobre a possibilidade dos alunos poderem participar do planejamento, afirmou que gostaria de ser ouvida e que ainda: “tem muita gente que gosta de falar, mas os professores não escutam...” Uma curiosidade nas respostas da aluna foi a seguinte: “acredito que a capoeira seja aprendida fora da escola em projetos e não nas aulas de EF”.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Aluno 27

Relata que tinha “animação” em relação à participação nas aulas de EF, mas com o passar dos anos, essa “animação” diminuiu muito. Segundo o/a aluno/a, não só a sua participação diminuiu como também a de toda a turma. Afirmou que: “Os alunos não participam porque não gostam de algumas brincadeiras que são repetidas, repete muito”. Acredita que com a participação dos alunos na confecção do planejamento os conteúdos serão mais diversificados, pois até o momento, apenas teve contato com o “quarteto fantástico” e a ginástica.

Concomitantemente às entrevistas com os alunos, houve diálogos com a diretora da escola e também com a supervisora responsável pela parte pedagógica. As conversas tinham como intenção, além de explicar do que se tratava a pesquisa, poder conhecer um pouco mais sobre a visão que tinham sobre o componente curricular EF. Também vislumbrava o envolvimento desses atores do ambiente escolar na unidade didática que pretendia elaborar com os alunos.

As conversas aconteceram de forma amistosa e as duas profissionais mostraram-se muito solícitas. Ambas disseram gostar do componente curricular, quando estudantes da Educação Básica e, ficam satisfeitas em saber que os alunos adoram frequentar as aulas. Apesar desses fatores, reconhecem que perante à comunidade escolar, por parte considerável, a EF ainda é vista mais como uma atividade do que um componente curricular.

Diretora e supervisora, indicaram que o principal objetivo da EF dentro da escola é a promoção da saúde. A afirmação deixa de lado o que realmente os professores de EF devem trabalhar na escola, fazendo com que o sentido do componente curricular fique conturbado e a inclusão do aluno na cultura corporal colocada em segundo plano.

Na conversa com a diretora, também foi feita uma solicitação onde pleiteava que as duas aulas do 9º ano A, fossem organizadas de maneira a funcionar no mesmo dia e subsequentes, ou seja, aulas geminadas. A experiência trazida por alguns anos de docência, me diziam que com as aulas geminadas, o trabalho seria melhor desenvolvido, pois evitaria a perda de tempo. O pedido foi prontamente



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



atendido, sendo possível iniciar às aulas que subsidiaram a unidade didática como desejado.

Diário de campo, dia 9/9/2022 (Plano de aula 1 e 2, ANEXO I).

Foi iniciada a aula com uma formação em círculo e com uma proposta de alguns exercícios de respiração, onde os alunos pudessem se sentir ao mesmo tempo mais tranquilos e também com segurança para participar da segunda atividade que seria proposta, como toda aula em si. A atividade não cumpriu com os objetivos esperados na sua totalidade.

Pode ser que a forma de organizar a turma em círculo, para já aproveitar essa formação para a atividade subsequente e, por eles terem uma certa dificuldade em manter a concentração, principalmente em permanecer de olhos fechados; podem ter sido fatores que causaram alguns momentos de dispersão. Por fim, nem todos puderam usufruir dos benefícios que os exercícios proporcionaram.

Em seguida e, na mesma formação da atividade anterior, buscando desenvolver uma relação dialógica, foi proposta uma dinâmica onde cada aluno deveria de maneira voluntária, citar um ponto positivo e um ponto negativo relacionado à escola; *a priori* seria somente relacionado EF; porém os próprios alunos solicitaram que o tema central fosse alterado.

Neste momento, foi percebido o quanto era necessário o processo de troca entre aluno/professor. O quanto estava sendo importante para os alunos terem com quem falar e expressar suas necessidades. A indignação prematura de não ir para quadra já havia sido contornada sem ter que gritar ou fazer ameaças, por exemplo, tirar ponto de quem não participasse.

Sem nenhuma obrigação de falar e, de maneira bem espontânea, os próprios alunos iniciaram a dinâmica. Antes, porém, foi feita uma observação: mesmo que um colega estivesse falando, outro aluno poderia discordar, de maneira educada, para complementar a fala do colega concordando ou até discordando do que estava sendo relatado ou opinado.

Apesar das falas serem individuais, todas as questões levantadas atingiam, se não a todos, a maioria dos colegas. O que mais se ouviu e falou foram reclamações e nenhuma delas passou sem ter uma confirmação dos outros colegas.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Absolutamente ninguém fez ponderações que privilegia o individual. Todas as questões eram coletivas.

Os alunos trouxeram reclamações que os incomodavam e que aparentemente não seriam tão complexas de serem resolvidas, como por exemplo: ter que ficar em fila para fazer uma oração coletiva segurando o material de estudo sem poder ter acesso à sala para guardar o material. A “regra” de ter que realizar uma oração todos os dias de forma obrigatória, também foi motivo de insatisfação.

Um aluno questionou: “por que eu tenho que rezar se minha religião não tem o costume de fazer desse jeito?” Continuou: “e quem não tem esse costume, é obrigado a fazer a mesma coisa todos os dias?” Por fim, outra aluna fez a seguinte observação: “Professor, tem dias que nós entramos para a primeira aula com 20 minutos de atraso e todos os dias a diretora fica perdendo o nosso tempo de aula chamando a atenção dos mesmos alunos pelos mesmos motivos”.

As falas prosseguiram de maneira a enfatizar pontos negativos e alguns raros momentos de positividade. Observando que a maioria dos alunos não estavam felizes em frequentar a escola; não naquela condição. Que a escola estava sendo um lugar de regras sem sentido e onde eles estavam apenas passando as horas do dia, sem satisfação. Deveriam ser os protagonistas da instituição, mas não tinham voz nem vez.

Foi constatado, então, a tomada de decisão correta ao procurar desenvolver de forma dialógica o planejamento. Não apenas para reduzir o afastamento das aulas e diversificar os conteúdos, mas também para propiciar aos alunos a possibilidade de construir com eles, algo que realmente eles tivessem interesse e trouxesse algum significado para a sua vida dentro da escola.

Na atividade que iniciou a aula, pouco foi falado sobre a EF, porém me senti contemplado ao ver os alunos questionando e desenvolvendo um senso crítico que antes não havia percebido. Constataram que uma de suas reclamações, como por exemplo, furar a fila da merenda, poderia ser resolvida apenas por eles mesmos, a partir do momento que nenhum aluno fizesse mais aquilo.

Ainda deu tempo para uma última reclamação: “por que temos que participar do desfile do dia 7 de setembro”? Então foi conversado um pouco sobre aquela situação e notado que nenhum dos alunos sabiam, se quer, o que se



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



comemorava naquela data que se aproximava, já que o desfile aconteceria no dia 10/09 e estavam contrariados de serem “obrigados” a participar de ensaios preparatórios e do derradeiro desfile.

A discussão foi muito satisfatória. Apesar de repetitivo, a EF não ter sido o ponto central dos diálogos. Notar que todos falaram um pouco das suas angústias na vida escolar e colaborar para que percebessem que estão em uma escola que, por premissa, é uma instituição democrática. Podem, assim como devem contribuir de maneira relevante na construção dos saberes e conhecimentos que ali são tratados. Jamais podem estar alienados ou deixarem que o sistema educacional os coloquem à periferia de tudo.

Em seguida, foi feita uma pequena explanação da história da EF no Brasil e também de como ela, por vezes, é conceituada de maneira errada dentro da escola. Prosseguindo, foi pontuada sobre a relevância do “movimento renovador” da EF e o quanto aqueles autores da década de 80 contribuíram para que a nossa disciplina deixasse de ser vista como uma mera atividade para obter *status* de componente curricular obrigatório na Educação Básica, com conhecimentos e conteúdos particulares, de tanta importância para o aprendizado dos alunos como as demais disciplinas.

Para finalizar, foi discorrido sobre algumas possibilidades da EF que ainda é observado hoje nas escolas, como: rola bola, esportivismo e mecanicismo; e a enorme gama de práticas corporais que a EF tem condições de tratar no ambiente escolar com a utilização do vasto campo da cultura corporal de movimento.

Observou-se, após a explicação para os alunos sobre as várias possibilidades de se trabalhar diversas práticas corporais, que os mesmos lançaram um grande fascínio sobre o tema. Ter o entendimento de que a disciplina que eles mais gostam, já que a maioria manifestou sua preferência, é possuidora de uma riqueza imensa de práticas e que talvez estas poderiam estar presentes no seu cotidiano. O quanto a realização de práticas diversificadas na escola, poderiam ajudar os estudantes a fazer uma leitura de mundo crítico. Refletindo e participando das várias culturas, sem deixar de valorizar a própria cultura em que está inserido.

Seguindo com a explanação das possibilidades que a EF poderia fornecer dentro da escola, explicou-se para a turma da intenção enquanto projeto de pesquisa,



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



que era de trabalhar todos juntos em uma proposta de planejamento participativo. Buscando, além de uma maior participação nas aulas, também atingir um maior número de práticas corporais, sendo tratadas dentro de uma Unidade Didática, compreendendo o tempo de um bimestre.

Dando prosseguimento à aula, a turma foi organizada em três grupos que teriam como tarefa discutirem o que havia sido tratado até aquele momento da aula e, através do diálogo, fazer um levantamento indicando possibilidades de práticas corporais que pudessem ser desenvolvidas dentro da UD.

Antes mesmo da movimentação inicial dos grupos, alguns alunos questionaram: “podemos escolher o que nós quisermos professor?” Outro aluno emendou: “e se escolhermos natação, onde vamos praticar? Não temos piscina, onde vamos fazer as aulas?” Por último, mais uma intervenção: “professor o que é Cricket? Podemos escolher Cricket?” Os questionamentos não foram respondidos de forma direta, foi apenas solicitado que os alunos conversassem entre si para decidirem os seus interesses para o componente curricular. Cabe uma passagem do maravilhoso professor Paulo Freire que foi colocada aos alunos: para que eles “sonhassem coletivamente”. Como professor, era o momento de ir atrás de “inéditos viáveis”.

O questionamento dos alunos levantou uma realidade, muitas vezes constatada dentro da EF, a de que são raras as escolas que possuem uma estrutura mínima para dar suporte visando a realização das aulas de EF. A própria escola onde o estudo foi realizado é uma prova disso: a estrutura física destinada diretamente às aulas é extremamente deficitária. Há apenas uma quadra, que foi coberta há 10 anos e, mesmo assim, algumas partes na proteção lateral não foi finalizada até o momento; não possui tabelas de Basquetebol e locais próprios no solo da quadra para fixar os postes que viabilizariam a colocação da rede de Voleibol, por exemplo, além de sofrermos com a escassez de material.

É possível observar que não faltam espaços ou verbas para que a infraestrutura obtenha uma melhora. A verdade é que não há vontade e/ou interesse dos que administram a educação na escola, de proporcionar melhorias destinadas à EF. Tem-se como exemplo, uma extensa e custosa reforma pela qual toda a área construída passou recentemente, onde foram feitas melhorias em todos os espaços da escola. Desde a troca do piso até a manutenção do telhado. Porém, na quadra da



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



escola, foi feita uma pintura na parede externa que é a parte visível para quem está no pátio da escola, uma maneira de maquiagem uma melhora.

Além de não ter ganho nenhuma melhoria, a sala de aula virou um grande depósito de armários, cadeiras, carteiras e mesas de refeitório. Um total desrespeito com o componente curricular, o qual, o presente pesquisador vem lutando e reivindicando por melhorias há anos. Talvez, agora despertando os alunos para uma participação maior nas decisões que envolvem as aulas e os demais sujeitos que envolvem o ambiente escolar, para que juntos possam obter avanços consideráveis para a EF.

Pode-se dizer que as escolas e as faculdades de EF não têm condições de fornecer espaços que proporcionem a contemplação do número riquíssimo de práticas corporais existentes e que surgem a todo momento, mas melhores condições de trabalho para o professor e de aula para os alunos tem que ser reivindicados por todos e oferecidos pelo Poder Público.

Retomando a aula, foi passado aos grupos que estavam reunidos para discutir o que havia sido proposto. A intenção ao transitar pelos grupos, não era interferir diretamente nos diálogos, mas sim proporcionar algum suporte que eles julgassem necessário, e também fazer uma leitura rápida se as conversas estavam fluindo.

Foi possível perceber que em grupos menores eles estavam ainda mais falantes e constatou-se que em alguns momentos de euforia e desconfiança. A euforia vinha daqueles que comentavam: “muito legal poder escolher o que temos vontade de aprender”. Já a desconfiança aparecia em comentários como: “será que vamos conseguir praticar o que queremos mesmo?” Foi feita uma observação à distância para que os grupos não se sentissem inibidos.

As discussões nos grupos se estenderam por um tempo maior que o planejado, sendo necessário uma prorrogação do horário, mas logo a aula acabou. Não foi possível realizar o fechamento com a turma toda reunida em sala, tarefa que ficou para ser realizada no início da próxima aula.



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**
Figura 1 - E. M. Dr^o Xenofonte Mercadante



Fonte: Autor, 2022

Figura 2 - E. M. Dr^o Xenofonte Mercadante



Fonte: Autor, 2022





**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**
Figura 3 - Quadra da E. M. Drº Xenofonte Mercadante



Fonte: Autor, 2022

Figura 4 - Quadra da E. M. Drº Xenofonte Mercadante



Fonte: Autor, 2022



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Diário de campo, dia 12/9/2022 (Plano de aula 3 e 4, ANEXO II).



Iniciada a aula com a retomada da atividade que não pode ser finalizada no encontro anterior, os grupos reunidos na sala deveriam, um por vez, colocar suas intenções de conteúdos para serem trabalhadas no bimestre, buscando fornecer argumentos que fossem possíveis de persuadir o restante da turma, que de maneira democrática aceitassem ou não os conteúdos propostos. Antes, porém, os grupos tiveram dez minutos para recordarem o que haviam conversado anteriormente e se organizarem para apresentarem as suas indicações para o restante da turma.

A atividade transcorreu de maneira tranquila e amistosa, algo que nem sempre é possível observar entre outros momentos na própria sociedade que se diz democrática quando há uma divergência de opinião. Todos muito atentos às ponderações dos colegas e às sugestões que eram emitidas naquele instante.

Algumas colocações chamaram mais a atenção, como quando o grupo 2 colocou como proposta o trato com o basquetebol: “o basquete faz parte do ‘quarteto fantástico’, mas é pouco praticado em nossa região”. “Não temos equipes de basquete para disputar o JEMG”. Duas observações se fazem necessárias nessa fala do grupo. A primeira: como já mencionado, a quadra da escola não possui as tabelas convencionais para a prática do referido esporte. A segunda: é muito claro como que a esportivização está enraizada na EF, pois para os alunos do grupo a prática do basquete só estaria consolidada com a formação de equipes para disputar competições.

Seguindo com a atividade, o mesmo grupo faz menção a alguns esportes que utilizam raquete como badminton, tênis e tênis de mesa: “professor, por que esses esportes são menos praticados na escola?” “É por questão financeira?” Foi debatida um pouco a questão, chegando à conclusão que realmente a falta de materiais mais sofisticados funcionava como empecilho para algumas práticas, mas que era possível contornar as dificuldades caso esse fosse o desejo.

O grupo 3, assim como havia feito o grupo 2, mencionou o interesse pelo badminton. Trouxe como um conteúdo não convencional para as aulas, a indicação das Lutas e um dos alunos fez a seguinte afirmação: “se a luta for usada para o bem, pode diversificar mais os conteúdos despertando mais interesse nos alunos”. Por fim, o grupo lembrou do Futmesa e um aluno falou: “embora esse conteúdo não seja tão



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



famoso, seu desenvolvimento é bem interessante e pode ter a participação de mulher. Não tem discriminação”.

Por último, as indicações do grupo 1 para fechar a atividade. Assim como os grupos anteriores, também relacionou os esportes com raquete como proposta de trabalho e lembrou que talvez seria interessante o desenvolvimento do voleibol, pois, segundo o grupo, a maioria da turma gostava muito da prática, porém encontravam muitas dificuldades em desenvolver a mesma. Ainda como sugestão, o grupo fez a indicação do trato com as Práticas Corporais de Aventura - PCA, algo inédito na escola e que todos tinham interesse nesse objeto.

A atividade seguinte, após a colocação dos grupos, ocorreu com grande euforia. Agora, a turma teria que montar um quadro, onde deveria constar dentro da programação de 22 aulas, já que do total de 26 aulas destinada à unidade didática, 04 estavam sendo utilizadas na construção do planejamento, os conteúdos que seriam trabalhados na unidade didática.

Elaborando o quadro, que funcionaria como a base para o planejamento das aulas, ficou decidido de maneira consensual e democrática que, além de recorrer às propostas dos grupos para a construção do quadro, seria levado em consideração e procurando dar relevância aos conteúdos relacionados individualmente nas entrevistas.

Através de um levantamento prévio que havia feito pelas entrevistas, fui indicando quais conteúdos foram mais citados. A discussão dos grupos ainda estava latente, então, fomos elaborando o quadro que seria o nosso referencial para as aulas que viriam pela frente na construção da nossa unidade didática.

Alguns comentários dos alunos chamaram a atenção durante a construção do quadro: “só acho que não tem que ter futebol, a gente joga futebol direto”. “Podemos juntar todas as lutas?” “Professor, esse tal de PCA deve ser bem legal”... “Tem que ter esporte, mas esportes diferentes”. “O voleibol não é diferente, mas gostaria de conseguir jogar um pouco de vôlei”. “Também acho difícil jogar vôlei, se conseguíssemos jogar seria muito legal”.

Assim, com grande participação de todos e com muito diálogo, seja nos grupos, seja com opiniões durante a atividade ou até mesmo de forma individual recorrendo às entrevistas, o quadro foi montado. Iniciaria com os esportes de



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



rede/quadra dividida, procurando tratar de dois esportes de maneira dinâmica e que proporcionasse a vivência satisfatória aos alunos.

O primeiro esporte a ser tratado seria o voleibol. De início, a ideia de desenvolver o voleibol não foi do agrado do pesquisador. Ter entre os conteúdos que seriam desenvolvidos nas aulas que buscavam a diversificação dos mesmos um dos integrantes do “quarteto fantástico”, causou estranheza e preocupação. Contudo, a proposta era a participação dos alunos no planejamento e ter os seus anseios e expectativas colocados em prática.

Entendi, que as dificuldades que eles mencionaram na prática do vôlei e, ao mesmo tempo, o fascínio que tinham pelo esporte, criavam um paradoxo e não os deixavam reconhecer que a escolha daquela prática, talvez não seria uma escolha que diversificasse os conteúdos.

Retomando o objetivo inicial, que era buscar a redução do afastamento das aulas através de uma relação dialógica, o desafio seria desenvolver atividades que não proporcionam a exclusão e a inibição dos alunos em participar das aulas. O voleibol sempre foi tido como um esporte muito difícil de se aprender e jogar, sobretudo dentro da escola, mas o desafio estava lançado.

Ainda dentro do primeiro conteúdo, a proposta da turma requiritava o trato com o badminton. Um esporte que não é convencional na escola e muito menos na região. Na verdade, os alunos não conheciam o badminton, porém tinham enorme vontade, externada nas entrevistas e diálogos em grupo, de experimentar algum esporte que “utilizasse raquetes”.

Conhecendo um pouco dos alunos, é possível até dizer que indicaram o badminton com uma certa desconfiança que não seria possível vivenciar o esporte. Isso gera uma certa insegurança com a possibilidade de desenvolver essa prática na escola. Não por questões técnicas ou didáticas, mas sim por não ter acesso ao material necessário para a prática do badminton.

A escola não possui material de uso trivial para as aulas de EF. Solicitar equipamentos para aulas de badminton, estava fora de cogitação. Mais uma dificuldade que se encontrava naquela escolha, mas que teria que contornar à frente e conseguir desenvolver o que foi planejado.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Como segundo conteúdo da proposta para o desenvolvimento das aulas, ficou decidido que se trabalhariam as lutas. Essa indicação, por si só, já deixava evidente a diversificação que buscava proporcionar para os alunos através de suas escolhas, mas que não poderiam ser impostas ou induzidas.

Particularmente, foi presumida a dificuldade com questões técnicas e até mesmo pedagógicas, visto que na formação do pesquisador não ocorreu o contato com esse conteúdo. Seria necessário preparar aulas que contemplassem as lutas, mas que não exigissem que um especialista no assunto estivesse ministrando as mesmas. De modo geral, para os alunos também seria novidade, pois com base nas entrevistas apenas dois alunos mencionaram ter tido contato ao longo dos anos de escolaridade com esse conteúdo dentro das aulas de EF.

Estava nítido que a tarefa seria simples, porém um tanto trabalhosa: manter a motivação e participação dos alunos pelas aulas, entretanto sem fazer com que elas causassem desconforto capaz de inibir a experimentação, mesmo que de forma superficial, dos alunos nas lutas.

Para encerrar a unidade didática, a meta era o desenvolvimento das PCA. Uma prática que nenhum dos alunos havia tido contato anteriormente e até mesmo a nomenclatura do conteúdo levantava interesse e curiosidade.

Mais uma vez, o sentimento que deixava de ter contemplado nas aulas ao longo dos anos os conteúdos como deveria, e que proporciona uma maior possibilidade dos alunos se identificarem com a EF e suas várias práticas. Relatar que a formação na graduação, que foi altamente esportivizada, não contemplou esse conteúdo, seria insistir em algo consolidado. O certo é que, quando aluno na faculdade de EF, o termo PCA não existia. Os esportes radicais que e estão incluídos como vertentes das PCA, mas que nem de longe foram mencionados nas aulas de graduação.

Verdadeiramente, assim como com as lutas, existiriam dificuldades no desenvolvimento desse conteúdo, pois a vivência anterior nessa prática corporal em aula é inexistente. Desafio iminente, que todos deveriam vencer juntos.

Após a conclusão do quadro temático, buscou-se uma maneira, também democrática, de correlacionar os conteúdos que foram escolhidos a alguns temas em



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



evidência e considerados relevantes para os alunos em sua vida escolar e a realidade que estão inseridos.

Sabendo que outras proposições poderiam surgir durante as aulas e, que evidentemente, seriam colocados em discussão, inicialmente a turma definiu que para o conteúdo esportes de rede/quadra dividida, como voleibol e badminton, seria aberto um diálogo sobre a relação de quem pratica voleibol e o homossexualismo. Já no trato com o badminton, foram levantadas questões de materiais necessários para a prática e o que a escola oferece para que o aluno tenha acesso a práticas corporais diversificadas dentro do seu espaço.

No segundo tema, buscou-se entender a sua história e de que maneira as lutas podem ser trabalhadas na escola. Identificar a diferença entre lutas e brigas e compreender como as questões culturais podem influenciar nas lutas praticadas em uma determinada região ou país.

Com as PCA, o entendimento das questões de segurança viria como basilares para o desenvolvimento e experimentação dessa prática. Observar como as várias vertentes das PCA poderiam ser vivenciadas dentro da escola e na comunidade em que residem. Por fim, refletir se a ausência de materiais convencionais era um impeditivo para que se desfrutasse dos possíveis benefícios de vivenciar as PCA.

Os últimos vinte minutos de aula, foram destinados para que os discentes respondessem a um questionário socioeconômico. Individualmente, os estudantes responderam 28 perguntas, entre abertas e fechadas, onde buscava-se coletar de forma mais firme, alguns dados que já haviam sido indicados na entrevista, mas que necessitavam de maior solidez. Antes de entregar o questionário, foi explicado para os alunos qual era o motivo que estavam realizando aquela tarefa. Sem recusas ou imprevistos, a aplicação do questionário ocorreu com tranquilidade e finalizamos a aula.

QUADRO 1 - TEMÁTICO



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Conteúdos	Objeto de conhecimento	Temas que os alunos levantaram para serem tratados junto aos conteúdos.
Esporte de rede/quadra dividida.	Voleibol	- A relação de quem pratica Voleibol e o homossexualismo.
	Badminton	- Falta de material para realização de práticas diversificadas dentro da escola. - A história das Lutas. - Diferença entre Lutas e brigas. - O trato das Lutas dentro da escola.
Lutas	Lutas	- Questões culturais que podem influenciar nas Lutas praticadas. - A classificação das Lutas quanto a sua distância. - As questões de segurança para a realização das PCA.
	Urbana (<i>parkour</i>)	- Possibilidade de desenvolver as vertentes das PCA dentro da escola. - A falta de materiais convencionais como possível impeditivo para a realização das PCA.
PCA	Da natureza (<i>slackline</i>)	- O desenvolvimento das PCA na comunidade e o respeito com o meio ambiente.

Fonte: Elaboração própria.

Diário de campo, dia 16/9/2022 (Plano de aula 5 e 6, ANEXO III).

Após duas semanas (4 aulas) sem atividades na quadra, onde os alunos, exemplarmente, participaram das atividades com diálogos riquíssimos de forma a entender a proposta, e mais que ter esse entendimento aceitarem ser coautores do planejamento que seria desenvolvido durante a unidade didática, é hora de ir para a quadra para colocar em prática o que estava no papel; de tornar real o que se havia pensado e discutido, o que os faziam se sentirem contemplados, de colocar a mão na massa. Hora de trocar experiências e saberes.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A primeira atividade foi uma roda de conversa, que serviu para que os discentes relatassem o que conheciam do voleibol. Se já tinham praticado e onde essa prática havia ocorrido. Alguns comentários surgiram: “já vi na televisão”. “É aquele que tem rede, professor?” “Eu gosto muito de vôlei, mas não sei jogar”. “Vôlei é diferente do voleibol?” “Pratiquei na escola”.

Com esses relatos e conhecendo os alunos, sua realidade e a cultura que estão inseridos, a sensação é de que se não fosse através da EF, eles não teriam oportunidade de conhecer e praticar o voleibol. Neste momento, uma outra reflexão surgiu: se nem mesmo um esporte que está entre os mais populares do país e dentro da escola tem a sua representatividade na EF é capaz de romper os muros da escola e ter apelo para a sua prática cotidiana, imagina as práticas menos convencionais e que não tem o apelo das mídias em seu entorno.

Os alunos são privados do conhecimento de grande parte da cultura corporal dentro da escola. Por consequência, a identificação com algo que possa praticar, entender e adquirir como um estilo de vida para o seu futuro, assim como também, realizar uma prática com autonomia quando sai da escola, fica ainda menor.

Retomando a conversa inicial, onde foi falado brevemente do surgimento do vôlei, qual era a intenção ao criar o esporte e a evolução das suas regras ao longo do tempo; percebeu-se que eles já haviam tido contato com essa parte histórica da modalidade, porém alguns sentidos ainda não estavam orientados.

Como, por exemplo: ao lembrar que ao criar o voleibol, o professor Wilhan Morgan tinha como um dos seus objetivos evitar o contato físico entre os participantes, um aluno exclamou: “então é por isso que tem uma rede no meio da quadra”! Finalizando a conversa com a observação da popularidade do voleibol no país, mas que não tem a mesma representatividade no Município do presente estudo.

Então, começou-se a vivenciar o vôlei. Com os alunos divididos em grupos de três e cada grupo de posse de uma bola de vôlei. O objetivo era manter a bola no ar através de voleios. Assim, foi possível observar que a maioria tinha a noção de alguns fundamentos básicos, como a manchete e, principalmente, o toque.

Foi observado todos os grupos, permanecendo por um a dois minutos e participando juntos da atividade. Ao terminar a atividade, reuniu-se a turma e



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



conversou-se um pouco das dificuldades e dos movimentos que foram utilizados para manter a bola no ar.

Ao relatar a prática, alguns alunos confundiam o nome dos fundamentos, apesar de executarem o movimento de maneira “correta”: “eu fiz um saque para não deixar a bola cair”. “No começo a bola caía toda hora, depois melhorou um pouco”. “Acho que depende do colega para a bola não cair no chão”. Foi constatado, que realmente o vôlei não é um dos esportes mais fáceis de aprender. É necessário muita perseverança e resiliência, mas quando se consegue entender a essência do jogo e saber que o erro, ou seja, deixar a bola cair, faz parte do processo de aprendizado, o esporte fica mais interessante.

Ao planejar a aula, já era sabido que não seria possível partir para o jogo institucional como alguns alunos esperavam inicialmente. Talvez, em seu interior, os discentes buscavam a prática do voleibol como viam na televisão, mas mesmos esses alunos, após a primeira atividade, observaram que não seria possível naquele momento.

Então, como a proposta inicial da aula era fazer com que os alunos mantivessem o encantamento com o voleibol, motivo pelo qual eles escolheram essa prática, foram desenvolvidos alguns jogos onde era perceptível que estavam jogando vôlei, porém sem “volar” a todo momento.

Para isso, foi lançado mão de um jogo chamado “câmbio”, que além de proporcionar aos alunos o agarre da bola para posteriormente passá-la ao companheiro ou em direção à quadra adversária, também solicitava dos seus participantes, o movimento de rodízio do voleibol, toda as vezes que se jogasse a bola para a quadra adversária.

Posteriormente, se realizou uma atividade denominada por todos os envolvidos de “volençol”. Consistia em cada equipe portar um lençol, onde todos os integrantes deveriam segurar o objeto e através dele, sem tocar as mãos na bola, conseguir jogar a bola para a quadra adversária. Como no jogo convencional de vôlei, se a bola caísse seria ponto do time adversário. Um dos principais objetivos da atividade era fazer com que os alunos percebessem a necessidade de jogar junto, coletivamente, um ajudando o outro. A vontade individual não poderia superar a coletiva.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Ao fim das duas atividades, discutiu-se sobre as impressões que os alunos tiveram sobre a prática: “No começo o ‘volençol’ estava difícil, mas depois que conversamos que tínhamos que fazer o mesmo movimento de uma vez, tudo melhorou”. “Gostei muito do ‘volençol’, será que daria para ter mais de um grupo em cada time? Tipo um jogar para o outro e depois passar para o outro lado”. “O ‘câmbio’ foi muito difícil, professor. Esse negócio de ficar rodando, me deixou até tonto rrsrrsrs.” “Eu gostei do ‘câmbio’. É diferente poder jogar segurando a bola”. “O ‘câmbio’ foi muito legal, toda hora tinha que se movimentar e ninguém ficou parado”.

Os alunos demonstravam estar gostando e se envolvendo com a aula, contudo, foi observado que queriam fazer um jogo mais próximo de um jogo convencional de voleibol. Entendiam as dificuldades que surgiriam, mas se mostraram confiantes para o desafio.

Então, a turma foi dividida em três grupos e esses grupos formaram duas equipes que jogariam uma contra a outra em quadra reduzida desenhada com marcações no chão com giz e com marcações de cones. Para simular a rede, foi esticado um elástico no meio da quadra utilizando as balizas de futsal para amarrar o elástico em uma altura razoável. A atividade era parecida com o “câmbio”, porém somente a “primeira bola” poderia ser agarrada. O segundo e o terceiro toque tinham que ser realizados sem segurar a bola.

A atividade transcorreu melhor que o imaginado. Apesar de parecer complexo fazer a observação de três grupos em atividade simultaneamente, ficou explícito que a participação dos alunos em grupos menores foi ainda maior e mais efusiva. Verdadeiramente, todos conseguiram tocar a bola e participar efetivamente da atividade.

A partir da observação dos alunos, como: “Que horas vamos jogar vôlei de verdade”? Percebeu-se que seria o momento de avançar para uma prática que se aproximasse ainda mais da institucional.

Explicada brevemente algumas regras que fazem parte do jogo, mas que poderiam ser modificadas se desejassem. Assim, a turma foi dividida em três equipes, onde a equipe que não estivesse jogando, auxiliaria na arbitragem como também poderiam fazer observações para as duas equipes que estavam jogando melhorassem a sua forma de jogar. Dessa forma, os jogos foram iniciados.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Como nas atividades anteriores, todos participaram, até mesmo aqueles alunos que estavam no grupo de espera, contribuía com a arbitragem e com colocações interessantes para aqueles que jogavam.

Para finalizar a aula, foi feita uma roda de conversa. Os alunos elogiaram muito a aula: “Professor a aula hoje foi muito interessante”. “A aula foi boa e criativa”. Buscando mais subsídios para avaliar a aula, buscou-se saber sobre o que eles acharam das atividades individualmente: “Achei o ‘câmbio’ mais difícil e o ‘volençol’ mais fácil, porque o time todo jogou junto”. “Eu achei o jogo com ‘elástico’ o mais top. Toda hora eu encostava na bola”. “Jogar igual se joga na televisão não foi fácil, mas a gente até que foi bem”. “Realmente, vocês foram muito bem”. Fiz esse elogio e perguntei? “Nós só podemos jogar vôlei na escola?” Rapidamente, responderam que não: “mesmo que não se tenha o material convencional, podemos improvisar o local, a rede e até mesmo a bola”.

Por fim, ficou uma tarefa para a próxima aula. Os alunos deveriam pesquisar e refletir, se há algum tipo de preconceito com os praticantes do voleibol, sobretudo os homens, e trazer as suas impressões sobre o tema para serem expostos e debatidos com os colegas em aula.

Figura 5 - Volençol



Fonte: Autor, 2022

Figura 6 - Jogos em quadra reduzida



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022

Figura 7 - Voleibol



Fonte: Autor, 2023

Figura 8 - Jogos em quadra reduzida



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022

Diário de campo, dia 19/9/2022 (Plano de aula 7 e 8, ANEXO IV).

Ao iniciar a aula, foi questionado se eles haviam realizado a pesquisa e quais foram suas reflexões. A maioria respondeu positivamente ao primeiro questionamento. Mas ao relatar sobre o que acharam sobre o tema, foram um tanto monossilábicos: “Gostei”. “Muito legal”. “Interessante, professor!” Apenas uma aluna se diferenciou ao mencionar suas impressões: “Professor, eu não acho que o tema esteja de acordo com aquilo que observo”.

A fala da aluna serviu para avançar um pouco mais nos questionamentos que rodeavam o tema proposto. Foi perguntado: “Vocês acreditam que o preconceito que envolve os praticantes do voleibol, em especial os homens, acabou?” Dessa vez, aconteceu um número maior de manifestações: “Sim, diminuiu, mas não acabou. Muitos meninos acham que só o futsal é jogo de homem e criticam muito quem joga voleibol”. “Acredito que o preconceito acabou, porque o voleibol se tornou um esporte popular entre meninas e meninos”. “Acredito, claramente, que esse preconceito permanece”.

Entre respostas positivas e negativas, segui com a seguinte pergunta: “Qual ou quais os motivos poderiam ter levado a associação de quem pratica esse



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



esporte ao homossexualismo?” “Por não ter contato físico”. “Pelo voleibol ser um jogo mais delicado, os homens daquela época achavam que quem jogava aquele esporte eram só pessoas mais fracas”. “A falta de contato físico. Antigamente, esportes sutis eram mais compatíveis com mulheres, homens que os praticavam eram associados a esse pensamento”.

As respostas evoluíram e o tema foi altamente discutido. Até mesmo alguns que não observavam a questão da homossexualidade atrelada à prática do voleibol ficaram mais reticentes para afirmar que o preconceito não existia. “Pensando bem, acredito que possa haver um preconceito velado”. “Por ser jogado com as mãos, e aqui nós jogamos mais o futebol que é com os pés, alguns realmente ficam zoando”.

Os questionamentos, que buscavam discussões diretamente entre um esporte e o possível preconceito que estaria relacionado a sua prática, desencadeou outras reflexões e questões culturais foram levantadas para dar sustentação e fornecer argumentos para o entendimento de maneira plural para o possível preconceito, mas sem recriminar quem talvez o cometesse, e, sim buscando uma leitura da realidade e a partir desse entendimento evoluir e não mais repetir ações preconceituosas.

Após a roda de conversa inicial, todos estavam ansiosos para voltar a praticar o voleibol. Essa euforia, em torno da retomada da parte prática, ao meu ver, só foi possível porque a experiência da aula anterior foi satisfatória. Haviam gostado de praticar, porque efetivamente conseguiram tocar na bola e ter boas lembranças do jogo. Algo que em aulas desse conteúdo, em momentos anteriores ao desenvolvimento desse projeto, com outras turmas, não foi percebido.

É possível ressaltar que, não é apenas o conteúdo que se trabalha, mas também a forma que é desenvolvida a atividade, que vai ou não, possibilitar para os alunos uma aula que eles tenham interesse de participar de forma integral.

Tendo o desafio de manter viva essa chama acesa dentro dos alunos no gosto pelo voleibol, a aula foi iniciada como na aula anterior: grupos de três alunos, cada grupo com uma bola, tendo como objetivo manter a bola no ar. Além da intenção de observar os movimentos dos alunos, com o objetivo de que tocassem sempre a bola para manter a motivação durante as atividades que viriam.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Após esse momento, onde realizaram os movimentos de maneira livre e sem interrupções, foi feito um jogo denominado de “jogo dos países”. É uma brincadeira que está ligada diretamente com os fundamentos do vôlei e que manteve a motivação dos alunos elevada.

Ao término do jogo, conversou-se, e os discentes fizeram questão de colocar suas impressões: “Nossa! Que brincadeira legal!”. “Foi muito divertido”. “Nem parece que estamos fazendo aula de vôlei, fácil e divertido”. “Ter que tocar a bola e prestar a atenção no nome do país que o professor iria falar, não foi fácil”. “Eu adorei”.

Antes de avançar, foi questionado o que eles desejavam fazer. Se continuaria a aula com o que havia preparado ou se tinham alguma sugestão. Um aluno falou: “professor, nós queremos jogar o vôlei normal. Mas para que aquela bola colorida?” “É, professor, porque você trouxe essa bola igual à do ‘Kiko’?” Era a deixa que precisava para que continuasse a ter a turma realizando as atividades com a motivação elevada.

Os questionamentos foram respondidos já propondo um novo desafio: “Trouxe essa bola grande, colorida, que parece a bola do ‘Kiko’, na intenção de jogarmos vôlei com ela”. Todos curiosos, atividade com a “bola inusitada” foi iniciada. Se tratava de um jogo de vôlei, com a turma dividida em dois grandes grupos, onde definimos que utilizaríamos as regras convencionais do esporte, porém com uma exceção: seria permitido às equipes, dar um número de toques ilimitado antes de passar a bola para a quadra adversária.

Com um rápido entendimento da atividade, os times começaram a fazer estratégias para marcar pontos e participar da nova atividade de modo a extrair a melhor performance possível. No entanto, o que foi destacado, foi a alegria com que participaram e a forma leve em que estavam desenvolvendo o conteúdo.

Depois de um certo tempo, eles decidiram jogar o vôlei de forma convencional. Seguindo a organização da aula anterior, também dividiu-se a turma em três grupos, onde o grupo que não estivesse jogando deveria participar com outras atribuições já citadas.

Dessa vez o jogo não estava fluindo. A bola caía a todo momento e os alunos estavam ficando desmotivados. A atividade foi paralisada, foi feito um diálogo



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



sobre o que estava acontecendo: eles estavam se cobrando para fazer o movimento de maneira correta, porém não estavam tendo o sucesso como esperavam.

Na intenção de retomar a motivação dos alunos, foi sugerida uma outra atividade: “Vamos fazer o mesmo jogo, porém a bola pode dar um quique no chão antes que cada aluno toque a bola. Aceitam esse novo desafio?” Os alunos se mostraram intrigados: “Então é do mesmo jeito, mas podendo deixar a bola bater no chão?” “Exatamente”.

Rapidamente, os alunos se adaptaram ao novo jogo e o interesse pelo vôlei retornou. A atividade foi se desenvolvendo por algum tempo e a sugestão foi retornar para a vivência convencional do voleibol para terminar a parte prática da aula.

Na roda final de conversa que fecharia a aula, um aluno perguntou: “Professor, como se chama essa brincadeira que a bola pode tocar no chão?” Respondi: “Acho que podemos dar um nome para ela, de acordo com as impressões que nos proporcionaram. O que acham?” Eles ficaram empolgados com a possibilidade de “batizar” uma brincadeira.

O entendimento de que pode fazer mudanças e adaptações a algumas atividades de acordo com a necessidade e objetivo do grupo; mudar regras, criar novas regras, não limitar a forma de se jogar e, até mesmo, dar um nome para um jogo, eram proposições que até então não haviam vislumbrado.

Depois de algumas sugestões, ficou definido que a atividade se chamaria: “Quica/rebate”. Dessa forma: “e qual atividade mais contemplou vocês na aula de hoje?” Sintetizando as respostas que não variaram muito, disseram que perceberam uma evolução na sua prática em todas as atividades, mas que jogar com a bola do “Kiko” e o “Quica/rebate” foi muito legal e prazeroso.

Ao lembrar da conversa que deu início à aula, voltou a se falar de preconceito, mas de modo a sedimentar a conclusão inicial, além de incluir um novo tema: a possível influência das mídias no aumento da popularidade de um determinado esporte.

Algumas respostas dos discentes: “Acredito que com a divulgação de um determinado esporte, pode ser despertado o interesse de muitas pessoas e curiosidade”. “Influência muito, porque pode aguçar o interesse das pessoas”. “Esses meios de comunicação sempre foram responsáveis pelo compartilhamento de



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



inovações. Assim como tudo, as ideologias evoluíram e a influência desses meios ajudou as pessoas a se adequarem”. “Nenhuma, na minha opinião”. “Interfere, porque se colocar na televisão ou na internet, vai estar divulgando mais, e com essa divulgação as pessoas vão criando maior interesse e curiosidade sobre o esporte”.

Com alguns colegas pensando de forma um pouco diferente, a turma concluiu que, em referência ao que as grandes mídias procuram transmitir e por vezes influenciar no cotidiano, o importante é ter uma leitura atenta de tudo que chega pelos meios de comunicação e também das redes sociais para não consumir de maneira inconsciente algo que não acrescenta ou não se tem interesse. E, que há a possibilidade real de se adquirir um gosto por determinada prática corporal apenas através da influência midiática.

Foi finalizado o tema voleibol de acordo com o planejamento com uma participação excelente dos alunos nas aulas e com grande expectativa para o novo esporte que será vivenciado nas próximas quatro aulas.

Figura 9 - Atividades em pequenos grupos



Fonte: Autor, 2022

Figura 10 - Jogando de forma convencional

**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022

Figura 11 - Jogo com bola grande



Fonte: Autor, 2022

Figura 12 - Jogo com bola grande



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022

Diário de campo, dia 30/9/2022 (Plano de aula 9 e 10, ANEXO V).

Depois de duas semanas sem encontrar com a turma devido a um feriado municipal, os alunos estavam ansiosos para o retorno das “aulas diferentes”. Desde que iniciado o projeto, os discentes passaram a chamar as aulas de Educação Física de “aulas diferentes”.

A princípio, tal denominação não foi bem recebida pelo pesquisador, mas ao analisar de forma mais atenta o trabalho e como tudo que envolvia as aulas do projeto estavam sendo ministradas, realmente o termo “aulas diferentes” poderia fazer algum sentido. Só restava procurar fazer com que esse diferente fosse sinônimo de melhor, de estimulante, de instigador.

Chegado o momento de tratar o badminton. Para o desenvolvimento desse esporte na escola, o desafio inicial seria conseguir materiais que fossem capazes de fornecer uma base estrutural mínima de contato dos alunos com o que eles esperavam do esporte. Buscar por esses recursos junto à direção da escola, como mencionado anteriormente, seria infrutífero.

Já tinha algumas raquetes, mas não seria suficiente para desenvolver o badminton da forma como imaginava. Seria necessário conseguir um número maior de materiais para utilizar nas aulas. O objetivo era que todos os alunos pudessem

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



realizar a prática com posse de uma raquete. Sem ter que ficar com o tempo ocioso durante as atividades.

Então, foi feita uma busca por ajuda junto a colegas da área com a esperança de conseguir um empréstimo dos equipamentos em número que fosse o suficiente para desenvolver as aulas como planejado. Deu certo! Foi necessário, o contato com apenas dois colegas e o primeiro desafio para que os alunos vivenciassem o badminton estava cumprido.

Iniciando de fato as ações em torno da aula, foi feita uma pequena sondagem sobre o que os alunos conheciam sobre o badminton. Desde a parte histórica até como se realiza um ponto. Não me surpreendeu, as respostas foram em sentido negativo. Fiz uma rápida analogia ao voleibol vivenciado nas aulas anteriores na intenção de que a forma de jogar ficasse mais clara.

Previamente, foi montado um projetor com o objetivo de reproduzir dois pequenos vídeos que resumiam a história da modalidade e como o jogo se desenvolvia. Assistiram aos vídeos e retomaram o diálogo sobre o badminton. Um aluno perguntou: “Professor, acho que não vai ser possível brincar de badminton”. “Por que você pensa dessa forma?” Interroguei-o. “Porque não temos raquetes na escola”.

Os alunos ainda estavam na sala nesse momento e não sabiam que havia conseguido o material para as aulas de badminton. “Realmente, não temos raquetes na escola, mas será que somente quem tem esse recurso consegue praticar o badminton?” Bruscamente um aluno respondeu: “Claro né professor, como vamos jogar um esporte de raquete sem raquete?” Boas risadas nesse instante.

Sendo assim, os alunos foram à quadra para praticar, deixando para outra ocasião a discussão sobre os materiais necessários para uma determinada prática corporal, o que a escola oferece e a possibilidade de adaptações desses materiais.

Ao chegar na quadra, os alunos ficaram empolgados ao ver as raquetes e petecas disponibilizadas para que eles utilizassem durante as atividades. Foi explicado que aquele material era fruto de um empréstimo de outros professores e que deveriam utilizá-los da melhor maneira possível. Cada aluno pegou uma raquete e uma peteca a fim de observar e manusear o equipamento.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Foi lembrado, que assim como o tênis de campo, tênis de mesa e o tênis de praia, o badminton é um esporte que utiliza um implemento, a raquete para rebater o objeto, a peteca. Entender que a raquete funciona como uma extensão do próprio corpo e somente ela deve ter contato com a peteca. Para a maior familiarização com os materiais, sugeriu-se que os alunos se locomovessem pela quadra procurando manusear livremente a raquete e a peteca.

Ainda com a formação da atividade anterior, agora eles deveriam segurar a raquete alternando a direção da mão, em supinação e pronação, golpeando a peteca e procurando fazer com que ela permanecesse o maior tempo possível no ar. Percorrido algum tempo dessa atividade, foi explicado aos alunos sobre o *grip*, que é a maneira de segurar a raquete: a maneira mais indicada para realizar a pegada na raquete, mas que caso alguém preferisse fazer de outra maneira não haveria problema.

Avançando com as possíveis vivências do esporte, foi feita uma nova organização dos alunos. Agora em duplas, um aluno com a raquete deveria rebater a peteca jogada pelo companheiro com as mãos, após realizar o movimento por cinco vezes os papéis se inverteram.

Ainda com a mesma organização da atividade anterior, sendo que os dois integrantes da dupla com a raquete em mãos, agora a intenção era rebater a peteca um para o outro de forma direta e sem segurar, tentando manter a peteca no ar o maior tempo possível.

Foi questionado: “como está a prática”? “Qual está sendo a maior dificuldade?” Naquele momento, eles não estavam muito a fim de conversar. Queriam continuar a praticar e matar a vontade explicitada anteriormente de experimentar o badminton. Os relatos se resumiram a: “Está muito legal, professor”. “Esse exercício em duplas é mais interessante”.

Ainda durante a pausa da atividade, foi explicado que o badminton tem alguns golpes (jogadas) com nomes em Inglês, explicando que o esporte é de origem inglesa, o define algumas nomenclaturas, como o *backhand* e *forehand*, assim como a explicação de como funcionava cada movimento e que seria interessante, ao voltar para a prática em duplas, que eles tentassem realizar esses movimentos.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Após um tempo considerável com os alunos realizando a atividade anterior, foi feita mais uma intervenção. Primeiro, uma alternância entre os componentes das duplas que os alunos haviam formado, aproveitando a parada para mencionar mais dois golpes do badminton: *smash* e o saque.

Retornando aos movimentos em duplas, foi dito que poderiam tentar realizar esses dois novos movimentos com uma atenção especial para o saque, pois é através dele que se inicia a disputa de um ponto quando está jogando.

Então, como no planejamento, foi finalizada a parte procedimental da aula com alguns minijogos. Visando à participação de todos os alunos e sem dar oportunidade para que a ociosidade atingisse uma mínima parte dos discentes, a quadra foi dividida em vários espaços para realizar os jogos de badminton, como feito na prática do voleibol.

Porém, foi trocada a utilização do elástico que dividiria o espaço e serviria de rede, por uma corda. Já que, durante as aulas de vôlei, as vezes os alunos tinham dúvida se realmente a bola havia passado por cima ou por baixo. E, por isso, o uso da corda, com o mesmo objetivo do elástico no vôlei, teria mais efetividade.

Vale lembrar, rapidamente, de algumas regras vistas no vídeo do início da aula e que além de ser jogado individualmente, o badminton também tem disputas em duplas. Além disso, as disputas em duplas, podem contar com jogos do gênero feminino, masculino e também de duplas mistas.

Após a breve conversa, iniciou-se os jogos. Inicialmente, os alunos demonstraram dificuldade em conseguir rebater a peteca sobre a rede. Passados alguns minutos, as disputas começaram a correr melhor. Foi possível observar vários *rallys* e especialmente o contentamento dos discentes durante a prática.

Com o tempo passando velozmente, chega o momento de encerrar a aula, os alunos se reuniram e não foi preciso questionamento para coletar as impressões deles com o término da aula: “Essa aula foi a melhor de todas” “É! Foi muito legal mesmo”. “Deveria continuar. Ter mais tempo”. “Eu só tive dificuldade no saque, professor”. “Realmente lembra o vôlei, mas com raquete no lugar das mãos”.

Coletar esses relatos foi como ouvir uma música que gosto e me deixa bem, feliz. A certeza do quanto é bom ser professor de EF. Mas, de repente é lembrado que



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



só faltam mais duas aulas para tratar desse esporte e a motivação não pode baixar, pois é através dela que o aluno consegue aprender e evoluir.

Para propor uma tarefa de casa, um dos assuntos do início da aula é retomado: a escola não fornecer materiais para o desenvolvimento de algumas práticas corporais. Aproveitando a divisão de três grupos, já consolidados há algumas aulas, foi desafiado aos mesmos a confeccionarem raquetes e petecas, com a utilização de materiais alternativos, para jogar badminton e trazer na próxima aula.

Antes de liberar a turma, é ressaltado o quanto o pesquisador, que é o professor da turma está satisfeito pela participação e evolução deles durante as aulas. O quanto eles vêm evoluindo e dando um retorno positivo de tudo que estão realizando juntos.

Figura 13 - Reprodução de vídeos sobre o Badminton



Fonte: Autor, 2022.



Figura 14 - Primeiros contatos com os equipamentos de Badminton



Fonte: Autor, 2022.

Figura 15 - Atividades em duplas



Fonte: Autor, 2022.

Figura 16 – Minijogos de Badminton





Fonte: Autor, 2022.

Figura 17 – Minijogos de Badminton



Fonte: Autor, 2022.

Aula adiada



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



A aula estava programada para o dia 7/10, a fim de prosseguir o projeto com as aulas 11 e 12. Todo o material foi preparado, assim como as atividades para o desenvolvimento das aulas. Como equipamento foi possível conseguir 21 raquetes, duas redes e mais 30 petecas que foi levado no dia da aula para a escola, já que mesmo possuindo um almoxarifado para guardar os materiais de EF, há cerca de três meses, a porta foi arrombada e o conserto, reivindicado por inúmeras vezes junto à direção da escola, ainda não tinha sido realizado.

Ao chegar na escola, foi observado um movimento diferente do habitual. Tinham mais alunos do lado de fora das salas que o normal. Então, um colega disse que teria uma comemoração do dia das crianças. Conclusão: aula cancelada.

Não foi a primeira vez que era pego de surpresa com a suspensão de uma aula, mas, mesmo assim, ficou um sentimento de frustração em não poder realizar a aula naquele dia. Frustração partilhada por alguns alunos que vieram se queixar durante as referidas comemorações: “ficamos sem a nossa aula hoje, né professor?”... “Estava muito animado para continuar com o badminton”. A participação das comemorações foi de maneira indireta, já que não tinha uma função definida e, as expectativas ficaram para as próximas aulas.

Diário de campo, dia 21/10/2022 (Plano de aula 11 e 12, ANEXO VI).

Depois de um intervalo de duas semanas sem aulas, algo também não previsto, aconteceu o reencontro para prosseguir com o planejamento. Desta vez, a aula foi iniciada na quadra com a apresentação dos grupos da tarefa que haviam sugerido.

O desejo era de que conseguissem construir os objetos, como raquete e peteca; fazer uma pequena exposição e uso dos objetos para os colegas; resumir como foi a confecção e quais dificuldades encontraram durante o processo e; por fim, opinar se seria exequível realizar uma aula com os objetos confeccionados por eles.

A impressão ao aplicar a tarefa era de pessimismo quanto a sua realização. Conhecendo um pouco da realidade dos alunos, era sabido que enfrentariam muitas dificuldades para cumprir com o que estava proposto. Desde reunir todo o grupo fora da escola como encontrar um horário vago, visto que a maioria trabalha no contra turno, que atendessem a todos do grupo.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Porém, uma grata surpresa aconteceu: os alunos realizaram a tarefa com enorme êxito. Todos os grupos apresentaram seus objetos na data marcada. Foi questionado como eles haviam conseguido tal façanha. Responderam que conseguiram resolver a primeira dificuldade com uma nova divisão da tarefa.

Um grupo ficou responsável pelas petecas e os outros dois grupos cada um por uma raquete. “Podia ser assim, né professor?” “Claro”. Respondido com um sorriso de contemplação e muito orgulho da iniciativa e da forma democrática que conseguiram suavizar as dificuldades.

Mesmo antes de ouvir o relato dos grupos, mas com os artefatos em mãos construídos por eles, todos estavam satisfeitos. Com um pouco de hesitação, os grupos começaram a relatar os seus sentimentos e impressões em torno do que a tarefa havia pedido.

De forma resumida, os grupos se dividiram em subgrupos onde cada um desses subgrupos ficou responsável por: pesquisar a forma que confeccionariam os objetos, conseguir materiais para a confecção e, por fim, a própria construção dos artefatos.

Todos concordaram que seria possível utilizar os produtos para a realização de aulas com o tema badminton, mas que não seria a solução dos problemas, visto que a durabilidade não seria como a de um equipamento convencional.

Também não concordavam com a troca de equipamentos convencionais pela utilização permanente de materiais alternativos, pois tal atitude poderia fazer com que a instituição se omitisse de suas obrigações na busca por adquirir equipamentos de qualidade e que atendesse a uma EF plural.

Com grande satisfação, foi identificado na exposição dos alunos, uma maturidade em discorrer os seus pensamentos e ideias. Sendo assim, com esse movimento que o professor realiza dentro da escola, ele contribui para a construção de uma sociedade mais democrática e igualitária, possibilitando aos estudantes a superação de obstáculos possíveis de serem superados.

Evoluindo para a prática, os alunos foram orientados que, após realizarem uma pequena demonstração com as raquetes e petecas que haviam construído,



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



pegassem cada um uma raquete e, em duplas, fizessem os movimentos vivenciados na aula anterior.

Ao me movimentar por entre as duplas, que estavam realizando os variados golpes do badminton, foi lembrando os nomes de alguns golpes que se utilizam no badminton e que também tinham sido colocados na aula anterior. Saque, *backhand*, *forehand* e até mesmo o *smash*, que se trata de um golpe mais complexo, a turma conseguiu realizar e identificar.

Suspeitava, que pela participação excelente da turma na aula passada essa evolução aconteceria. E, entre outras atividades que poderiam manter a motivação e o interesse dos alunos em torno do badminton, foi programado um torneio que envolvesse todos.

Para isso, foi necessário o empréstimo de mais uma rede para a montagem de duas quadras em suas dimensões oficiais e que fosse capaz de fornecer algo próximo de uma partida oficial. Uma competição dentro da turma, onde quem não estivesse jogando, realizaria as funções de arbitragem e de anotar a pontuação dos jogos.

O pesquisador fez a aquisição, com recursos próprios, de algumas medalhas para realizar uma premiação ao fim da aula. Fazia parte da estratégia, manter a motivação da turma elevada. Nada mais compatível para elevar a motivação, que proporcionar uma premiação como nas competições oficiais.

Tudo estava como planejado. O sucesso da aula era uma realidade, porém lidando com o imponderável: pessoas; o que engloba seus pensamentos, desejos, anseios, virtudes e defeitos; como seres individuais. E é sempre importante ouvir o que o outro tem a dizer. Especialmente quando os alunos foram convidados a participarem do planejamento. Acreditando que democracia e a relação dialógica vão imperar sobre qualquer forma de imposição realizada de cima para baixo.

Infelizmente, ocorreu um fracasso retumbante no que diz respeito à ideia genial em realizar uma competição com os alunos de uma turma, que foi não perguntar se eles queriam participar de tal movimento, se tinham vontade de estar competindo.

Os alunos não foram obrigados a participar, mas como era horário de aula normal e eles estavam adorando jogar o badminton, ninguém se recusou a participar.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Ao contrário, em um primeiro momento, se mostraram empolgados em competir jogando badminton.

A ideia inicial era realizar um torneio de simples e de duplas, para que a vivência pudesse acontecer nas duas formas de se jogar, mas não foi possível devido ao tempo disponível, não seria suficiente para a realização de dois torneios, mesmo com duas quadras disponíveis, já que a intenção era que os torneios tivessem a sua realização no sistema de eliminatória dupla e assim proporcionar mais chances a todos, todavia esse tipo de disputa eleva o número de jogos.

Com o tempo correndo e o receio de não terminar a aula (competição) na hora que deveria, veio o segundo obstáculo: o alvoroço das turmas. Quem vai formar dupla com quem? Não havia o mesmo número de meninas e meninos para constituirmos todas as duplas mistas.

Alguns queriam escolher com quem formariam dupla e outros não aceitavam as escolhas. Discussões mais acaloradas e um tempo razoável perdido, uma decisão em comum acordo foi de realizar um sorteio para formar as duplas e também definir quais seriam os confrontos iniciais, assim como o chaveamento que se seguiria.

Os confrontos iniciais e todo o chaveamento, também foram alvos de reclamações. Apesar de ter sido realizado um sorteio, onde todos concordaram que seria a melhor forma de dividir as duplas, já que acompanharam *in loco* a realização do mesmo, faltava para eles o entendimento do sistema de disputa escolhido.

Alguns reclamavam por ter que jogar novamente contra uma equipe que já havia perdido, enquanto outros questionavam o porquê de seu adversário ser “mais forte” que o adversário de outras duplas. Não faltavam reclamações. Quase foi perdido o controle da situação. E os alunos apenas estavam questionando e reivindicando os seus direitos.

Com todas as dificuldades que surgiram, mas que foram controladas, a competição foi se desenrolando. Os minutos passavam de forma avassaladora e para cumprir com o horário, que era “sagrado” dentro da escola, foi necessário fazer mais uma alteração. As finais, teriam o número de pontos necessários para a dupla fechar um *set* reduzido.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Foi uma decisão monocrática e assertiva, caso contrário a aula invadiria a aula do próximo professor. Os alunos não reclamaram dessa mudança. Nesse momento, somente quatro duplas estavam jogando com condições de vencer a competição e mais dois alunos fazendo as funções de arbitragem.

Estava posto que metade da turma não estava participando da aula (eram apenas espectadores). A competição que idealizei, e tinha como um dos seus objetivos aumentar a motivação dos alunos, foi na contramão e acabou por gerar descontentamento e exclusão.

A duras penas o torneio foi finalizado, mas o desagrado estava instalado. Tentou-se uma conversa final, antes dos alunos retornarem para a sala um resgate do que aconteceu durante a aula: “Não gostei do torneio”. “Eu não queria jogar. Não sou bom em disputas”. “Demorou muito”. “Gostei. Nós ganhamos!”

Através da última fala, é possível perceber que a satisfação em uma competição está implícita no ganhar ou perder. O aluno ainda não demonstra a maturidade necessária para aproveitar a competição, a disputa como mais uma forma de aprender e evoluir junto com o seu adversário de momento.

Os princípios de uma sociedade capitalista onde a competição, por muitas vezes desigual, estão entranhados no pensar e no agir dos seus atores. Ganhou, é bom! Perdeu, é ruim! A troca de experiência, o respeito e até mesmo a honestidade ficam em segundo ou mesmo em terceiro plano quando se está competindo. Após a conversa e com a turma um pouco mais conformada, eles retornaram à sala.

Figura 18 – Equipamentos construídos pelos alunos



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022.

Figura 19 – Equipamentos construídos pelos alunos



Fonte: Autor, 2022.

Figura 20 – Equipamentos construídos pelos alunos



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022.

Figura 21 – Alunos apresentando a tarefa



Fonte: Autor, 2022.

Figura 22 – Alunos apresentando a tarefa



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 23 – Jogos em duplas



Fonte: Autor, 2022.

Diário de campo, dia 28/10/2023 (Plano de aula 13 e 14, ANEXO VII).



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Após finalizar o conteúdo esportes (esportes de rede/quadra dividida) tratando o voleibol e o badminton, chegou-se a um novo conteúdo. A aula foi planejada para que os alunos pudessem vivenciar e aprender um pouco mais sobre uma das unidades temáticas que haviam indicado na construção da unidade didática através da participação na elaboração do planejamento.

O conteúdo Lutas, jamais havia sido trabalhado nas aulas, e, também os alunos não vivenciaram esse conteúdo na escola nos anos anteriores. Alguns poucos traziam uma pequena experiência dessa temática por ter praticado em um curto momento de sua vida fora dos muros escolares.

Foi constatado que o trato com as lutas seria uma novidade não só para o professor, mas também para os discentes. Quando questionados: “quem já praticou alguma luta?” Apenas quatro alunos responderam ter tido contato com algum tipo de luta, dos quais três com a Capoeira e um com o taekwondo.

Através desse questionamento, foi possível observar que: se as Lutas estão distantes do universo escolar, ainda mais distantes estão das meninas, pois nenhum dos quatro alunos que diziam ter praticado lutas eram do sexo feminino.

Reproduziu-se um vídeo sobre o conteúdo lutas, que contava um pouco de sua história e alguns tipos de lutas comuns da nossa cultura. A partir desse vídeo, alguns comentários muito valiosos surgiram com os posicionamentos e questionamentos dos alunos: “nossa! Quantas lutas existem!” “Não sabia que esgrima era luta”. “Capoeira é luta?” “Eu gosto de assistir UFC”. No sábado seguinte, haveria uma luta de um brasileiro valendo cinturão e alguns alunos estavam empolgados, tornando a disputa do brasileiro o assunto de momento.

Após ouvir bastante os alunos e realizar alguns esclarecimentos, como por exemplo, que *Ultimate Fighting Championship* - UFC não é uma luta e sim um evento de MMA, artes marciais mistas. Sendo assim, foi necessário a reprodução de um segundo vídeo que questionava e também buscava esclarecer a diferença entre brigas e lutas.

Todos assistiram o vídeo com atenção e ao final, foi conversado um pouco sobre os vídeos e seu entendimento sobre o assunto. Não teve divergências nos comentários. Os alunos mostraram um entendimento razoável daquilo que foi exposto.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A unanimidade era de que lutas sim, brigas não. “Mas por que?” (foi perguntado) “Porque se não tem regras, não dá para ser justo”. “Porque na briga qualquer um se mete, mas na luta tem que ter uma preparação”. “Briga machuca, luta não machuca”. “A luta é organizada, já a briga é uma bagunça”.

Depois de perguntar o que eles sabiam sobre lutas e quais alunos já haviam praticado, eles conheceram que as lutas eram um dos esportes mais antigos e que provavelmente se desenvolveu e evoluiu junto com a humanidade. Questionados novamente: “você têm esse entendimento? Por quê?” “Porque tinha que se defender dos animais”. “Porque tinha que caçar para se alimentar”. “Deve ser por ter que brigar com outro ser humano”.

As lutas evoluíram ao longo dos séculos e algumas civilizações ficaram muito famosas e poderosas por desenvolverem algumas artes marciais e utilizaram em batalhas com o objetivo de derrotar o inimigo. Mas utilizar as lutas em campos de batalha era coisa pretérita e o mais importante é dissociar a luta de qualquer tipo de violência.

Foi explicado que não iria tratar de uma luta em específico. Em um primeiro momento, seriam algumas atividades de equilíbrio e desequilíbrio com oponente e também de força. Buscando através dessas atividades chegar próximo da vivência de alguns movimentos que estão contidos nas lutas.

Antes de relatar como a aula se desenvolveu, na sua parte mais procedimental, é importante dizer que era necessário um local que fornecesse o mínimo de condições de segurança para o desenvolvimento das lutas. O ideal, seria uma sala preparada especificamente para esse tipo de prática. Claro que a escola não possui tal equipamento.

Então, foi passado à zeladora da escola sobre a necessidade. Ela foi muito solícita e disse que havia um material emborrachado que ficava guardado na secretaria de educação do município e que provavelmente atenderia às necessidades. O material foi conseguido sem dificuldades e permaneceu na escola o tempo que fosse preciso.

Ao chegar à quadra e montar, junto com a turma, o material emborrachado como área para a realização das atividades e que foi chamado de tatame, a curiosidade e o interesse dos alunos foi altamente instigado.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Em um primeiro momento, buscou-se respostas junto aos alunos sobre de qual maneira deveria utilizar o tatame. Se calçados ou descalços? Um aluno disse que já tinha visto em algum lugar que o certo era ficar descalço. Outro aluno não parecia muito à vontade em ter que retirar o seu calçado: “tem que tirar o tênis professor?” Outro disse: “tem que ser descalço para não estragar o material”...

Todos foram tranquilizados: “vamos utilizar da melhor maneira possível. De modo que não prejudique o material e nem os nossos movimentos. Eu irei fazer de meia pois o meu pé não é muito bonito rrsrs”... Foi dita uma fala de desconcentração e completei: “acredito que hoje não estou calçado com a minha meia furada... E você (perguntei a um aluno), está com a sua meia furada?” Alguns risos e todos tiraram os seus calçados. Com exceção de uma aluna que preferiu ficar calçada, mas que não foi hostilizada ou recriminada.

As vivências ocorreram com muita interação e também uma certa insegurança de uma parte da turma, em especial algumas meninas, que em um momento inicial optaram por ficarem sentadas às margens do tatame observando, e somente após algum tempo, se sentiram confiantes e passaram a participar.

Importante ressaltar, que a todo momento os alunos foram incentivados a participarem das atividades e dar voz ao que estavam sentindo na realização das mesmas.

As inserções dos alunos durante a aula foram essenciais para que os colegas que só observaram tomassem coragem de também participar. A própria expressão corporal dos alunos servia de incentivo. Eram claras as gargalhadas, sorrisos e superações de desafios que se sucediam durante as atividades. A observação do que viam estimulou a participação de todos, exceto uma aluna, que na sequência será explicado o porquê de sua ausência nas aulas de lutas.

Ao finalizar a aula, ouviu-se os depoimentos sobre os desafios e superações que perceberam, tanto individual quanto coletivamente. Os elogios surgiram de maneira efusiva. Mencionaram que as atividades eram sempre desafiadoras e que superar as adversidades à medida que elas surgiam, proporcionou momentos prazerosos.

Por fim, afirmaram que é bem melhor lutar do que brigar e que brigas não deveriam ocorrer, mas que a luta pode fornecer vários benefícios para quem as



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



prática. Assim, as primeiras aulas do conteúdo foram finalizadas com um alto grau de satisfação.

Figura 24 – Reprodução de vídeos para a introdução do conteúdo lutas



Fonte: Autor, 2022.

Figura 25 – Reprodução de vídeos para a introdução do conteúdo lutas



Fonte: Autor, 2022.

Figura 26 – Atividades de força e equilíbrio em grupos

**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 27 – Atividades de força e equilíbrio em grupos



Fonte: Autor, 2022.

Figura 28 – Atividades de força em duplas



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022.

Figura 29 – Roda de conversa final



Fonte: Autor, 2022.

Diário de campo, dia 04/11/2022 (Plano de aula 15 e 16, ANEXO VIII).

Uma sexta-feira muito chuvosa e fria, era o que o tempo e o clima forneciam no momento em que se iniciava a aula. Devido à chuva, nem todos os alunos estavam presentes, na verdade, pouco mais da metade faltaram. Foi cogitado que teria uma certa resistência para realizar as atividades planejadas para aquele dia.

A ideia inicial era de prosseguir com o conteúdo das lutas no espaço da quadra da escola como fizemos na aula anterior. Porém, colocou-se a possibilidade de não ir para a quadra, devido ao clima que se apresentava, mas a decisão ficou nas

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



mãos dos alunos e todos decidiram que a aula poderia ser realizada como planejada, na quadra para surpresa do professor.

Neste momento, apesar do equívoco quanto aos anseios da turma, a surpresa foi positiva e alegre para o professor, já que os alunos estavam se identificando e gostando das aulas e das atividades. Desenvolvendo um compromisso com o seu aprendizado e fornecendo um *feedback* de que estaria no caminho certo para atingir o objetivo da pesquisa.

Então, com ajuda de todos, montou-se o tatame em uma parte mais lateral da quadra onde não haviam goteiras. Os alunos aparentavam uma certa ansiedade para que as atividades começassem logo. Pensavam que fariam as mesmas atividades da aula anterior, o que por si só, já os agradariam, visto que se sentiram imensamente contemplados com as “brincadeiras” que haviam realizado.

Uma roda de conversa parabenizou a turma pela participação na aula anterior e foi pedido a eles que reforçassem a diferença entre brigas e lutas. Depois de alguns depoimentos, alguns elementos foram ressaltados para ajudar a definir e entender as lutas, como por exemplo, previsibilidade/imprevisibilidade; equilíbrio/desequilíbrio e foco no oponente.

Para encerrar a roda, os alunos expuseram sobre a forma como as lutas se classificam baseadas nas distâncias: curta, média, longa e mista. O entendimento sobre essa divisão foi o suficiente para que eles tivessem subsídios e iniciassem uma classificação das lutas que conheciam: “judô é curta, eles ficam agarrados”. Outro aluno disse: “acho que jiu-jitsu é média”.

Então, os próprios colegas fizeram a observação necessária: “jiu-jitsu é curta, é parecida com o judô, eles ficam agarrados também”. “Qual seria a média professor?” Devolvida a pergunta: “quais das lutas que vocês conhecem que poderíamos classificar como de média distância?” Um breve momento de silêncio e veio uma resposta em tom de pergunta: “boxe?!”

Um aluno exclamou, dessa vez com um tom mais confiante e explicativo: “o boxe, pois quando eles se agarram o juiz separa”. Validada a resposta e dado prosseguimento: “isso mesmo o boxe é uma luta de média distância, como também o taekwondo e o caratê”. Outro aluno emendou: “nos filmes tem muito caratê, também



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



já assisti filmes que tem o *Kung fu*. “Isso mesmo, o *kung fu* é de média distância”, complementou-se.

Um discente, mais atento à fala inicial, perguntou: “professor, se essas aí são de média distância, então quais são de longa?” “Ótima pergunta! Alguém consegue responder?” Dessa vez o silêncio foi maior, percebi que haviam terminado o repertório de lutas conhecidas e teria que intervir: “as de longa distâncias, são aquelas que utilizam algum implemento, um objeto, nas ações, para que realmente os oponentes se mantenham distantes. Nós temos como uma luta de longa distância mais conhecida a Esgrima que utiliza uma espada”.

Então, foi discorrido sobre a Esgrima e o *Kung fu*: “a própria Esgrima possui três modalidades com o uso de três armas: sabre, florete e espada. Temos também, como exemplo de lutas de longa distância, algumas ações do *Kung fu* que utilizam implementos”.

Ao finalizar a conversa, onde propositalmente não foi falado das lutas de distância mista, iniciou-se a parte prática: os alunos realizaram algumas atividades que serviam de aquecimento e que ao mesmo tempo faziam menção a cumprimentos e golpes de algumas lutas, como: caratê, judô e taekwondo. A proposta era formar duplas para seguir realizando as atividades e vivências que viriam.

Os próprios alunos buscaram uma maneira para que as duplas fossem formadas com o maior equilíbrio possível. Tanto no peso quanto no gênero. Tal ação passava por um entendimento de justiça, respeito as regras e segurança, algo essencial para a prática das lutas.

Foi muito importante observar esse discernimento dos alunos ao formarem as duplas, por mais que os grupos sofressem alguma mudança durante as atividades que se sucederam. Grandes avanços se apresentavam e eram perceptíveis apenas na observação desses pequenos atos dos discentes.

Após reforçar que o foco da luta está em prestar atenção no corpo do seu oponente e que essa peculiaridade torna os movimentos imprevisíveis, foram desenvolvidas várias atividades para fazer com que os alunos participassem de maneira satisfatória e prazerosa, realizando alguns movimentos de lutas de curta distância e de média distância.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Além do próprio oponente, foram utilizados alguns implementos como corda, cone, colete e pregador, buscando de maneira lúdica, a vivência das lutas e de seus elementos. Os implementos serviram como um recurso pedagógico, para que o aluno fosse pouco a pouco desenvolvendo a prática das lutas.

Foi possível também, através de uma intervenção para finalizar a aula, questionar os alunos sobre quais lutas eles conheciam relacionadas à cultura regional. As respostas foram tímidas e pouco foi mencionado. Alguns lembraram da capoeira e um colega falou, como brincadeira: “na nossa região, não tem luta e sim muita briga”.

Algumas risadas e uma rápida passada sobre manter vivos o entendimento da diferença entre brigas e lutas, foi comentado dos povos indígenas e um aluno falou que já tinha visto pela televisão que eles tinham um tipo de luta diferente, mas não sabia o nome. Validada a intervenção do aluno e dito que a cultura dos povos originários é muito rica e, que infelizmente, não recebe o valor devido.

Um outro aluno lembrou que já tinha visto, também na televisão, os indígenas dançando de forma diferente e então foi lembrado todos juntos da forma com que eles lidam com a floresta e o quanto já forneceram de conhecimento para a medicina com a utilização de plantas na cura de doenças.

Voltando ao ponto inicial, foi proposto que se vivenciasse naquele momento uma luta indígena. A proposta foi aceita e então foi apresentado aos alunos o Huka Huka. Uma luta dos povos indígenas, que tem por base quedas e imobilizações, mas sem golpes traumáticos e que envolve uma cerimônia religiosa, sendo a sua prática diretamente relacionada à formação pessoal de jovens indígenas.

A prática foi desenvolvida com base na ludicidade e adaptando as regras. E, seguindo a dinâmica do Huka Huka, tendo como objetivo marcar pontos, tocar com a palma da mão no joelho do oponente.

Ao fim, os alunos ficaram surpresos, pois achavam que por se tratar de uma luta indígena, premeditaram que os movimentos seriam mais violentos, algo que corrobora a maneira que parte significativa da sociedade busca estereotipar os povos originários. Foi possível perceber uma criticidade sendo criada em torno daquilo que se recebe da sociedade e de boa parte da mídia.

Finalizando a aula com uma conversa muito produtiva e agradável, os alunos demonstraram estar satisfeitos com o processo em que estavam envolvidos,



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



tendo autonomia para falar e fazer. Como por exemplo: “gostei do Huka Huka, professor”. Continuou: “por que nunca tinha visto na televisão se é tão legal?” Outro aluno disse: “talvez porque não agrada todo mundo”.

Importante fazer essas reflexões, não somente com os alunos, mas também na trajetória do professor. Quantas e quantas vezes foi deixado que os conteúdos hegemônicos fossem os únicos presentes nas aulas e o quanto essa postura perante os conteúdos, deixou de proporcionar oportunidade de aprendizagem e inclusão para os alunos.

Por fim, falou-se sobre o MMA que os alunos já haviam citado anteriormente, mas com o nome de UFC, assim foram diferenciadas as siglas, explicando que o UFC é uma marca, um evento que assim como vários outros eventos ou campeonatos, utilizam as lutas de MMA como forma de destacar os seus lutadores e suas marcas. Ao mencionar o MMA, encerrou-se a classificação das lutas quanto a sua distância, visto que só restava destacar uma luta denominada de distância mista.

Figura 30 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente



Fonte: Autor, 2022.

Figura 31 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022.

Figura 32 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente



Fonte: Autor, 2022.

**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Figura 33 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente



Fonte: Autor, 2022.

Figura 34 – Atividades de previsibilidade/imprevisibilidade e foco no oponente



Fonte: Autor, 2022.

Figura 35 – Movimentos para Lutas de curta e média distância



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022.

Diário de campo, dia 11/11/2022 (Plano de aula 17 e 18, ANEXO IX).

Para as duas aulas finais desse conteúdo, ainda tinha como desafios principais no planejamento: a consolidação de alguns conceitos que seriam pertinentes para que os alunos tivessem em seu aprendizado envolvendo as lutas; fazer o fechamento das aulas práticas com a participação de todos e colocar em prática ao menos uma atividade com uma luta de longa distância, para que eles pudessem fluir de mais uma atividade inédita, proporcionando a possibilidade do aumento do repertório motor dos alunos e vivências mais diversificadas.

Para tentar consolidar nos alunos uma aprendizagem robusta, não apenas na dimensão procedimental, mas nas várias dimensões do conhecimento, utilizaria como ferramenta o planejamento de uma aula que se identificasse: a motivação e o desenvolvimento da autonomia do aluno viabilizando o seu protagonismo.

Atingir 100% da participação dos alunos, objetivo maior desse conteúdo final, estava diretamente ligada a dois fatores: o primeiro de ordem climática, ou seja, torcer para que não chovesse no dia anterior, pois boa parte dos alunos moram na zona rural e o deslocamento do transporte escolar pelas vias de estrada de chão fica complicado quando há chuvas intensas. Mas esse fator fugia totalmente do controle. Cabia somente uma torcida. Um pensamento positivo que todos estariam presentes.

O segundo fator, também estava vinculado à participação da aluna mencionada na primeira aula desse conteúdo. Durante aquela aula, mais precisamente no início da parte procedimental, a aluna disse que não queria continuar



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



participando. Na oportunidade, por um breve momento, foi tentado conversar, pedindo que continuasse participando, mas não foi aceito.

A aula continuou e não foi possível conversar com ela para saber o que estava acontecendo. Era a primeira vez após o início do projeto que ela fazia essa recusa em estar participando das atividades. Tal constatação deixou uma preocupação para saber o que de fato ocorria e claro buscar a solução para esse problema.

Aguardou-se o próximo encontro, mas devido às chuvas a aluna não foi à aula, assim como, boa parte dos colegas. Sabedor que o tempo que o professor tem com os seus alunos é curto, e por se tratar de um problema, aparentemente pessoal que a aluna demonstrou, ela foi procurada na escola durante a semana, antes do dia da aula.

O professor buscou um momento na sua rotina pesada de horários, que é sempre muito apertada, que um professor tem e foi à escola com a intenção de saber o que estava acontecendo e, logicamente, procurar uma solução para esse contratempo. Solicitou junto ao professor que estava responsável pela turma da aluna a sua saída e iniciou uma conversa muito sincera e esclarecedora.

O diálogo foi de maneira bem direta, perguntando o que estava havendo, por qual motivo ela não estava participando das aulas, se antes de tratar as lutas ela estava sempre interagindo. A aluna não parecia muito à vontade em dizer o que pensava. Então o professor prosseguiu: “você tem total liberdade para fazer qualquer reclamação ou crítica. Pode ficar despreocupada que essa conversa é confidencial. E qualquer dificuldade que você colocar em relação a sua participação nas aulas, nós buscaremos juntos uma solução”.

Um pouco mais segura, a aluna começou a falar: “professor, você sabe que eu não gosto muito de EF, mas não é nada com o senhor”. Realmente, ela não demonstrava interesse em participar das aulas, mas isso acontecia antes do projeto. E então prosseguiu: “O senhor lembra que eu não participava direito e preferia enrolar, né?” “Lembro. Mas agora é diferente? A sua intenção mudou?” A aluna continuou: “Sim. Desde que iniciamos com as “brincadeiras” que escolhemos para fazer nas aulas, eu tenho participado com gosto”.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A aluna confirmou o que já havia sido observado. Então, o professor continuou: “mas no conteúdo que estamos desenvolvendo você se recusou a participar das atividades práticas. Por que? Ficou com receio de algum acontecimento?” Para surpresa do professor, a aluna respondeu que não se sentia à vontade para a realização das atividades, porque não podia usar calça ou *short* como as outras meninas, devido a uma determinação de ordem religiosa.

Não seria a primeira vez que passava por essa experiência de buscar argumentos plausíveis para que alunos participassem das aulas sem ter que descumprir algo que a sua doutrina pedia. Foram várias vezes que esse obstáculo surgiu. Em uma ocasião, até mesmo um pastor de determinada congregação foi até a escola conversar com o professor. Em todas as oportunidades, sempre foi possível alcançar o objetivo, ou seja, o aluno participar das aulas sem ferir a sua crença e costumes.

No caso da referida aluna, não seria diferente. Ela foi tranquilizada e deixado claro, que na escola não existia uma padronização de roupas para as aulas de EF. O uso de calça, *short* ou até mesmo saia durante as aulas, estava muito mais por opção dos alunos sentirem-se à vontade durante as práticas do que uma padronização.

Evidente que o uso de peças curtas ou com decotes, não seriam permitidas. Mas sim, ela poderia participar da aula trajando saia e com um *short* por baixo. A aluna entendeu a colocação e aceitou participar das aulas sem ter que abrir mão de seus costumes, entendendo que não seria hostilizada pelos colegas por estar vestida de modo diferente dos demais. Com um alívio de ambas as partes por conseguir resolver o problema, a conversa foi finalizada.

Segundo obstáculo superado, as forças se concentraram, concomitantemente, na intenção de desenvolver uma luta de longa distância. Lembrando que esse tipo de luta, depende da utilização de um implemento, e a escola também não possuía tal equipamento. Foi decidido então pela produção do material necessário para a utilização na aula.

De forma que a primeira decisão estava em volta de que luta iria trabalhar. As opções para lutas de longa distância não são tão vastas, pelo menos em ambiente



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



escolar e, foi optado por desenvolver a esgrima contemplando pelo menos uma de suas três modalidades.

Momento de construção das “espadas”. Hora do professor utilizar mais uma de suas várias facetas. Construir um objeto sem ter a mínima noção de que maneira iniciar, mas com disposição para buscar informações na internet, sobre o que seria viável construir.

Teria que ser algo que fornecesse a possibilidade dos alunos experimentarem a esgrima, mas que não fosse necessário desprender um recurso financeiro considerável. E, principalmente, fácil de ser confeccionado. Além de, claro, não oferecer risco para os alunos na hora do manuseio.

Em um primeiro momento, surgiu a possibilidade de pedir como tarefa para os alunos a construção das “espadas”, assim como, o material de badminton. Mas ao pesquisar sobre as possibilidades de construção desse artefato, foi possível observar que seria um tanto complexo para eles realizarem essa tarefa.

Não por falta de habilidades, pois provaram que as tinham. Como os discentes já haviam cumprido tarefas semelhantes com grande êxito e a construção poderia lhes causar um gasto financeiro que talvez nem todos pudessem assumir, ou até mesmo a dificuldade de tempo vago para se reunirem em torno de tal tarefa. Então, o professor decidiu por produzir as espadas.

Dentre das possibilidades para construir as “espadas” com material alternativo e que fizessem com que o aluno se aproximasse da prática da esgrima, foram encontradas duas que atenderiam às condições mencionadas anteriormente. As duas tinham um processo de construção e materiais utilizados bem parecidos.

Então, as espadas foram produzidas sem muita dificuldade, com alguns pedaços de cano de pvc, cabos de vassouras, conseguidos na escola e garrafas *pet*, foi possível construir vinte “espadas” para usar nas aulas.

Após a superação dos desafios iniciais, chega o momento de colocar tudo em prática. A aula foi iniciada com um diálogo sobre o que foi desenvolvido na aula anterior e alguns alunos justificando a sua falta por conta das chuvas. Dessa vez, todos estavam presentes e demonstrando muita vontade de participar. A motivação estava latente, de modo que seguir com as atividades que havia preparado para as aulas, seria mais fácil.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Durante a conversa, foi dada voz aos alunos que estavam dispostos a falar: “não sabia que conseguiríamos fazer lutas na escola”. “É interessante essa coisa de nós termos que formar duplas para lutar. Buscar colegas com o mesmo peso às vezes é difícil, mas também fica mais justo”. “O que eu acho legal nas lutas é a surpresa de movimentos”. Essas falas passaram confiança para prosseguir para a prática.

Antes de iniciar a primeira atividade, os alunos pela identificação das “espadas”: “o que é aquilo?” “Nós vamos usar esses negócios hoje?” A turma foi acalmada.

Na parte inicial da aula, comentou-se sobre a aula anterior, buscando atender, em especial, os alunos que não estavam presentes e foi apresentado alguns jogos de oposição que se aproximavam de lutas de curta distância.

Aproveitando que a participação da atividade foi elevada, mesmo as meninas, estavam participando muito bem, foi proposto que experimentássemos, de forma rudimentar, o sumô. Sim, havia tempo para vivenciar mais uma luta de curta distância, antes de entrar na Esgrima.

Inicialmente, foi perguntado se eles conheciam o sumô. A maioria dizia não ter noção do que estava sendo tratado. Apenas um dos alunos fez a seguinte pergunta: “é aquele trem que os lutadores são mais gordos e usam um fio dental?” Muitas gargalhadas nesse momento.

O diálogo foi retomado para explicar que o aluno estava certo em algumas observações, mas não em todas. “O sumô é uma luta criada no Japão, onde a área de disputa entre os dois oponentes é um círculo e para vencer o combate, é necessário derrubar o adversário ou tirá-lo de dentro do círculo”.

O sumô para os japoneses, está como o futebol para os brasileiros. Os alunos achavam inusitado que uma luta que eles nem conheciam, seria o esporte mais popular de um país. Então, foi possível estender o diálogo para as questões culturais, como havia feito com o Huka Huka na aula anterior.

A vivência do sumô foi explorada por um tempo razoável. Desde o cumprimento tradicional e peculiar que faz parte dessa luta até mesmo possíveis estratégias criadas pelos próprios alunos na intenção de superar o oponente.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Todos os discentes participaram de forma exemplar. E, ainda foi possível desenvolver mais dois jogos de oposição. Esses jogos remetiam e procuravam possibilitar aos alunos alguns movimentos relacionados a lutas de média distância.

Após o desenvolvimento das referidas atividades, reuni todos para buscar a impressão que tiveram e também para passar para a segunda parte da aula onde incluiria a experiência com a esgrima.

Foi perguntado como eles percebiam a diferença entre uma luta de média distância e de curta distância e, também, se eles percebiam que estavam lutando ou brincando? “Acredito que estamos lutando, professor”. “Fácil, quando estamos muito perto do colega é de curta distância e quando estamos mais longe é de média”. “Acho que estamos lutando através das brincadeiras que o senhor está passando”.

Foi respondido: “você estão certos. Estamos juntos desenvolvendo, ao longo desse conteúdo, vários jogos e brincadeiras que são estratégias bem interessantes para que a gente consiga realizar vivências no sentido de experimentar um número variado de lutas”.

Prosseguindo: “claro, que não teria como a gente contemplar dentro de nossas aulas todas as lutas e tão pouco se especializar em uma luta. Como nós sabemos temos outros objetivos aqui”. “Concordam?” Responderam de maneira a confirmar a colocação e ainda lembraram que o importante era que todos estavam participando e aprendendo um pouco mais.

Chegou o momento de partir para experimentar um pouco de uma luta de longa distância. Então, ainda na mesma formação, foi solicitado que dois alunos buscassem as “espadas” que estavam sobre o banco e entregassem ao restante da turma.

Somente pegar as “espadas” em suas mãos, foi o suficiente para que ficassem ainda mais alvoroçados. Eles tiveram a primeira impressão sobre o implemento que utilizariam: “como falamos em aulas anteriores, as lutas podem ser divididas quanto a sua distância e neste momento vamos experimentar um pouco de uma luta de longa distância”. “Alguém se lembra de alguma luta que já viu ou ouviu falar de longa distância?” Nenhum aluno se sentiu à vontade para falar.

Seguiu a fala: “assim como as lutas de média e curta distância, nas lutas de longa distância também há a realização de toques no corpo do oponente, porém



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



esses toques têm que acontecer através de um implemento. Como esse que vocês estão nas mãos”. Foi mostrado aos alunos que devido ao toque no corpo com o uso de um implemento, os oponentes têm que ficar longe um do outro e que por isso a luta é classificada de longa distância.

Foi explicada a utilização das “espadas”, justificada com o objetivo de vivenciar a esgrima e que teria que ter um cuidado especial para utilizar este implemento com segurança. A esgrima possui três modalidades: espada, sabre e florete. E foi pedido para que tivessem o máximo de cuidado e atenção quando estivessem manuseando as “espadas” durante as atividades.

Para iniciar a prática, formaram uma fila indiana com o objetivo de uma melhor organização da turma e uma maior visibilidade de todos para que nenhum acidente acontecesse.

Foram orientados alguns movimentos de passada para frente e para trás, em seguida, uma atividade de perseguição, onde a forma para passar o pique para o colega, seria tocando com a “espada” em seu corpo, com exceção da cabeça.

Essa parte inicial de contato com o implemento e de deslocamento com a interação com os colegas, ocorreu dentro da normalidade e sem sobressaltos. Pude então avançar um pouco mais e desenvolver algumas atividades em dupla, proporcionando assim uma maior proximidade com a esgrima em si.

Seguiu-se realizando atividades em duplas, mas agora com ações de ataque e defesa, ou seja, quando um atacava o outro defendia e depois quem atacou ficava se defendendo para fazer com que o colega pudesse realizar movimentos de ataque. Após essa atividade de movimentos mais próximos da luta, perguntei aos alunos se sentiam com vontade e em segurança para a realização de alguns pequenos duelos.

Frisada a importância de desenvolver os duelos em segurança e que não seria obrigatório a participação de quem não quisesse duelar. A realização dos duelos foram acontecendo de maneira alternada e aos poucos todos, até quem no início se mostrava mais reticente, participaram.

Com a intervenção dos próprios alunos, os duelos curtos foram formatados em trinta segundos de duração e com movimentos mais lentos, com o objetivo de



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



fazer as passadas de frente e para trás de acordo com o que a luta pedisse, e também atacar e se defender quando necessário.

Outra decisão da turma foi que não haveriam perdedores ou vencedores nos duelos. Enquanto uma dupla estivesse duelando, todos os alunos estariam observando os colegas em combate. Ao término de cada luta, a dupla que havia duelado daria lugar a uma nova dupla. Assim, os duelos se seguiram sucessivamente com a participação gradativa dos alunos até que todos pudessem ter a experiência de duelar.

Observando a atividade, verifiquei que mesmo aqueles que no início não estavam confortáveis para duelar, acabaram por participar do combate por mais de uma vez. Ficou nítido também a preocupação que eles tiveram e o cuidado para que ao tentar tocar a “espada” no oponente, não fosse causada nenhuma lesão.

Chegada a hora de finalizar a aula, convidei os alunos para que de maneira reflexiva, relataram as suas impressões quanto ao que tinha sido desenvolvido nas últimas seis aulas. Nesse momento, muitos queriam falar e, antes de ouvi-los foi lembrado que deveriam expor as suas opiniões com tranquilidade e que não haveria nenhuma censura.

Começaram: “Não sabia que poderíamos lutar na escola. Acho que muitos confundem brigas com lutas. Como eu confundia. Agora não tem mais como confundir. Foi bem legal poder lutar”. “Quando o senhor disse que poderíamos participar do planejamento das aulas e escolher quais brincadeiras que a gente iria fazer, eu não queria as lutas. Mas no fim eu gostei”. “Adorei essa parada de lutar. Nunca gostei de brigar mesmo”. “Tudo foi muito maneiro, mas o que achei bem curioso é a quantidade de lutas que existem e essas coisas da cultura das pessoas”.

Nesse momento, foi feita uma intervenção lembrando das questões culturais e de muitas lutas estarem enraizadas de acordo com os costumes de seus povos, da imensa pluralidade que envolve a sociedade e o quanto é importante conhecer e respeitar a particularidade de cada cultura.

Continuando com o diálogo, que estava muito interessante, questionei a turma sobre as diferenças da luta quanto a sua distância e o uso da “espada”. Mais falas se sucederam: “Pra mim, ficou claro separar as lutas pela distância. Ficou mais fácil. Porque são muitas lutas, né?!” “A esgrima foi mais difícil. Por causa de ter que



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



lutar usando a espada”. “Acho que a gente fez lutas de todas as distâncias. Foi muito bom”. “Acho que essas coisas de lutar e usar espada, é mais para os meninos. Eu nunca tinha brincado dessas brincadeiras e gostei de participar”. “Adorei todas as atividades professor. Nós podemos escolher com quem iríamos formar dupla e também dar opinião e mudar as brincadeiras”.

Depois que quase toda a turma falou ou concordou com algum colega que havia dado o seu depoimento, elogiei a dedicação de todos durante as aulas desse conteúdo e finalizei a aula. Ainda deu tempo de chamar a atenção para que não faltassem ao próximo encontro, pois estaríamos começando um novo conteúdo que a turma havia indicado.

Figura 36 – Atividades de Sumô



Fonte: Autor, 2022.

Figura 37 – Atividades de Sumô



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 38 – Atividades de Sumô



Fonte: Autor, 2022.

Figura 39 – Atividades de Sumô





Fonte: Autor, 2022.

Figura 40 – “Espadas” construídas com material alternativo para a vivência da Esgrima.



Fonte: Autor, 2022.

Figura 41 – “Espadas” construídas com material alternativo para a vivência da Esgrima.

CAPES

unesp

Instituto de Educação e Pesquisa em Práticas Pedagógicas da Unesp

UFRN

UFMG

Universidade Federal de Mato Grosso

UFG

UFES

ufiscan

Universidade de Brasília

UEM

UNIVALI

UPE

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022.

Diário de campo, dia 18/11/2022 (Plano de aula 19 e 20, ANEXO X).

Dentro de sala, iniciou-se o último conteúdo que os alunos indicaram como forma de contemplar o nosso planejamento e buscar uma maior variedade nas práticas realizadas nas nossas aulas. As práticas corporais de aventura surgiam como mais um conteúdo que os discentes não tinham vivenciado em nenhum dos anos anteriores de sua trajetória escolar.

A partir desse contexto, e como também nunca havia tratado o referido conteúdo em minhas aulas, comecei realizando uma longa pesquisa para entender quais as possibilidades que poderíamos desenvolver na escola de modo a não decepcionar a turma e que efetivamente proporcionasse um momento de troca, de aprendizagem.

O primeiro passo, foi uma conversa com os alunos procurando saber o que eles conheciam das PCA e o por que haviam definido que seria valioso desenvolver as PCA em nossas aulas. Não foi surpresa, que eles não soubessem ao certo do que realmente as PCAs tratavam.

A verdade era que a turma não conhecia o conteúdo antes de iniciarmos o nosso projeto. O entendimento de que a PCA seria um conteúdo contemplado pela EF só aconteceu depois de algumas explanações realizadas durante a elaboração do planejamento. De fato, a escolha das PCAs se deu muito mais por curiosidade pelo novo, pelo diferente, do que por qualquer outra intenção.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Dando continuidade a conversa, buscamos um entendimento de que as PCA procuram uma integração do ser humano com o ambiente, seja urbano ou na natureza. A partir desse entendimento, aprofundamos um pouco mais algumas definições, como por exemplo que as PCAs se dividem em urbanas e da natureza e que, dos conteúdos apresentados na EF, as PCA são as que mais se aproximam das questões ambientais.

Após as explanações iniciais que, atentamente os alunos assistissem três vídeos que seriam reproduzidos com o objetivo de melhorar ainda mais o nosso entendimento sobre as PCAs e avançarmos nesse conteúdo.

Terminada a reprodução do filme, que durou cerca de quinze minutos e trazia além da definição das PCAs várias imagens de pessoas realizando as práticas, retomamos o nosso diálogo: “são muitas práticas, né professor?!” “Você já fez alguma prática dessas, professor?” “Vai dar pra fazer isso na EF?”

Percebi, que os alunos estavam muito desconfiados se seria possível de fato contemplar esse conteúdo. Aparentavam estar com muitas dúvidas quanto ao que conseguiríamos executar essa parte do planejamento. Se realmente fosse possível vivenciar e experimentar as PCAs.

Respondi aos questionamentos dizendo que eles poderiam ficar tranquilos. Que apesar de eu não ter praticado nenhuma vertente das PCAs e tampouco ter tratado desse conteúdo com outras turmas, que tudo daria certo. Que conseguiríamos realizar o que pensávamos. Que aprenderíamos juntos. E, com erros e acertos, atingiríamos os objetivos.

Então, a turma foi dividida em dois grandes grupos, e expliquei que a partir do que havíamos visto no vídeo e conversado sobre o entendimento das PCAs, faríamos um trabalho de investigação com a intenção de identificar em nosso entorno, possíveis locais que pudéssemos desenvolver as várias vertentes desse conteúdo, sendo na natureza ou urbanas, com a maior segurança possível e respeitando o meio ambiente de maneira a preservá-lo.

Esta atividade trouxe um pouco de insegurança, visto que, a intenção era de, além dos alunos explorarem os espaços cercados pelos muros da escola, também estava prevista uma exploração pelos espaços fora dos muros da escola.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Seria a primeira vez que sairia da escola com a turma sobre minha responsabilidade e provavelmente depois dessa tarefa teríamos que sair novamente para realizar a prática, e uma nova saída estaria condicionada a não ter nenhum problema na primeira.

Ao passar a tarefa para os alunos, eles demonstraram grande excitação. Pedi, que além de registrarem em uma folha os locais que identificassem como sendo de possíveis práticas, também fizessem um registro fotográfico do local. Lembrei, que ficaríamos um período circulando dentro da escola e que depois sairíamos para colher os registros em torno da comunidade.

Seria necessário mantermos, tanto dentro da escola como do lado de fora, a atenção nas possibilidades que o ambiente apresentava e não causar alvoroço ao ponto de atrapalhar as aulas das demais turmas. Na caminhada pela comunidade, procurar andar mais próximo dos colegas de grupo, evitando dispersões, e sempre nas calçadas.

De maneira mais breve, os grupos circularam pela escola, e nos direcionamos para a caminhada na comunidade. Apesar de chamar um pouco a atenção de alguns transeuntes e até mesmo alguns encontros de alunos com seus parentes, a caminhada seguia tranquila.

Os grupos conversavam e registravam tudo que vislumbravam ser cenário para realizar as PCAs. Muros, bancos de praça, morros, encostas, pontes, rio, árvores, cercas de tela, nada passava despercebido pelos registros e lentes dos celulares dos grupos.

Retornamos à escola com tempo suficiente para finalizar a atividade e dialogar um pouco sobre as observações dos grupos. Perguntei: “o que vocês acharam da nossa tarefa? Da nossa caminhada pela comunidade”? Então os alunos começaram a falar: “ter saído da sala e também da escola, foi muito interessante”. “O nosso grupo encontrou muitos lugares para a gente fazer as práticas”. “Tinha muito tempo que não passava a pé perto do rio, achei que estava descendo muita água”. “Encontramos mais locais para realizar a prática fora da escola”.

Depois das primeiras impressões sobre a atividade, fiz uso do projetor (que já estava montado desde a primeira atividade) e reproduzi as fotos que os grupos



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



havia feito na busca de registrarem possíveis locais para realizarmos a nossa vivência das PCAs.

A dinâmica foi simples, ao passo que as fotos foram sendo reproduzidas os alunos dos respectivos grupos comentaram o porquê da escolha e que prática poderia vir a ser desenvolvida naquele local.

Foram, de fato, contribuições riquíssimas que os alunos trouxeram e compartilharam com os colegas. Algumas realmente estavam fora do alcance por necessidade de alguns equipamentos, como a prática do *rafting* no rio da cidade ou uma descida de *downhill* pelos pequenos morros perto da escola. Mas o importante era que eles conseguiram identificar essas vertentes conciliando os possíveis locais para praticar, e em segurança.

Como já mencionado, os grupos trouxeram várias possibilidades para que pudessemos colocar em prática nas aulas. Com o intuito de organizar o que viria pela frente, buscamos aliar as opções que tínhamos das possíveis vertentes para colocar em prática, com a possibilidade de se chegar o mais próximo de como elas realmente acontecem. Práticas que pudessem ser experimentadas sem ter que se fazer grandes adaptações.

Ficou decidido, de modo a contemplar a todos interessados, que realizaríamos duas vertentes. Uma no meio da natureza e outra no meio urbano. Finalizando as escolhas, o *parkour* foi a vertente indicada em busca de satisfazer as PCAs urbanas.

A indicação da vertente que contemplaria as PCAs na natureza, levaram os grupos a uma conversa um pouco mais longa. Quando coloquei para eles que o importante era a indicação de modo que refletissem qual prática conseguiríamos de fato realizar, mas caso surgisse algum obstáculo, estaríamos juntos para superá-los, notei que ficaram mais tranquilos.

Enfim, os discentes chegaram a um consenso. Definindo o *slackline* como vertente escolhida. Concluímos a aula, com os alunos ansiosos pelo que viria no próximo encontro. E o professor mais uma vez com um grande desafio pela frente.

Figura 42 – Alunos registrando os possíveis locais para a realização de PCA, dentro da escola.



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 43 – Alunos registrando os possíveis locais para a realização de PCA, dentro da escola.



Fonte: Autor, 2022.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Figura 44– Alunos registrando os possíveis locais para a realização das PCA, fora da escola



Fonte: Autor, 2022.

Figura 45– Alunos registrando os possíveis locais para a realização das PCA, fora da escola

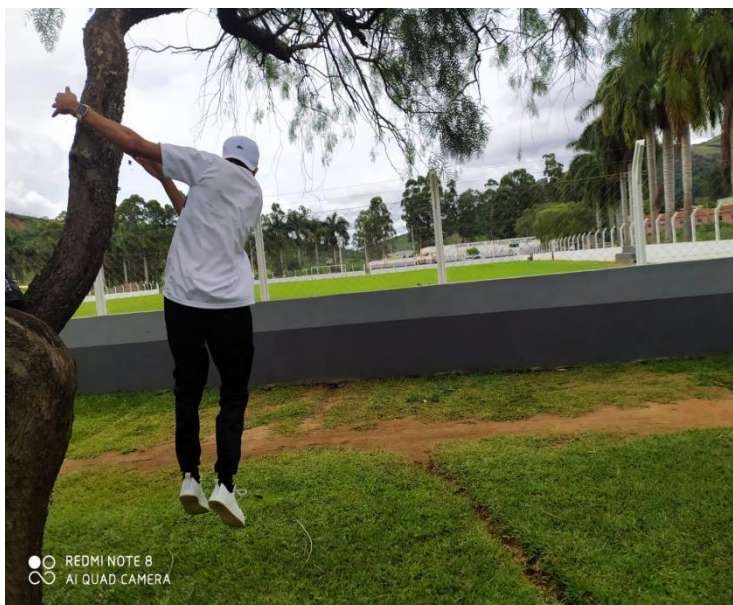


Fonte: Autor, 2022.

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Figura 46– Alunos registrando os possíveis locais para a realização das PCA, fora da escola



Fonte: Autor, 2022.

Figura 47– Alunos registrando os possíveis locais para a realização das PCA, fora da escola



Fonte: Autor, 2022.

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
 Figura 48– Apresentação dos grupos



Fonte: Autor, 2022.

Figura 49– Apresentação dos grupos



Fonte: Autor, 2022.

Diário de campo, dia 25/11/2022 (Plano de aula 21 e 22, ANEXO XI).



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Dando prosseguimento as PCAs, e através da escolha da turma, trataríamos nesse encontro a vertente *parkour* contemplando assim uma prática urbana.

Antes mesmo de entrar no assunto específico da aula, parabeneizei a todos pelas belas contribuições que haviam dado e a interação que demonstraram, tanto na busca dos possíveis locais para desenvolver as PCAs, como também na maneira democrática que definiram quais vertentes experimentaríamos em nossas aulas.

Tínhamos como propósito (para esse encontro), vivenciar alguns movimentos do *parkour* (identificando os riscos de sua prática e procurando desenvolver alternativas para superar os obstáculos), respeitar os espaços de uso coletivo ao praticar essa vertente urbana e recriar alguns movimentos.

Utilizando o recurso do projetor, reproduzi pequenos vídeos sobre a história do *parkour* e alguns movimentos que seus praticantes executam. Ressaltei que as imagens dos vídeos eram de pessoas que já praticavam o *parkour* a um bom tempo e que nós faríamos alguns desses movimentos de acordo com a nossa realidade. Não tinham que ficar impressionados e se sentirem obrigados a realizar algo que não se sentissem seguros.

A ideia era realizar as atividades práticas fora da sala. Explorar todos os locais fora da sala de aula (pátio, árvores, canteiros e muros). Também, realizar alguns movimentos nos espaços públicos que ficavam em torno da escola. Mas o dia não estava ensolarado e pouco antes de iniciar a aula começou a chover.

Foi necessário reformular o que havia pensado para a aula e realizar as atividades na quadra. Expliquei para os alunos que a situação climática apontava para uma mudança de planos, mas que não deixaríamos de ter as nossas vivências.

Na quadra, antes de iniciar as atividades, lembramos juntos das questões de segurança que a realização do *parkour* exigia e começamos a prática com alguns saltos bem simples e sem a utilização de obstáculos.

Seguindo com as atividades, coloquei um banco no meio da quadra como obstáculo a ser superado pelos alunos sem uma padronização de movimentos, ou seja, poderiam saltar com os dois pés, com um dos pés, utilizar as mãos para se apoiarem sobre o banco, enfim, transpor o banco com movimentos que proporcionassem segurança na realização da atividade.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Como transpor o banco se mostrou uma tarefa muito tranquila de ser realizada, os próprios alunos pediram para aumentar a dificuldade. Então troquei o banco por uma mesa que serviria de um novo obstáculo. As formas para transpor a mesa, também eram livres, mas agora os alunos poderiam optar em passar sobre a mesa ou por baixo.

Em um primeiro momento, alguns alunos recuaram ao tentar transpor a mesa, mas foi apenas no começo, depois todos conseguiram, e por várias vezes. Cada um passando do seu jeito.

Coloquei para os alunos que além de transpor o obstáculo eles poderiam incluir, antes ou após a transposição, movimentos de ginástica. Poderiam realizar uma estrela e na sequência passar sobre a mesa, por exemplo. Essa possibilidade aumentou ainda mais o interesse dos alunos e instigou a criatividade da maioria.

Reuni os alunos na busca de conversarmos um pouco e também sugerir que fizéssemos um circuito de obstáculos para serem superados, combinando vários movimentos, e cada um fazendo uso de sua criatividade para transpor os obstáculos.

Eles estavam muito empolgados em conseguir realizar as atividades que já tinham sido desenvolvidas e colocaram várias possibilidades para montar o circuito: “Poderíamos colocar umas cadeiras também professor”. “Vamos passar segurando com as duas mãos na trave”. “Podemos usar aquela escada do voleibol, professor”? “A gente pode usar o muro da quadra”.

Com o circuito montado, lembrei que cada aluno deveria passar pelos obstáculos e completar o circuito com segurança. Poderiam inserir entre um obstáculo e outro movimentos de ginástica (rolamento, estrela, saltos), enfim, colocar a sua criatividade como um dos elementos necessários para realizar a tarefa.

Os alunos montaram o circuito (procurei não intervir muito) utilizando vários obstáculos. A maneira como cada um iria explorar o obstáculo era livre. Colocar ou não um movimento ginástico também seria opcional. O objetivo era apenas que todos participassem tentando entender os seus limites e superá-los a medida do possível.

Após atividade ser realizada com sucesso e ainda com um tempo disponível (nesse momento, havia parado de chover), coloquei um novo desafio para os alunos: “O que vocês acham de montarmos um circuito parecido com esse, fora da



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



quadra, buscando explorar outros obstáculos como os canteiros e as árvores da escola”?! Rapidamente, responderam: “claro”. “Vai ser legal”. “Vamos sim”.

Nos deslocamos para o local que apresentava melhores condições de montarmos o novo circuito, levando alguns objetos (mesa e banco). Antes de explorarmos o espaço que seria realizado o circuito, lembramos de realizar a atividade com segurança e ressaltamos as questões ambientais, que deveríamos ter o cuidado para não danificar as plantas.

Realizamos a prática do novo circuito por um tempo razoável, mas dessa vez alguns alunos pediram para não executar a atividade. Primeiro, alegaram cansaço, mas depois disseram que estavam com um pouco de vergonha por aquele ser um espaço onde passa um número maior de pessoas.

Realmente, a prática do *parkour* naquele espaço chamou a atenção de quem passava e causou um pequeno alvoroço, mas não prejudicou a maioria dos alunos que se dispuseram a explorar os obstáculos e também não atrapalhou o andamento da escola.

No mesmo espaço que realizamos o último circuito, finalizamos a aula. Em uma roda de conversa, lembrei da parte histórica do *parkour*, onde o seu criador havia pensado inicialmente na atividade como uma arte marcial e perguntei o que eles acharam ao ter desenvolvido essa PCA urbana: “Gostei, muito”. “No começo, foi bem diferente”. “Montar a atividade (circuito) do nosso jeito, foi bem legal”.

Continuei a conversa, com o seguinte questionamento: “você entendem que é possível realizar o *parkour* nas ruas”? “Acredito que sim”. “Tem que ter mais cuidado, na rua”. “Tem que ser em lugar que não passa carros”. Então, enfatizamos alguns conceitos estabelecidos sobre prática do *parkour* (como as questões de segurança e a integração com o meio ambiente) e finalizamos a aula.

Figura 50 – Alunos praticando o parkour



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 51 – Alunos praticando o parkour



Fonte: Autor, 2022.

Figura 52 – Alunos praticando o parkour



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 53 – Alunos praticando o parkour



Fonte: Autor, 2022.

Figura 54 – Alunos praticando o parkour



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 55 – Alunos praticando o parkour



Fonte: Autor, 2022.

Diário de campo, dia 02/12/2022 (Plano de aula 23 e 24, ANEXO XII).



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Chegou o dia das duas últimas aulas práticas. Pois o próximo encontro estava reservado para uma pequena confraternização e a avaliação pelos alunos do projeto desenvolvido. A vertente que os discentes definiram como a que contemplaria uma PCA na natureza, era o *slackline*. Com o objetivo de realizar tal vertente o mais próximo de como ela realmente acontece, foi entendido que deveria proporcionar essa atividade aos alunos fora dos muros da escola.

Uma dificuldade que poderia impedir a vivência do *slackline*, seria a falta do equipamento adequado. A escola não possui a fita e as catracas necessárias para o desenvolvimento dessa prática. Empecilho que resolvi rapidamente, com o empréstimo do equipamento completo para utilizar nas aulas através de um colega da área.

Iniciei a conversa com os alunos questionando sobre o que eles conheciam sobre o *slackline*. Alguns disseram que já tinham visto a prática pela televisão ou pela internet. A maioria disse não conhecer nada sobre o *slackline*, antes de termos reproduzido um vídeo que mencionava as PCAs na natureza. Todos afirmaram nunca terem visto presencialmente uma pessoa realizando o *slackline*.

Como previsto anteriormente, o conhecimento dos alunos referentes a esta vertente era muito rasa. Utilizei, mais uma vez, o recurso de reproduzir três pequenos vídeos através do projetor. Os filmes traziam temas como: a modalidade e sua prática integrada ao meio ambiente, dicas para os iniciantes e como montar a fita de *slackline*.

Terminada a reprodução dos vídeos, a conversa foi retomada. Os alunos se mostram empolgados com as imagens dos praticantes se equilibrando e realizando manobras sobre a fita em grandes alturas. Fiz questão de frisar as estratégias que os praticantes dessa vertente têm que realizar para evitar impactos ambientais, e também que não se sentissem pressionados a conseguir uma alta performance na realização da prática.

Então um aluno perguntou: “nós vamos praticar de verdade?” Respondi positivamente, mas eles desconfiaram. Pois, ainda não tinham visto que eu havia levado o equipamento para a aula, e que seria essencial para o desenvolvimento da prática.

Realizei uma pequena apresentação dos equipamentos necessários para montarmos a fita, e indiquei que a prática deveria ser realizada fora dos muros da



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



escola, ou seja, grande expectativa da turma em poder novamente explorar outros espaços da comunidade para desenvolver a aula de EF.

Perguntei: “onde vocês pensam que poderíamos montar esse equipamento?” Logo um aluno respondeu: “tem que ter dois lugares para prender a fita e tem que ser firme”. Concordei com o aluno, assim como toda turma, e lembrei sobre os registros fotográficos que os grupos haviam realizados na primeira aula deste conteúdo: “então, através do trabalho que vocês realizaram registrando os possíveis locais para a prática das PCAs, observei que na parte externa do campo de futebol há várias palmeiras que talvez servirá para que possamos vivenciar o *slackline*”.

Os alunos concordaram com a indicação que fiz. Com a autorização prévia da direção da escola, saímos em direção às proximidades do campo que serviria de cenário para o desenvolvimento do *slackline* em nossa aula. Antes, porém, foi necessário reforçar alguns combinados com os alunos para que a nossa saída do espaço físico da escola não causasse nenhum desconforto.

Ao chegarmos ao campo, rapidamente definimos um local para montarmos o equipamento. Os alunos ficaram em dúvida se seria fácil instalar a fita da maneira adequada para realizar as atividades. Depois de algum tempo discutindo sobre a melhor forma de esticar a fita e prendê-la as palmeiras, ressalttei que não poderíamos danificar as palmeiras e o equipamento que tínhamos em mãos não continha o protetor para colocar em volta das palmeiras.

Como eu possuía esse conhecimento prévio (o equipamento não possuía o protetor), levei também dois pedaços de papelão, que com o auxílio dos alunos, foram colocados em volta das palmeiras, servindo para que não fosse causado nenhum impacto ao meio ambiente.

Realizamos, como primeira atividade, um percurso onde os alunos tinham que se deslocar sobre uma corda esticada no solo, evitando de pisar fora dela. Ao longo do percurso, os alunos tinham que se abaixar, saltar e pegar pequenas bolas de um lado da corda transferindo para o lado oposto, pegar uma bola do lado direito e colocar do lado esquerdo, tudo isso sem perder o equilíbrio e pisar fora da corda.

Durante a atividade, foi ressaltado alguns movimentos que ajudariam os alunos a se equilibrarem melhor, como: colocar os braços acima da cabeça, manter os joelhos semi flexionados durante o deslocamento, olhar sempre para um ponto fixo



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



para ajudar na concentração e colocar o pé reto sobre a corda. Os alunos conseguiram, de forma bem tranquila, realizar o percurso indicado e sem grande perda do equilíbrio.

Por considerar que atividade anterior foi realizada de maneira satisfatória, prosseguimos para iniciar alguns movimentos de subida e deslocamento sobre a fita que havíamos montado.

A expectativa dos alunos era alta. Percebi um misto de desejo para encarar a fita e um certo receio em ter uma queda. Apesar de o equipamento ter sido instalado com segurança, em uma altura considerada tranquila (cinquenta centímetros do solo) e sobre um gramado verde e macio, ainda existia o medo de se desequilibrar e cair.

As atividades foram desenvolvidas para desenvolver a independência dos alunos em conseguir andar sobre a fita e experimentar o *slackline*. Primeiro os alunos formaram duplas, e enquanto um tentava se deslocar em cima da fita o outro colega dava sustentação ajudando quem estava se equilibrando a manter-se sobre a fita. Ao fim do trajeto os papéis para que ambos pudessem fazer a sua tentativa.

Procurando avançar, alterou-se a atividade. Com a ajuda dos alunos, colocamos uma corda sobre a fita a uma altura de dois metros. A instalação da corda serviria como um recurso, onde os alunos poderiam segurar-se e evitar a queda. Buscando manter o equilíbrio e assim poder avançar mais no seu deslocamento.

Ao passo que os alunos faziam as suas tentativas e experimentavam a travessia sobre a fita, eu procurava reforçar os posicionamentos citados anteriormente e que poderiam facilitar para que eles conseguissem se equilibrar cada vez mais. A turma estava muito ativa e cair da fita já era corriqueiro. O que estava valendo mesmo eram as tentativas e as sensações que eles demonstravam estar experimentando.

Posteriormente ao deslocamento com o recurso da corda, mudou-se novamente a atividade. Dessa vez um aluno tentaria realizar o deslocamento e o restante da turma manteria uma formação de maneira a preencher as duas laterais da fita e serviriam de apoio caso o colega que estivesse realizando a sua tentativa se desequilibrasse.

A atividade funcionou muito bem. Foi gerado um ciclo de confiança onde quem estava fazendo a função de apoio procurava dar dicas e se mostrar solícito caso observasse um pequeno desequilíbrio do colega que se deslocava. Ao mesmo tempo,



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



o aluno que tentava o deslocamento sobre a fita tinha que ter confiança que quando precisasse se apoiar, os colegas estariam prontos para ampará-lo.

Após a atividade anterior, os alunos estavam prontos para o desafio final. O objetivo era que os discentes finalizassem a aula tendo a possibilidade de realizar o deslocamento sobre a fita sem nenhum tipo de apoio ou ajuda. A ideia era que cada aluno tivesse a oportunidade de se deslocar a maior distância possível sobre a fita e de forma independente.

Todos deveriam recordar as dicas para conseguir se equilibrar e colocá-las em prática. Não haveria nenhum tipo de competição, o momento seria de superação individual e contentamento.

Apesar de no início da atividade, haver alguns alunos com uma apreensão de tentar atravessar a fita sozinho, como em outros momentos das aulas, a observação do colega se arriscando fez com que quem estava temeroso tomasse coragem e também participasse do desafio.

A maioria dos alunos não conseguiram caminhar sobre a fita mais que dois metros, mas a satisfação de tentar superar o obstáculo era enorme. A frustração momentânea da queda, rapidamente daria lugar à possibilidade de tentar novamente e se superar.

Para finalizar a aula, desmontamos o equipamento do *slackline* e observamos se a nossa passagem naquele local havia causado alguma agressão ao ambiente. Constatado que tudo estava como antes e conscientes que toda vez que se realiza uma PCA (na natureza ou urbana), temos que preservar o meio e não causar danos, iniciamos um diálogo para entender como todos se sentiram com a possibilidade de ter experimentado o *slackline*.

Perguntado para a turma: “foi difícil se equilibrar? Como vocês fizeram para conseguir?” Os alunos disseram: “quando foi com a corda no chão estava fácil, mas depois ficou difícil”. “Acho que com a corda foi o começo para depois ir melhorando”.

Continuou-se: “vocês fizeram adaptações para se equilibrar melhor, começaram de um jeito e concluíram de outro jeito?” “Sim, no começo eu não sabia que colocar os braços para cima ajudava no equilíbrio”. “Eu também, não estava dobrando os joelhos para me equilibrar e depois que eu comecei a dobrar, melhorou”. “Andar em cima da fita dava medo, mas quando a gente podia se apoiar no colega



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



ficava com mais coragem”. “A verdade professor, é que quando foi em duplas ou com a turma toda ajudando, a gente ficava mais seguro”.

A turma foi parabenizada pela participação e pelo entendimento de que confiar nos colegas seria muito importante, para conseguir transpor os desafios. Finalizado o diálogo, lembrando a montagem da estrutura e o quanto temos que ter atenção para não prejudicar o meio ambiente.

Os alunos, de forma espontânea, participaram da conversa, e a própria evolução que cada um demonstrou com o desenvolvimento das atividades, que os alunos se sentiram contemplados com a experimentação do *slackline* e entenderam que há estratégias que possibilitam diminuir os riscos existentes nas PCAs.

Figura 56 – Alunos realizando deslocamento sobre corda

**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 57 – Alunos realizando deslocamento sobre corda



Fonte: Autor, 2022.

Figura 58– Alunos praticando o slackline



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 59 – Alunos praticando o slackline



Fonte: Autor, 2022.

Figura 60 – Alunos praticando o slackline

**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 61 – Alunos praticando o slackline



Fonte: Autor, 2022.

Diário de campo, dia 09/12/2022 (Plano de aula 25 e 26, ANEXO XIII).



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A aula foi iniciada reunindo os alunos e agradecendo a todos por além de terem aceitado o convite para participar da pesquisa, terem sido coautores na mesma.

Depois de fazer uma oração ecumênica, compartilhamos de um pequeno lanche oferecido como maneira de confraternizarmos e também marcamos como ponto de culminância na pesquisa que havíamos iniciado no começo do mês de setembro. A proposta inicial, era de realizar a confraternização com um piquenique na área externa do campo (próximo a escola), mas o tempo chuvoso fez com que a ideia fosse abandonada.

A proposta para esse último encontro, também tinha como um dos seus objetivos, a realização de uma avaliação final de tudo que envolveu nossas aulas e nossas vivências na busca da diversificação dos conteúdos da EF. Uma avaliação, onde os alunos pudessem externar se haviam sido contemplados em suas intenções e seus anseios.

O momento foi muito propício, pois o ano letivo também estava se encerrando. A partir da semana que viria, apenas uns poucos alunos (que estavam com pendências) teriam que retornar à escola. Muito provavelmente a turma só voltaria a se reunir no dia da “formatura do 9º ano”.

Era perceptível que aquele encontro se cercava por uma carga emocional elevada. Ali estavam meus queridos alunos e alunas, que depois de dois anos de pandemia, voltamos a ter um contato de maneira presencial.

Desde o início do ano letivo (antes mesmo da pesquisa começar), a convivência já era diferente. Com a proposta que coloquei para eles de serem coautores do trabalho que buscava desenvolver com a turma, os laços de afetividade que normalmente envolvem o professor e o aluno, e que sem esses laços o processo de aprendizagem fica muito complicado de acontecer, ficaram ainda mais latentes.

Refletindo, neste momento de maneira rápida, e, talvez até mesmo leviana, não poderia ter escolhido uma turma melhor do que o 9º A para tentar proporcionar a visão que a EF tem sim a sua relevância e seus saberes a serem desenvolvidos na escola. Os alunos a todo momento me indicavam para onde e de que maneira deveríamos ir. Foi uma troca impressionante e de experiências riquíssimas.

Após um bom tempo papeando, comendo uns biscoitos de polvilho, bolo de chocolate e tomando refrigerante (como eles gostam de refrigerante...), um dos



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



alunos lembrou: “professor e a avaliação que o senhor falou que a gente iria fazer hoje?” Percebi que era o momento de finalizarmos o “lanche” e irmos para uma parte mais burocrática, porém necessária do nosso encontro.

Avaliar, mais do que essencial, naquele instante marcaria as impressões que os alunos tiveram de sua participação e também da maneira como eles se sentiram dentro de tudo que envolvia a pesquisa. Como observaram a minha desenvoltura dentro do que estava sendo proposto e realizado.

Mesmo tendo a avaliação como parte inerente de todos os encontros (aulas) e que sempre forneciam um *feedback* necessário para a continuação dos trabalhos, aquela tarefa seria uma forma de consolidação das impressões dos alunos. Uma forma de marco, que buscava fornecer a disciplina. Uma síntese final de todo processo vivido até ali.

Então, sem a necessidade da retirada da mesa que estava com o lanche, todos se posicionaram em suas carteiras e começaram a colocar no papel uma pequena produção de texto em forma de avaliação com os seus sentidos e perspectivas do que havíamos experimentado. Alertei que as palavras e observações deles serviriam de exemplo para outros alunos e professores seguirem, ou não, nas aulas de EF.

De maneira surpreendente, saltou aos olhos o interesse e dedicação que todos se colocaram a escrever os seus relatos. Muito concentrados, mas também preocupados em desenvolver a tarefa de forma a não entregar o que estava sendo pedido, a turma questionava sobre o que deveriam escrever.

Fiz questão de lembrar que assim como tudo o que tínhamos realizado, a avaliação também deveria acontecer democraticamente. Não caberia um relato engendrado, mas sim algo que fosse verdadeiro e que comprovasse ou não os avanços que objetivamos juntos no início do processo.

Através da avaliação (pelos relatos escritos pelos alunos), observei que eles entenderam a proposta, e, o que foi ainda mais satisfatório, sentiram-se contemplados pelo projeto. Agiram de maneira democrática durante toda a pesquisa e foram coautores nesse processo. Foram relatos riquíssimos, que compartilho em algumas fragmentações: A 07



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



“Depois de anos com o mesmo conceito sobre as aulas de educação física, meu conhecimento sobre a matéria era raso e não haviam expectativas de mudanças... com o meu amadurecimento, percebi que existia uma possibilidade de aprendizado, e, com a proposta do professor Marcelo de mudar esse conceito, minha percepção foi comprovada”.

A 24

“Eu não tinha muito interesse no chamado ‘quarteto fantástico’, eu sempre achei desinteressante e repetitivo, eu até participava, mas não tinha entusiasmo...Ter participado desse projeto foi muito legal o professor Marcelo me trouxe uma nova versão da educação física, que ela não precisa de ser chata, e que nós opinando e dando ideias podemos construir um ensino melhor e menos maçante”.

A 04

“Minhas participações nas aulas de educação física sempre foram boas, sempre participei e gostei, mas nunca saía da mesma coisa. Era chato, e quando não participava era ficar sem fazer ou aprender nada... Com o início desse projeto tudo foi diferente, conheci várias práticas corporais, me conheci também. Consegui andar no slacklaine, lutei com os meus amigos, descobri a diferença entre briga e luta. O parkour que nunca pratiquei, agora conheço um pouco. O badminton que eu nunca imaginaria que iria praticar, pratiquei e gostei. Um desafio para mim foi o voleibol, achei muito diferente conhecer mais sobre o esporte”.

Encerrei esse último encontro com os alunos, agradecendo mais uma vez pela participação e dedicação com que todos procuraram agir dentro de todo o processo. Deixaram o papel de participantes da pesquisa para serem os coautores (como idealizei).

Eles também pediram a palavra e agradeceram a oportunidade de serem envolvidos na pesquisa. Um aluno continuou: “além de agradecer, nós queremos convidar o senhor para ser o padrinho da nossa turma no dia da formatura”. Aceitei o convite com extrema felicidade. Tínhamos um novo encontro marcado.

Figura 62 – Encerramento das atividades



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Fonte: Autor, 2022.

Figura 63 – Encerramento das atividades



Fonte: Autor, 2022.

Figura 64 – Dia da formatura



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Fonte: Autor, 2022.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como mencionado anteriormente, nesta dissertação, o objetivo é investigar se os alunos se afastam das aulas de EF à medida que avançam nos anos de escolaridade. Mais especificamente, se os alunos do 9º A da E. M. Dr. Xenofonte Mercadante se afastaram das aulas de EF em relação a sua participação nos anos anteriores.

5.1 Relação e expectativa com a EF

A maneira pela qual os alunos se relacionam com a EF, é algo que desperta curiosidade, já que a maioria menciona a disciplina como a sendo a preferida entre as demais. Ao trazer esse questionamento aos alunos, pode-se ter a percepção sobre o que eles acham das aulas de EF. Se gostam, e o que esperam da disciplina.

- Qual é a sua relação com o componente curricular educação física? Gosta das aulas? Participa das aulas com expectativas? Quais?

A 26: *“Gosto das aulas, mas não participo direito”.*

A 08: *“Gosto das aulas, mas sou desanimada e acho que fica chato quando são aulas iguais. Não tenho expectativas”.*

A 13: *“Não gosto muito. Espero que todos os alunos participem, pois nem todos participam”.*

A 18: *“Gosto muito das aulas. Aprender mais e ter um bom desempenho para não ficar com nota baixa”.*

A 21: *“Não gosto muito de participar por causa dos colegas. Tenho expectativas: aprender o voleibol e aprimorar a minha prática”.*

Ao responderem sobre o primeiro questionamento, gostar ou não das aulas, percebeu-se que os alunos gostam das aulas. Seguindo os questionamentos relacionados à expectativa que os alunos têm em relação ao componente curricular,



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



observou-se que a maioria dos alunos citaram que a vivência de esportes é a principal expectativa, e o conteúdo que para eles deve ser o mais desenvolvido dentro das aulas.

Também mencionaram como expectativa o trato com a aptidão física e a saúde. Um aluno citou que espera que todos alunos participem das aulas e um outro disse que o que mais anseia e poder ganhar. Por fim, parte dos alunos, citaram que aprender coisas novas seria algo a se esperar das aulas.

Em relação a esses primeiros dados da pesquisa, quando os alunos mencionam ter como uma expectativa nas aulas de forma elevada a aprendizagem da prática dos esportes, em concordância com Darido e Rangel (2005), quando citam que muitos professores têm experiências positivas apenas nas práticas esportivas mais tradicionais, levando a um entendimento que a maioria das aulas na escola estão diretamente relacionadas ao conteúdo de esportes e, mais especificamente os esportes de quadra.

Levando em conta que boa parte das escolas tem como único equipamento para a realização de suas aulas de EF, uma quadra poliesportiva e, que tal estrutura sugere que o “quarteto fantástico” seja naturalizado nas aulas, ou seja, somente a vivência dos esportes mais tradicionais seja colocado em prática e induzindo a uma expectativa quase que singular para os alunos em relação a EF.

O conteúdo esportes possui tanta hegemonia dentro da escola que é possível que se repita o trato com esse conteúdo ao longo dos anos de escolaridade e sem proporcionar uma amplitude de outros conteúdos como também de outros esportes menos populares.

5.2 Participava, mas agora...

Neste momento, é dada relevância a um ponto que traz uma certa perturbação de pensamentos: a comparação da participação dos alunos nas aulas de EF nos anos iniciais e agora nos anos finais. Como eles percebem e comparam essa participação. Houve um afastamento? Por que?



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



- Fazendo um comparativo da sua participação nas aulas de educação física dos anos iniciais e agora nos anos finais, você considera que a sua participação diminuiu? Se sim, qual seria o motivo para que agora a participação seja menor?

A 21: *“Sim, diminuiu. Quando era criança a animação era maior. Tenho medo de cansar”.*

A 25: *“Diminuiu. Principalmente, com relação com algumas brincadeiras (futebol). Tenho medo de atrapalhar os colegas”.*

A 10: *“Continua do mesmo jeito”.*

A 06: *“Diminuiu bastante. Por causa de querer sempre jogar Futsal”.*

A 23: *“Diminuiu. As brincadeiras repetidas contribuíram para uma menor participação”.*

Percebeu-se, através da resposta dos alunos, que quase a metade afirmou ter diminuído a sua participação nas aulas quando comparam com a sua participação nas aulas da mesma disciplina, porém ainda como alunos dos anos iniciais.

Tendo como percepção, que a EF continua entre as disciplinas prediletas dos estudantes, durante a sua passagem nos anos finais é, no mínimo curioso, constatar esse afastamento dos alunos, perante os relatos realizados.

Dentre os motivos levantados em direção a justificar o motivo do distanciamento, estão: falta de ânimo, repetição de “brincadeiras” e o não gosto pelas mesmas, e o receio de “errar alguma coisa” perto dos colegas.

Tem ressonância nestes relatos, a ideia que alguns alunos trazem, e parte considerável da comunidade escolar, sobre a EF escolar ser encarada como uma era atividade e não um componente curricular, como os demais que compõem o quadro de disciplinas da escola.

Tem-se um universo de extrema riqueza nas possibilidades de práticas corporais que podem ser desenvolvidas nas aulas de EF. Darido, Gonzalez e Gincieni (2018, p. 109), além de afirmarem que uma possível redução da participação dos estudantes nas aulas seja causada pela repetição de conteúdos ao longo dos anos de escolaridade, também trazem como possibilidade de um possível motivo para o afastamento dos alunos das aulas, o receio de não ser bem sucedido em



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



determinadas práticas: “outro fator que pode contribuir para o gradativo afastamento dos alunos das aulas de Educação Física é o insucesso que muitos deles experimentam na disciplina”.

5.3 A monotonia como forma de afastamento

Como os alunos percebem os conteúdos tratados na EF escolar? Eles percebem alguma forma de repetição de algumas práticas? Realmente há um monopólio esportivo dentro das aulas de EF (Futebol)?

- Você observa que ao longo dos anos de sua escolaridade que o componente curricular educação física venha repetindo os conteúdos? Como por exemplo: todos os anos o trato com o futebol?

A 22: *“Considero que venha repetindo”.*

A 16: *“Sim, repete muito”.*

A 07: *“Repete, mas sempre se aprende mais sobre um determinado esporte”.*

A 05: *“Repete demais”.*

A 09: *“Sim, repete. Queimada e Futebol, principalmente”.*

Ao analisar as respostas dadas a referida pergunta, ficou muito nítido que os alunos consideram haver uma incessante repetição dos conteúdos tratados em suas aulas de EF. Essa repetição, que os entrevistados afirmam existir, sugere também que possa haver uma influência direta no afastamento dos mesmos das aulas, visto que, pode ficar desinteressante para o estudante desenvolver o mesmo conteúdo ano após ano.

Enumerado por vários momentos como um fator determinante que causa a diminuição da participação dos alunos nas aulas de EF, a repetição de conteúdos acontece de forma a contribuir não apenas para que o estudante fique desestimulado a participar das aulas, mas também para que parte significativa de práticas corporais seja deixada de fora do ambiente escolar.



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Além, de em alguns casos, faltar um trato pedagógico com os conteúdos, as aulas de EF em geral são muito repetitivas e essa repetição se dá em torno exclusivo do tema esportes, procurando reforçar como objetivo nesse trato com os esportes a alta performance divulgada pelas mídias (TENÓRIO e SILVA, 2013).

Darido (2005) afirma haver um afastamento dos alunos das aulas de EF a medida que avançam na escola e esse afastamento ganha maiores proporções quando esses alunos chegam ao final do ensino fundamental e também quando passam para o ensino médio.

5.4 Brincar de quê?

A questão que se busca neste tópico é fazer um breve levantamento, sobre quais conteúdos que os alunos que estão finalizando o Ensino Fundamental (9º ano) tiveram contato dentro das aulas de EF, durante os oito anos de vida escolar anteriores.

- Quais conteúdos você teve contato e quais não teve contato durante os anos de escolaridade? (Ginásticas, esportes, danças, PCA, jogos e brincadeiras, e lutas)

A 16: *“Tive contato com as brincadeiras, e esportes”.*

A 22: *“Com as brincadeiras, esportes e ginástica, eu acho”.*

A 23: *“Vários esportes, futebol, handebol, vôlei”...*

A 06: *“Já brinquei. Esportes e ginástica”.*

A 21: *“Vários esportes, e acho que a ginástica”.*

Os dados indicam que todos os alunos mencionaram ter tido contato com os esportes ao longo de sua trajetória escolar no componente curricular EF, isso sugere que realmente tenhamos o esporte como um conteúdo, que rotineiramente é tratado nas aulas, não importando o ano de escolaridade que o aluno se encontra no momento.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



O desenvolvimento da ginástica, também é citado pelos alunos, mas com um olhar um pouco mais clínico é possível constatar que o conteúdo não foi desenvolvido com o trato pedagógico necessário. Os alunos citam a ginástica sem uma definição direta e até mesmo confundem o termo utilizado com algumas brincadeiras no início de aulas, que tem como objetivo, desenvolverem um determinado esporte em sua parte principal.

Vale destacar, que os alunos ainda confundem muito os termos: conteúdos, brincadeiras, atividades e jogos. Para os discentes, esses termos querem dizer a mesma coisa. Não é raro ouvir o aluno perguntar ao professor (antes de iniciar uma aula): “Nós vamos brincar de que hoje”? “Qual será a brincadeira desse bimestre”? “Hoje nós vamos ficar em sala? Não vamos brincar”?

Conteúdos como PCA, Dança e Lutas, sequer foram mencionados durante as entrevistas. Mesmo estando o aluno por finalizar a sua passagem no ensino fundamental, ou seja, ter estudado no mínimo oito anos com aulas de EF regulares, esses conteúdos não foram tratados ou mesmo não marcaram os alunos de forma positiva, ao ponto de fazerem menção em suas respostas.

Darido (2005), não vê com surpresa o domínio do esporte como conteúdo tratado nas aulas. Para a autora tal predominância tem como fator a cobrança que os próprios alunos fazem em torno das aulas de EF tratarem dos esportes influenciados diretamente pelo “amplo reforço oferecido pela mídia ao esporte”.

Segundo Bracht (1992 *apud* Rangel Betti, 1999), a Educação Física lançou mão de vários objetivos dentro da escola, porém o desenvolvimento dos esportes nas aulas predomina. A ginástica, é contemplada nas aulas quando são realizados alguns movimentos para o aquecimento, e, também os jogos populares foram alterados, passando assim a atender aos objetivos da aprendizagem dos esportes. Passamos a ter então os “jogos pré-desportivos” em detrimento dos jogos populares.

Ainda que, apesar da repetição dos conteúdos esportivos, os alunos mantenham a sua predileção pelo desenvolvimento dos esportes nas aulas, os professores podem dialogar com os seus discentes e juntos buscarem “construir outros conhecimentos que avancem e aprofundem no conhecimento relativo à cultura corporal, com auxílio de pesquisas, pessoas da comunidade e a experiência dos próprios alunos da escola” (DARIDO, 2005, p. 77).





5.5 E meus colegas...

Os alunos foram convidados a realizar um exercício de memória e comparar a participação da turma em que estudavam nos anos iniciais com a sua atual turma, levando em conta as aulas de EF.

- Observando de modo geral, você diria que a sua turma participa menos das aulas de educação física em comparação a participação das aulas nos anos iniciais? Os colegas relatam qual o motivo que faz com que deixem de participar das aulas? Quais?

A 24: *“Participam menos. Por preguiça”.*

A 10: *“Tem vezes que participam menos... Não relatam os motivos”.*

A 23: *“Sim, participa menos. Por estar sempre jogando Futsal”.*

A 22: *“Continua a mesma. Mas quando a brincadeira não agrada, diminui”.*

A 16: *“Diminuiu um pouco. As meninas participam menos. Não sei porque”.*

É relevante observar, que o mesmo sentimento que os alunos demonstram em suas análises individuais também se faz presente em relação ao refletir sobre a participação coletiva. Fica mais uma vez evidente ao analisar as respostas que de fato alguns alunos se afastaram das aulas de EF.

Quando procuramos identificar o afastamento pelos olhares dos alunos (através daquilo que os colegas falam), temos uma maior variação nas respostas. Sendo indicado como fatores: preguiça de realizar as atividades, para ficar conversando, usar o celular e medo de ser excluído das atividades. Mas as respostas de não gostarem dos conteúdos, ou porque acontece uma repetição dos mesmos, concentram a maioria dos motivos citados pelos alunos.

Cabe ao professor, fazer com que a aprendizagem fique mais significativa para os alunos, trazendo temas que são do interesse deles, como: a aparência, a alimentação e até mesmo o esporte tratado pedagogicamente (DARIDO, 2004).



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Reconhecer as dificuldades e buscar artifícios que sejam capazes de reverter o quadro de afastamento.

Ao considerar as possíveis causas que indicam o afastamento dos alunos, Tenório e Silva (2013, p. 79), concluem que: “o afastamento dos alunos nas aulas de educação física é um problema que pode estar relacionado à falta de diretividade e intervenção pedagógica nas aulas, falta de conteúdos diversificados, e desinteresse por parte dos alunos”.

Em alguns momentos, o distanciamento dos alunos da EF pode acontecer por auto exclusão das aulas. De acordo com Albuquerque *et al.* (2009), cabe ao professor realizar os movimentos necessários no sentido de conduzir os alunos que se excluem das aulas, trazendo aqueles que não se consideram habilidosos para realizarem as práticas corporais de volta para as aulas.

O papel do professor fica voltado no sentido de despertar em seus alunos um interesse maior por tudo que envolve a disciplina. Em colocar de forma clara, que a EF tem seus conhecimentos a serem desenvolvidos dentro da escola e que terão grande importância no desenvolvimento do aluno para a sua formação como cidadão crítico e reflexivo.

Trazer o aluno para o centro do seu processo de aprendizagem, tornando-o protagonista em tudo que envolve as decisões a serem tomadas com relação às aulas através de uma relação dialógica e democrática.

5.6 Protagonizando uma nova história

O aluno pode ser ouvido na elaboração do planejamento e, talvez seja possível ampliar o número de práticas realizadas nas aulas colocando o discente como protagonista de todo processo que está por de traz dessas decisões.

- Você gostaria de ser ouvido (a) nas decisões que envolvem quais os conteúdos que você irá vivenciar e aprender ao longo do bimestre/ano? Acredita que com a participação dos alunos na elaboração do planejamento, teríamos uma possibilidade maior de práticas corporais vivenciadas?



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A 09: “Sim. Acredito que sim. Tem muita gente que gosta de falar, mas os professores não escutam”.

A 07: “Sim, pois faria as aulas com mais gosto. Sim, porque seriam mais opiniões diversificadas”.

A 15: “Não gostaria. Acredito que haveriam práticas diferentes”.

A 25: “Seria muito interessante ser ouvido. Sim, aprenderíamos outras práticas”.

A 06: “Sim. Acho que no início teria mais Futsal, mas depois seria ampliado”.

Quase que de maneira unânime, os discentes afirmaram que gostariam de ser ouvidos durante o processo de elaboração do planejamento. A possibilidade de agir diretamente na escolha dos conteúdos era algo inimaginável. Quase todos, indicaram que com essa intervenção direta dos alunos na elaboração do planejamento, o número de práticas corporais tratadas dentro da escola aumentaria consideravelmente.

Aos poucos, os alunos que não demonstraram interesse em participar diretamente na escolha dos conteúdos, consideraram que caso essa proposta seja desenvolvida, é bem possível que o número de práticas corporais tratadas nas aulas seja ampliada.

Farias *et al.* (2019), compartilham uma experiência realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, onde os estudantes participaram diretamente na elaboração do planejamento. Para os autores, o planejamento não deve ser apenas o cumprimento de questões burocráticas, um amontoado de planos de aulas e atividades a serem seguidas. Para que o planejamento seja considerado participativo, é necessário que todos os atores do processo sejam envolvidos.

A elaboração do planejamento dentro da escola deve acontecer de maneira democrática e com a criação de uma relação dialógica entre as partes envolvidas, professor e alunos, procurando atender os interesses de todos de modo democrático. Farias *et al.* (2019 p. 16), estabeleceram quanto a construção do seu planejamento, que “as práticas na EFE seriam construídas de maneira entrelaçada aos problemas do cotidiano dos educandos e educandas, atribuindo significado para eles/as”.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



O docente tem que procurar ouvir mais os seus alunos e não se ater a um currículo engessado e que não possibilita a vivência de uma EF que esteja de acordo com a realidade do discente. Uma EF mais plural. Para Maldonado e Neira (2022, p. 259):

(...) não há mais espaço para um currículo padronizado do componente, já que quando as experiências educativas são construídas na práxis da realidade vivida, indo contra as forças que colocam os(as) docentes como aplicadores de cartilhas ou sequências didáticas, um processo de educação democrática possui uma chance muito maior de se efetivar.

5.7 Vamos diversificar

Para finalizar as entrevistas, os alunos foram questionados sobre quais conteúdos gostariam de vivenciar durante as aulas de EF.

Quais conteúdos você gostaria de aprender nas aulas de educação física?

A 21: *“Lutas. Esportes diferentes”*.

A 16: *“Tudo que envolve a Educação Física”*.

A 01: *“Esportes e Práticas Corporais de Aventura”*.

A 06: *“Esportes, Lutas e Práticas Corporais de Aventura”*.

A 04: *“Outros Esportes e Práticas Corporais de Aventura”*.

Fica claro pelas opções que os alunos colocam como possibilidades no trato dentro das aulas a predileção pelos Esportes. Tal situação não surpreende, pois foi longo o período da esportivização vivida dentro da EF escolar. Um período que deixou suas marcas ao longo dos anos em alunos e professores.

Quando os alunos mencionam o termo “Esportes diferentes”, percebemos, que sim, o conteúdo apesar de quase hegemônico dentro da escola, tem uma grande predileção dentre os alunos. Porém, ao citar “Esportes diferentes”, fica nítido também, que os próprios alunos esperam poder experimentar uma variação de práticas corporais que o “Quarteto Fantástico” não vem proporcionando no meio escolar.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Tendo as lutas como um dos conteúdos mais indicados pelos alunos para serem tratados nas aulas, a intenção de diversificação dos conteúdos fica mais próxima de ser realizada. Já que os estudantes não tiveram contato com essa prática dentro da escola em nenhum momento dos anos anteriores.

As Práticas Corporais de Aventura, também tiveram um número considerável de indicações, como sendo intenção dos alunos desenvolverem esse conteúdo dentro das aulas de EF. Esse apontamento de conteúdo, tem muito mais a ver com a curiosidade de desenvolver algo totalmente desconhecido para os alunos, do que realmente uma escolha que busque satisfazer uma vontade própria de algo já vivenciado anteriormente.

O esporte ainda é conteúdo predominante, e de grande aceitação no ambiente escolar, mesmo levando em consideração a forma que o conteúdo é tratado dentro da escola (RANGEL BETTI, 1999). Quando os alunos abrem a possibilidade de se permitirem a escolher, através de sua participação na elaboração do planejamento, por esportes diferentes dos tradicionais, a diversificação das práticas trabalhadas na escola fica mais próxima de ser alcançada.

Além de envolver os discentes na elaboração do planejamento, a busca do estudo também era de ampliar os conteúdos tratados nas aulas. Faria *et al.* (2019, p. 22), em seu trabalho, onde lançaram mão de um planejamento participativo, afirmam que “colocar o/a discente como protagonista do processo educativo foi o fator decisivo para proporcionar maior sentido e significado para os/as jovens dos conteúdos que estavam sendo tematizados”. Essa afirmação leva ao entendimento que, mais importante do que a diversificação dos conteúdos, é a forma pela qual esses conteúdos são trabalhados.

Silva, Souza e Freire (2019, p. 251 e 252), ao utilizarem o planejamento participativo para ouvir alunos de três turmas de 5º ano, em que seria escolhido qual tema deveria ser tratado em aula, se depararam com a escolha do “Arco e flecha”. O tema não está entre os mais convencionais que são tratados costumeiramente dentro das escolas, mas para os autores o desenvolvimento do planejamento participativo enseja vários desafios ao docente “pelo fato de possibilitar a ampliação da cultura corporal do movimento juntamente com os educandos, disseminando assim, os conhecimentos já existentes na área, porém pouco conhecidos”.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



A partir das entrevistas, foram realizados os primeiros encontros direcionados à elaboração da Unidade Didática. Constatou-se, que os alunos conseguiram agir com protagonismo ao longo de todo o processo. Puderam, de maneira direta e reflexiva, indicar conteúdos e temas relacionados a esses conteúdos que foram vivenciados nas aulas.

Durante a construção e o desenvolvimento da Unidade Didática, foi possível fazer algumas observações e construir um Diário de Campo. Ao longo dos treze encontros destinados à elaboração e execução da unidade didática, o Diário de Campo foi sendo escrito, a cada encontro, e permitiram ao pesquisador uma proximidade ainda maior com os alunos. O desenvolvimento de “esportes diferentes”, como o Badminton, a introdução de algumas possibilidades de Lutas nas aulas e a realização das Práticas Corporais de Aventura dentro da escola e com extrema segurança, foram avanços significativos e de grande importância na vida escolar do aluno.

A pedido do pesquisador, os discentes produziram um pequeno texto, no último encontro, como forma de avaliar tudo o que havia sido idealizado e desenvolvido durante a Unidade Didática. Esses relatos, que já haviam acontecido através de fala durante encontros anteriores, demonstraram que os alunos, além de avaliar positivamente as vivências realizadas, também deixaram transparecer um sentimento de satisfação por terem exercido um papel central no seu processo de aprendizagem.

Alguns relatos...

A 24:

Avaliando o meu entusiasmo, satisfação e participação inicial e após o projeto, houve uma grande mudança, pois eu tive meu lugar de fala e pude opinar, assim eu consegui realizar atividades na qual eu me interessava. Eu não tinha muito interesse no chamado “quarteto fantástico”, eu sempre achei desinteressante e repetitivo, eu até participava, mas não tinha entusiasmo. No projeto eu pude explorar atividades que são bem fora do padrão que é oferecido na escola...pela primeira vez eu pratiquei algo que eu ajudei a escolher...a minha participação me trouxe uma nova visão da Ed. Física, que ela não precisa ser chata, e que nós opinando e dando ideias podemos construir um ensino melhor e menos maçante.

A 25:





Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

No início da pesquisa não entendi muito bem qual era o objetivo, mas aceitei participar porque via isso como uma aventura nova. O professor procurou ouvir a opinião de cada aluno, fez uma entrevista particular com cada um perguntando sobre diversas coisas em relação a sua pesquisa. Pedi para os alunos escreverem o que gostariam de fazer nas aulas, talvez assim despertasse o interesse em participar. Nas escolas existe um tal de "quarteto fantástico" que inclui vôlei, futsal, handebol e basquetebol, e o professor quis quebrar esse padrão fazendo essa pesquisa. Particularmente, já participava bastante, mas o surgimento de problemas em casa e com "amigos" meu empenho foi caindo durante os anos, como a de muitos colegas. Realmente com o início da pesquisa a participação de todos foi aumentado. Diversificamos bastante os conteúdos. Conhecemos esportes, PCAs, lutas, jogos, tivemos a experiência de sair algumas vezes da escola e gostei bastante da experiência e espero que isso mude a forma de ver a Ed. Física nessa escola.

A 16:

Bom eu não costumava participar muito das aulas... antes tínhamos poucas ideias para colocar em prática, mas com o início da pesquisa muitos alunos começaram a se interessar mais nas aulas e a participar com mais frequência e esse projeto foi ótimo... Tenho certeza que nas férias todos vão sentir falta das novas experiências.

A 21:

No início do trabalho a gente começou conversando sobre a minha participação nas aulas de educação física e o meu desenvolvimento. A minha resposta foi que eu não participava muito porque era sempre as mesmas brincadeiras, vôlei, queimada e futsal. Mas agora com a pesquisa, eu descobri que a educação física vai além do quarteto fantástico. O professor deu o direito de nós escolher o que queríamos. Eu aprendi a jogar Badminton e até fiz uma raquete...participar dessa pesquisa foi uma experiência única e muito especial.

A 10

Foi muito bom participar e ajudar no projeto. Muitos da nossa turma não gostavam de praticar as atividades de educação física e o nosso professor deu uma ideia de ouvir a gente de saber o que a gente gostaria de fazer nas aulas. Eu gostei de tudo e foi bom também para a turma. Nossa turma é muito crítica, por tanto foi ótimo ver colegas que não participavam começarem a ter uma participação maior. Foi bem legal, despertou um maior interesse e eu aprendi muita coisa que não sabia.

Ao ter contato com as escritas que os alunos realizaram procurando avaliar a Unidade Didática, fica nítido que ao avaliarem a participação individual e da turma,



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



como um todo, os discentes demonstraram um sentimento de grande satisfação em contribuir diretamente na elaboração do planejamento. Observa-se também uma evolução na participação dos alunos e um maior interesse de todos nas aulas.

Venâncio *et al.* (2020), sugere que a utilização do planejamento participativo, além de proporcionar a escolha dos temas a serem tratados na EF durante o ano pelos alunos, também estimula o protagonismo dos estudantes e uma melhora na sua participação e responsabilidade durante o seu processo de aprendizagem.

Com o protagonismo dos alunos durante todo o processo, os objetivos a serem alcançados ficaram mais palpáveis. A participação da turma aumentou consideravelmente. Os alunos aproveitaram a oportunidade de dialogar, e resolveram todas as questões de maneira democrática, fazendo assim, com que todos os encontros se tornassem momentos de grandes experiências e trocas de conhecimento.

A repetição dos conteúdos, que até então provocavam nos alunos uma resistência e um afastamento das aulas, pode ser transformado com a diversificação de conteúdos que não haviam sido tratados. A atitude proativa dos discentes, além de fazer com que eles se sentissem mais responsáveis pelo que iria acontecer nas aulas, contribuíram de forma direta para que os conteúdos diversificados tivessem uma grande aceitação.

Assim, percebe-se que foi possível, além de diversificar os conteúdos tratados nas aulas através da construção da Unidade Didática, observar que a integração dos alunos no planejamento, possibilitou uma redução do afastamento que existia anteriormente e que uma repetição de conteúdos torna a EF menos atraente para os discentes.





6 CONCLUSÃO

Com base no objetivo geral do presente trabalho que teve como proposta investigar os motivos que levam os alunos a se afastarem das aulas de EF à medida que avançam em sua vida escolar. Conclui-se que um indicativo inicial desse afastamento foi a falta de diversificação dos conteúdos tratados nas aulas; um dos desencadeadores desse afastamento, busquei (através da participação dos alunos na elaboração do planejamento), construir uma UD que proporcionasse o desenvolvimento de um número maior de práticas corporais nas aulas, com base no objetivo específico de identificar as práticas capazes de diversificar os conteúdos tratados nas aulas de educação física.

A construção da UD, e o seu desenrolar durante as 26 aulas, comprovaram que ao colocar os alunos como protagonistas do seu processo de aprendizagem, os mesmos demonstraram uma maior responsabilidade em participar das aulas, como também as suas intervenções na elaboração do planejamento, trouxeram à tona práticas corporais ainda não vistas na vida escolar dos estudantes, comprovando assim uma maior diversificação dos conteúdos tratados e atendendo a outro objetivo específico que é proporcionar ações que promovam o aluno à coautoria na elaboração e execução do planejamento.

O planejamento elaborado junto aos estudantes, mais um objetivo específico atendido (apresentar uma proposta de planejamento participativo como forma de tornar o aluno protagonista no seu processo de aprendizagem), comprovou ser uma prática capaz de instigar um interesse maior dos alunos em participar das atividades propostas, concomitantemente fez com que um maior número de práticas corporais fosse desenvolvido nas aulas. A proposta, apresentada aos discentes, para que eles participassem de forma direta e sendo ouvidos até mesmo em quais conteúdos tinham interesse em vivenciar, se mostrou como sendo uma ferramenta altamente profícua e possibilitou experiências enriquecedoras.

Ao buscar identificar ações capazes de reduzir o afastamento dos estudantes das aulas de EF, outro objetivo específico do presente trabalho, o estudo comprovou que o protagonismo do aluno está ligado de maneira direta em seu



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



interesse pelas aulas. A diversificação dos conteúdos aconteceu ao natural, pois a forma democrática e dialógica em que as aulas ocorreram, colocaram o aluno no lugar principal do processo possibilitando o desenvolvimento de sua autonomia.

Ao procurar por respostas com o intuito de reduzir, ou até mesmo acabar, com o desinteresse da turma pelas minhas aulas, constatei que ter o aluno não como participante, mas como coautor da pesquisa foi fator determinante na construção, elaboração e sucesso da UD que foi colocada em prática.

No início do estudo, ficou constatado que os alunos não demonstravam interesse em participar das aulas e um dos motivos indicados pelos próprios estudantes como sendo causador por esse afastamento era que as aulas de EF estavam enfadonhas, repetitivas, trazendo ao longo dos anos os mesmos conteúdos.

Por meio das entrevistas e do questionário realizado para conhecer a realidade dos alunos e seu envolvimento com a EF, pude ter uma maior aproximação com os pensamentos e interesses dos discentes, suas angústias e seus anseios, além de constatar, que eles precisavam ser ouvidos, e que cabia a mim e a minha práxis dar essa oportunidade. Então, foi possível observar pela construção e desenvolvimento da UD (protagonizada pelos alunos), um envolvimento maior dos estudantes nas aulas e uma maior variação de práticas corporais desenvolvidas.

Com as observações realizadas a cada encontro e o preenchimento do diário de campo, veio a percepção de que, por vezes algumas mudanças teriam que ser realizadas para uma melhor pavimentação do caminho a se seguir. Mas que proporcionaram chegar ao fim da caminhada com o doce gosto de dever cumprido.

Não foram raros os momentos, durante a realização desse estudo, que me deparei com conceitos e certezas (adquiridos ao longo da prática docente e que tinha como verdadeiros), que teriam que ser rompidos para que se pudesse superar os vários obstáculos. Foi necessário ousar, sair do lugar comum em direção ao imprevisível, ao desafiador. Esse movimento que realizei em direção a saída do mais do mesmo na minha prática, foi altamente recompensador, e proporcionou o alcance (junto com os meus alunos) do meu “inédito viável”.

Diante da proposta metodológica adotada, percebeu-se que o estudo poderia ser realizado com um número maior de alunos, algo que possibilitaria uma maior consistência aos resultados adquiridos. Dificuldades como: falta de tempo e



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



escassez de material pedagógico, interferiram como fatores determinantes para que a pesquisa fosse desenvolvida em apenas uma turma.

Cabe o alargamento do estudo, para que esses resultados alcançados com os alunos que foram alvo da pesquisa, possam se estender e haver a confirmação dos benefícios atingidos com os estudantes, como: maior participação nas aulas, relação dialógica e democrática na elaboração do planejamento e diversificação dos conteúdos vivenciados. É pertinente que outros estudos sejam realizados de modo a confirmar os resultados atingidos por esse estudo.

Optar por dar voz aos alunos, fornecendo a eles o papel de coautor na pesquisa, influenciou de forma positiva na participação dos discentes nas aulas, como também fez com que os conteúdos fossem diversificados, levando ao abandono do 'quarteto fantástico' como conteúdo hegemônico dentro das minhas aulas e que se fez presente ao longo dos anos na minha prática e atendendo ao último objetivo específico, proporcionar ações que promovam o aluno à coautoria na elaboração e execução do planejamento.

Afirmo que vencemos os desafios juntos, pois o estudo trouxe a oportunidade de realizar um trabalho de forma horizontal e colaborativa, entre o professor-pesquisador e os discentes. Através da construção de uma relação dialógica, as dificuldades foram sendo superadas e os objetivos alcançados.

Constatarei, que com a implementação de uma relação de diálogo entre aluno e professor, os objetivos a serem atingidos em busca de uma educação de qualidade, ficam mais próximas de serem alcançadas. Os estudantes podem e devem contribuir diretamente na construção de um ambiente escolar mais democrático, ficando a cargo do professor oportunizar ações que estimulem a participação de todos.

Finalizo com a reflexão de ser possível realizar dentro da EF proposições que acolham mais os alunos, que deem oportunidade para o contraditório, para que o "diferente" seja ouvido, para que não ocorram atitudes excludentes. Enfim, que ao ouvir o ator principal (aluno) na elaboração do planejamento, outros conteúdos possam ser desenvolvidos dentro das aulas e não somente o "quarteto fantástico", e todos os discentes desfrutem da riqueza que o componente curricular EF pode propiciar.





REFERÊNCIAS

ASSIS de OLIVEIRA, S. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. 3 ed. 1º reimpressão. Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em 10 jun. 2023.

BETTI, M. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.20, n.2- 3, p. 84-92, 1999. Disponível em: <http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n3/08MBetti.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. A Educação Física na Escola Brasileira. Ijuí: Unijuí. 3º edição revisada, 2020, 244 p.

BOSSLE, F. **Planejamento de ensino na Educação Física**: uma contribuição ao coletivo docente. Movimento. Porto Alegre, v. 8, n. 1, jan./abr., 2002.

BOSSLE, F. Planejamento de ensino e Educação Física: uma revisão de literatura em periódicos nacionais. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 280-294, set., 2017.

BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 62-68, jan, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/ CONSED, 2017. 600 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física. 3º e 4º ciclos, v.7, Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. **Altera a redação do art. 26, § 3º, e o art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 dez. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/u2ll2m>>. Acesso em: 20 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001

CASTELLANI FILHO, L. **Educação físico no Brasil: A história que não se conta**. 19ª ed. Campinas: Papyrus, 2013.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação/UEM**, v. 11, p. 97-105, 2008.

COLLIER, L. S. Planejamento participativo em Educação Física escolar e a construção de um currículo multicultural. **Revista e-Curriculum**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo, Brasil, vol. 12, núm. 3, outubro-diciembre, 2014, p. 2158-2175.

CORREA, W. R. Planejamento participativo e o ensino da Educação Física no 2º grau. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 43-48, jan. 1996.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Orgs.). **Educação Física escolar: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 292 p.

DARIDO, S. C.; IMPOLCETTO, F. M. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. *In*: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (org.). **Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. 170 p. 1 PDF. (Coleção IEP3, nº 8). Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/381384>>. Acesso em: 14 abril 2021.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



- DARIDO, S. C; GONZÁLEZ, F. J; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina nas aulas de Educação Física escolar**. AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física – ProEF. Disciplina: Problemáticas da Educação Física, Acesso restrito. Disponível em: <<https://edutec.unesp.br/moodle/>>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- DEL-MASSO, M. C. S; SANTOS, M. A. P; COTTA, M.A.C. **Instrumentos e técnicas da pesquisa**. AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física – ProEF. Disciplina: Metodologia Da Pesquisa Científica, Acesso restrito. Disponível em: <<https://edutec.unesp.br/moodle/>>. Acesso em: 22 set. 2021.
- DYNIEWICZ, A. M. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009. 207 p.
- FALKEMBACH, E. M. F. Planejamento participativo: uma maneira de pensá-lo e encaminhá-lo com base na escola. In: VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 24^a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 131-142.
- FARIAS, U. S. *et al.* Educação Física escolar no ensino fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 31, n. 58, p. 01-24, abr/jul 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, p. 90, 1996.
- GANDIN, D. **A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos de campos cultural, social, político, religioso e governamental**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GANDIN, D.; GEMERASCA, M. P. **Planejamento Participativo na Escola**. O que é e como faz. Coleção: Fazer e Transformar 3. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- GANZELI, P. O processo de planejamento participativo da unidade escolar. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, n. 1, p. 26–41, 2001. DOI: 10.22633/rpge.v0i1.9129. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9129>>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica** In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (org.). **Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. 170 p. 1 PDF. ISBN 978-65-86546-43-9. (Coleção IEP3, nº 8) Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/381384>>. Acesso em: 08 abr. 2021.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do “não-lugar da EFE II. **Cadernos de Formação RBCE**, 2010: p. 10-21. Disponível em:

<https://www.unesc.net/portal/resources/files/354/entre_o_nao_mais_e_o_ainda_na_o.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 9º ed. Ijuí: Unijuí, 1994. 160 p.

LIBÂNEO, J. C. e colaboradores. **Didática**. 19. reimp. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MALDONADO, D. T. e NEIRA, M. G. Planejamento participativo nas aulas de educação física. **Arquivos em Movimento**, v. 18, n. 1, 2022. Tradução. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/50542>>. Acesso em: 8 abr. 2021.

MANSETTO, J. do P. **Didática: a aula como centro**. 4. Ed. São Paulo: FTD, 1997.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, E. C. Características, importância e contribuições da ação de planejar para a educação física escolar. In: MOREIRA, Evando Carlos (org.). **Educação Física escolar: desafios e propostas 1**. 2 ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. Trata-se do texto 5 da disciplina 3 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <<https://edutec.unesp.br/moodle/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

NASCIMENTO, J. K. **Planejamento participativo: uma possibilidade para superação do afastamento dos estudantes das práticas corporais nas aulas de Educação Física NATAL - RN 2020**. Tese de mestrado. ProEF, 2020.

NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S.; MALDONADO, D. T. (Orgs.). **Práticas Pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar: indícios de mudanças**. Curitiba: CRV, 2017.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR., D. *et al.* **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

PENTEADO, H. D. Pesquisa-ensino: uma modalidade de pesquisa-ação. In.: PENTEADO, H. D.; GARRIDO, E. (Orgs.). **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, p. 33-44, 2010.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante**. Orizânia, 2020.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



RANGEL BETTI, I. C. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
Disponível em:
<https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf> .
Acesso em: 17 fev. 2023.

SILVA, P. A. da; SOUSA, C. A. de; FREIRE, E. dos S. Capítulo 16. Planejamento Participativa e a tematização do tiro com arco na Educação Física Escolar: contribuições freirianas na prática pedagógica. *In*: SOUSA, C. A. de (orgs). **Educação física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo** - Volume: 38. Curitiba: CRV, 2019

SOUZA, A. G. de; FREIRE, E. dos S. Planejamento Participativo e Educação Física: Envolvimento e opinião dos alunos do ensino médio. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 3, p.29-36, jul. 2008.

SOUZA, C. A.; NOGUEIRA V. A.; MALDONADO, D. T. (Orgs.). **Educação Física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. Curitiba: CRV, 2019. 281 p.

SOUZA, T. V. A.; TORRES, G. A. P.; NETO, M. D. B. **Educação Física Escolar: soluções pedagógicas para as principais dificuldades encontradas pelos professores da Educação Básica**. Vol. 01, N° 01 – Setembro, 2013 Associação Brasileira de Incentivo à Ciência – ABRIC.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e “o esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Revista Movimento**, Vol. III, nº 5, 1996/2, p.4-17.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. Ladermos Libertad. 17. ed. São Paulo, 2000.





APÊNDICE I - ENTREVISTA PADRONIZADA OU ESTRUTURADA

Após a saudação inicial ao entrevistado (a) e a explanação de que a entrevista é um instrumento que será utilizado na elaboração de um projeto de pesquisa, não devendo o entrevistado ter a preocupação em dar respostas “certas”, pois não existem respostas erradas, ou seja, não se trata de uma avaliação. Iniciarei a utilização do referido instrumento com a pergunta número 1:

1- Qual o seu nome, idade e local onde mora?

2- Qual é a sua relação com o componente curricular Educação Física? Gosta das aulas? Participa das aulas com expectativas? Quais?

3- Fazendo um comparativo da sua participação nas aulas de Educação Física dos anos iniciais e agora nos anos finais, você considera que a sua participação diminuiu? Se sim, qual seria o motivo para que agora a participação seja menor?

4- Você observa que ao longo dos anos de sua escolaridade que o componente curricular Educação Física venha repetindo os conteúdos? Como por exemplo: todos os anos o trato com o futebol?

5- Quais conteúdos você teve contato e quais não teve contato durante os anos de escolaridade? (Ginásticas, esportes, danças, PCA, jogos e brincadeiras e lutas)

6- Observando de modo geral, você diria que a sua turma participa menos das aulas de Educação Física em comparação a participação das aulas nos anos iniciais? Os colegas relatam qual o motivo que faz com que deixem de participar das aulas? Quais?



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



7- Você gostaria de ser ouvido (a) nas decisões que envolvem quais os conteúdos que você irá vivenciar e aprender ao longo do bimestre/ano? Acredita que com a participação dos alunos na elaboração do planejamento, teríamos uma possibilidade maior de práticas corporais vivenciadas?

8- Quais conteúdos você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO SOCIOEDUCACIONAL



ESCOLA MUNICIPAL DRº XENOFONTE MERCADANTE
 PROJETO DE PESQUISA: ALÉM DO “QUARTETO FANTÁSTICO”. A DIVERSIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA
 EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO.
 ORIZÂNIA-MG

1-ALUNO (A) _____

2-IDADE _____

3-GÊNERO

() MASCULINO () FEMININO

4- RELIGIÃO _____

5- COMO VOCÊ SE AUTO DECLARA?

() AMARELO () BRANCO
 () INDÍGENA () PARDO () PRETO
 () PREFIRO NÃO DECLARAR

6- QUEM MORA COM VOCÊ?

() PAI () MÃE () AVÔ () AVÓ () IRMÃO () IRMÃ

7- CONTANDO COM VOCÊ, QUANTAS PESSOAS MORAM NA SUA CASA? _____

8- QUAL A PROFISSÃO DOS SEUS RESPONSÁVEIS? _____

9- QUAL A ESCOLARIDADE DOS SEUS

RESPONSÁVEIS? _____

10- QUAL A RENDA DA SUA FAMÍLIA?

() NÃO TEMOS RENDA () ATÉ UM SALÁRIO MÍNIMO () DE 1 A 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
 () MAIS DE 3 SALÁRIOS MÍNIMOS () NÃO SEI RESPONDER

11- VOCÊ TRABALHA?

() SIM () SIM, MAS SOMENTE NO PERÍODO DA COLHEITA DO CAFÉ () NÃO

12- SE SIM, QUAL A SUA OCUPAÇÃO? _____

13- QUANDO ESTÁ TRABALHANDO, QUANTO É SUA RENDA MENSAL? _____

14- ESSE DINHEIRO FICA PARA VOCÊ OU TEM QUE AJUDAR EM CASA?

() FICA COMIGO () AJUDO EM CASA

15- ONDE VOCÊ MORA?

() ZONA URBANA () ZONA RURAL

16- ONDE VOCÊ MORA TEM LOCAIS PARA O LAZER OU PRÁTICAS ESPORTIVAS? () SIM () NÃO

17- QUAIS? _____

18- O LOCAL QUE VOCÊ MORA POSSUI? _____



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



- () ESCOLA () POSTO DE SAÚDE
 () COLETA DE LIXO () ILUMINAÇÃO PÚBLICA
 () TRANSPORTE PÚBLICO () RUAS CALÇADAS () ÁGUA TRATADA () REDE DE ESGOTO
 () BIBLIOTECA

19- A QUANTO TEMPO VOCÊ ESTUDA NA E. M. DRº XENOFONTE MERCADANTE? _____

20- QUAL É O SEU PRINCIPAL OBJETIVO AO VIR PARA A ESCOLA?

21- CITE UM PONTO POSITIVO E UM PONTO NEGATIVO REFERENTE A NOSSA ESCOLA.

22- VOCÊ SÓ TEM CONTATO COM AS PRÁTICAS CORPORAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

- () SIM () NÃO

23- VOCÊ JÁ FOI REPROVADO (A) OU ABANDONOU A ESCOLA ANTES DE COMPLETAR O ANO ESCOLAR?

- () NÃO () SIM, FUI REPROVADO
 () SIM, ABANDONEI

24- VOCÊ PARTICIPA DE ALGUMA PRÁTICA CORPORAL FORA DA ESCOLA? () SIM () NÃO

25- QUAL/QUAIS?

26- VOCÊ TEM CELULAR? () SIM () NÃO

27- A SUA CASA TEM ACESSO A INTERNET?

- () SIM () NÃO

28- QUAL O SEU LAZER PREFERIDO?

- () REALIZAR PRÁTICAS CORPORAIS
 () NAVEGAR NA INTERNET
 () OUTROS _____





Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - Tale (Estudantes)

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa de Mestrado intitulada “Além do quarteto fantástico. A diversificação dos conteúdos da educação física através de um planejamento participativo”, a ser realizada na Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante, sob responsabilidade dos pesquisadores: Professora Dr. Kátia Lucia Moreira Lemos (orientadora) e pelo professor de Educação Física Marcelo Moura Mendel (mestrando).

A pesquisa tem por objetivo ampliar as possibilidades da redução do afastamento dos alunos do 9º ano das aulas de educação física, tendo como ferramenta pedagógica a utilização do planejamento participativo na busca por uma maior diversificação dos conteúdos trabalhados nas aulas de educação física da Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante.

O estudo será realizado durante as aulas de Educação Física na Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante, através da observação e registros dos acontecimentos das aulas. As aulas serão desenvolvidas, analisadas e relatadas, utilizando: observações, entrevistas, conversas, fotografias e vídeos para relatarmos com maiores detalhes as dinâmicas das aulas.

Você e seus pais (ou responsáveis legais) receberão outro termo: (Termo de Cessão de Uso de Imagem), nele, vocês autorizarão ou não, o registro e o uso das fotografias e vídeos durante as aulas de Educação Física durante a realização da pesquisa.

A pesquisa apresenta riscos, podendo surgir desconfortos tais como: aversão a fotos ou vídeos. Ou também a sensação de obrigação de participação na pesquisa para aprovação na etapa no componente curricular Educação Física ou para não desagradar o professor.

Caso você venha a sentir algum constrangimento ou algo dentro desses padrões, ou outros não mencionados, deverá comunicar imediatamente ao pesquisador, que seguirá a seguinte conduta: será dada a você a possibilidade de continuar participando da pesquisa, sem que sejam feitos registros fotográficos ou filmagens suas, durante uma ou mais aulas ou até mesmo de todas as aulas, nesse caso será cancelado o Termo de Cessão do Uso de Imagem. E também será dada a possibilidade de que você desista da participação total na pesquisa, sendo eliminados todos os registros anteriormente coletados sejam em diálogos, fotografias ou vídeos.

Você não terá nenhuma recompensa ou prejuízo por participar ou não da pesquisa. Não terá sua avaliação na etapa (conceito) influenciada por participar ou não, da pesquisa. De forma alguma será alterada a relação professor e aluno, principalmente em caso de recusa e desistência da participação na pesquisa. A participação na pesquisa é gratuita e voluntária. Você não obterá nenhuma vantagem ou prejuízo financeiro, ou sofrerá penalidades ao se ausentar ou interromper a participação na pesquisa.

A proposta de diversificação de conteúdos através da utilização do planejamento participativo, faz parte do planejamento de ensino da disciplina. Não haverá diferenças entre as atividades das aulas de Educação Física de quem participa e de quem não participa da pesquisa. É preciso que fique claro, que se você optar por não participar da pesquisa, não terá suas conversas registradas, não será fotografado e também não será filmado, mas deverá participar das aulas da mesma forma que os demais estudantes.

O que gera a avaliação e a “nota” final do estudante na etapa será a participação nas aulas e não na pesquisa. Portanto, participar da pesquisa significa contribuir com a mesma, autorizando os relatos dos acontecimentos do estudante durante as aulas. É possível que um estudante esteja participando da pesquisa e não participe de uma ou mais aulas, ou até mesmo



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



de todas as aulas. Como também é possível que um estudante não participe da pesquisa e participe de todas as aulas. Seja qual for o motivo apresentado pelos estudantes para não realização da aula não serão realizadas atividades diferentes para nenhum estudante.

Os seus pais (ou responsáveis legais) autorizaram você a participar desta pesquisa. Você está livre para participar ou não. Caso inicialmente você deseje participar, posteriormente, você também está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. De forma alguma você será punido por isso, e terá suas imagens, conversas e relatos excluídos do banco de imagens. O responsável por você também poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento.

Você não terá nenhum custo ao participar da pesquisa e poderá consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Você não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros por participar da pesquisa e nem sobre seus eventuais resultados. Em caso de danos provenientes da pesquisa você poderá buscar indenização nos termos da Res.466/12.

Todas as informações por você fornecidas e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo, e somente serão utilizados para divulgação em reuniões congressos, simpósios, seminários e na elaboração da dissertação do Mestrado e futuras publicações em livros, periódicos ou revistas.

Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para melhorar as aulas de Educação Física na escola e as aprendizagens dos estudantes, diversificando os conteúdos tratados nas aulas e ampliando suas experimentações, suas vivências através dos movimentos em diferentes práticas corporais.

Caso você concorde em participar da pesquisa, pedimos que preencha o termo abaixo e assine este documento.

Eu, _____,

RG _____, declaro que fui consultado (a) pelo pesquisador/professor: Marcelo Moura Mendel, email mmmendel@hotmail.com, telefone (32) 98448-9918 e respondo positivamente à sua demanda de realizar a coleta de informações, conforme explicado. Serei um voluntário, não terei, nem prejuízos e nem benefícios financeiros por participar. Terei liberdade para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Entendi que as atividades durante as aulas de educação física são as mesmas para quem participará ou não da pesquisa. Entendi também que aqueles que participarão da pesquisa, permitirão o registro das conversas e relações que acontecerão nas aulas e que a autorização para registros em vídeos ou fotografias serão concedidos em outro documento. Sei também que não terei uma avaliação melhor ou pior na etapa por estar participando da pesquisa. Entendi as informações fornecidas pelo pesquisador, e estou esclarecido (a) para participar da pesquisa e registro meu livre consentimento.

Orizânia, ____ de _____ de 2022.

Estudante (Participante da pesquisa)



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Pesquisador responsável

OBS.: Esse termo apresenta **duas vias**, uma destinada ao estudante e a outra ao pesquisador. Em caso de dúvidas quanto aos seus direitos na pesquisa e dúvidas éticas entre em contato com:

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade Federal de Minas Gerais - Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar, sala 2005 - Campus Pampulha - Belo Horizonte, MG –
telefax: (031) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br





APÊNDICE IV – TCLE

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - Tale (Estudantes)

Senhores pais ou responsáveis,

Seu/sua filho/a (ou menor sob sua responsabilidade) está sendo convidado a participar da pesquisa de Mestrado intitulada “Além do quarteto fantástico. A diversificação dos conteúdos da educação física através de um planejamento participativo”, a ser realizada na Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante, sob responsabilidade dos pesquisadores: Professora Dr. Kátia Lucia Moreira Lemos (orientadora) e pelo professor de Educação Física Marcelo Moura Mendel (mestrando).

A pesquisa tem por objetivo ampliar as possibilidades da redução do afastamento dos alunos do 9º ano das aulas de educação física, tendo como ferramenta pedagógica a utilização do planejamento participativo na busca por uma maior diversificação dos conteúdos trabalhados nas aulas de educação física da Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante.

Para a realização dessa pesquisa, serão analisadas algumas aulas de Educação Física da turma do/da seu/sua filho/filha, análise essa que será feita pelo próprio professor da turma. As aulas serão desenvolvidas, analisadas e relatadas, utilizando: observações, entrevistas, conversas, fotografias e vídeos. Todo o material recolhido como registro da pesquisa ficará guardado em um computador sobre responsabilidade do pesquisador por 5 anos e será usado apenas nas análises do estudo. As imagens e áudios captados durante as aulas serão utilizados para a produção do trabalho final do curso de Mestrado e, posteriormente, em reuniões, congressos, simpósios, seminários e em futuras publicações em livros, periódicos ou revistas, sendo que nenhuma informação relativa à identificação dos/as alunos/as será revelada.

Você e o menor sob sua responsabilidade receberão outro termo: (Termo de Cessão de Uso de Imagem), nele, vocês autorizarão ou não, o registro e o uso das fotografias e vídeos, durante as aulas de Educação Física, no período de realização da pesquisa.

A participação do estudante na pesquisa é gratuita e voluntária. O estudante não obterá nenhuma vantagem ou prejuízo financeiro, ou sofrerá penalidade ao se ausentar ou interromper a participação na pesquisa.

A metodologia e procedimentos a serem utilizados para esta coleta de informações e imagens indicam para riscos, podendo surgir desconfortos tais como: aversão a fotos ou vídeos.

Caso o estudante venha a sentir algum constrangimento ou algo dentro desses padrões ou outros não mencionados, deverá comunicar imediatamente ao professor/pesquisador, que seguirá a seguinte conduta: será dada ao estudante a possibilidade de continuar participando da pesquisa, sem que sejam feitos registros fotográficos ou filmagens do mesmo, durante uma ou mais aulas ou até mesmo de todas as aulas, nesse caso, será cancelado o Termo de Cessão do Uso de Imagem. E também será dada a possibilidade de que o estudante desista da participação total na pesquisa, sendo eliminados todos os registros anteriormente coletados sejam em diálogos, fotografias ou vídeos.

O estudante está livre para não participar, ou a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa, sem que isso ocasione qualquer penalidade a ele, quanto a ser tratado diferente dos demais ou tenha conceito abaixo da média na etapa. De forma alguma será alterada a relação



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



professor e aluno, principalmente em caso de recusa e desistência da participação na pesquisa. É preciso que fique claro, que os estudantes que optarem por não participar da pesquisa não terão suas conversas registradas, não serão fotografados e também não serão filmados, mas deverão participar das aulas da mesma forma. Não participar da pesquisa não significa não participar das aulas.

Você e o estudante não terão nenhuma despesa ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Em caso de danos provenientes da pesquisa você poderá buscar indenização nos termos da Res.466/12.

Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para melhorar as aulas de Educação Física na escola e as aprendizagens dos estudantes, diversificando os conteúdos tratados nas aulas e ampliando suas experimentações, suas vivências através dos movimentos em diferentes práticas corporais.

Você poderá consultar o pesquisador responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Em caso de dúvidas éticas, o Comitê de Ética em Pesquisa – UFMG poderá ser contatado pelo telefone ou endereço expresso no final desse documento.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Diante das explicações, se você está esclarecido, consente livremente e concorda que seu (sua) filho (a) (ou menor sob sua responsabilidade) participe da pesquisa, forneça os dados solicitados e assine a seguir.

Pai/responsável:

Eu, _____ li e compreendi as informações fornecidas pelo responsável pesquisador/professor: Marcelo Moura Mendel, email mmmendel@hotmail.com, telefone (32) 98448-9918, acerca dos procedimentos da pesquisa. Por estar de acordo com as condições do estudo, como descritas, assumo a participação do/a meu/minha filho/a (ou menor sob minha responsabilidade) _____ na pesquisa “ALÉM DO QUARTETO FANTÁSTICO. A DIVERSIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DE UM PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO” e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício. Ao assinar este termo, não estou desistindo de quaisquer direitos meus. Uma via deste termo me foi dada.

Orizânia, _____ de _____ de 2022

Pai e/ou responsável



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Pesquisador responsável

Em caso de dúvidas quanto aos seus direitos na pesquisa e dúvidas éticas, entre em contato com:

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade Federal de Minas Gerais - Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar, sala 2005 - Campus Pampulha - Belo Horizonte, MG –
 telefax: (031) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br





**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**
APÊNDICE V – Termo de uso de imagem (Estudante)

Termo de Cessão de Uso de Imagem (Estudantes)

Eu, _____, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, Orizânia-MG, nascido em ____/____/____, **autorizo a coleta e uso das minhas imagens em todo e qualquer material fotográfico e em vídeos**, em todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, sejam eles impressos, ou digitais e em toda e qualquer mídia, **registradas durante a pesquisa**: “ALÉM DO QUARTETO FANTÁSTICO. A DIVERSIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DE UM PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO.”, sob responsabilidade dos pesquisadores: Professora Dr. Kátia Lucia Moreira Lemos (orientadora), inscrito no CPF sob nº 473.949.516-34, endereço profissional: Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte – MG, Tel. (31)3409-4567 e Prof. Marcelo Moura Mendel (Mestrando) inscrito no CPF: 079.347.127-31. Endereço profissional: Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante. Rua Cirilo Inácio de Souza, S/N – Bairro Centro, Orizânia - MG, 36828-000. Tel.: (32) 3743-7148.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso das minhas imagens, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Orizânia, ____ de _____ de 2022.

Estudante (Participante da pesquisa).

Pesquisador responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador





APÊNDICE VI – Termo de uso de imagem (Responsáveis)

Termo de Cessão de Uso de Imagem (Pais e/ou Responsáveis)

Eu, _____, portador (a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, Orizânia-MG, nascido em ____/____/____, **autorizo a coleta e uso das imagens**, do estudante _____ (menor sob minha responsabilidade), nascido em ____/____/____, **em todo e qualquer material fotográfico e em vídeos**, em todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, sejam eles impressos, ou digitais e em toda e qualquer mídia, **registradas durante a pesquisa**: “ALÉM DO QUARTETO FANTÁSTICO. A DIVERSIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DE UM PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO. ”, sob responsabilidade dos pesquisadores: Professora Dr. Kátia Lucia Moreira Lemos (orientadora), inscrito no CPF sob nº 473.949.516-34, endereço profissional: Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte – MG, Tel. (31)3409-4567 e Prof. Marcelo Moura Mendel (Mestrando) inscrito no CPF: 079.347.127-31. Endereço profissional: Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante. Rua Cirilo Inácio de Souza, S/N – Bairro Centro, Orizânia - MG, 36828-000. Tel.: (32) 3743-1489.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso das imagens do estudante, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à sua imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Orizânia, ____ de _____ de 2022.

Pai e/ou responsável

Pesquisador responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
APÊNDICE VII – Carta de Anuência



Carta de Anuência Institucional

Prezada diretora, Marilda Souza Moreira e Souza
Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante
Orizânia-MG

O Mestrando Marcelo Moura Mendel, do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais realiza uma pesquisa intitulada “Além do quarteto fantástico. A diversificação dos conteúdos da educação física através de um planejamento participativo” sob orientação da pesquisadora da EEEFTO-UFMG, Prof. Dr. Kátia Lucia Moreira Lemos.

A pesquisa tem por objetivo ampliar as possibilidades da redução do afastamento dos alunos do 9º ano das aulas de educação física, tendo como ferramenta pedagógica a utilização do planejamento participativo na busca por uma maior diversificação dos conteúdos trabalhados nas aulas de educação física da Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante.

A investigação será desenvolvida no decorrer do ano de 2022, com o registro de algumas aulas de Educação Física do professor. Serão realizadas entrevistas, conversas, observações, fotografias e filmagens durante as aulas. Todo o material recolhido como registro da pesquisa ficará guardado em um computador com o professor/pesquisador e será usado apenas nas análises do estudo. As imagens e áudios captados durante as aulas serão utilizados para a produção do trabalho final do curso de Mestrado e, posteriormente, em reuniões, congressos, simpósios, seminários e em futuras publicações em livros, periódicos ou revistas, sendo que nenhuma informação relativa à identificação dos/as alunos/as será revelada.

Esclarecemos que não há riscos para os alunos e não haverá nenhuma mudança na rotina de aula dos mesmos. Não haverá auxílio financeiro aos voluntários, tampouco benefícios de qualquer natureza para participação no estudo. Todas as despesas relacionadas serão arcadas pelos responsáveis desta investigação. Vossa instituição estará livre em qualquer fase da pesquisa para se recusar a participar ou para retirar sua anuência, sem prejuízos adicionais para a mesma. Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do e-mail: mmmendel@hotmail.com e/ou pelo telefone (32) 98448-9918 ou através do e-mail: katialemos@hotmail.com e/ou pelo telefone (31) 99281-2074.

Antecipamos agradecimentos
Marcelo Moura Mendel – Mestrando
Prof. Dr. Kátia Lucia Moreira Lemos – Orientadora da pesquisa

Orizânia, _____ de _____ de 2022.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Kátia Lucia Moreira Lemos

Pesquisadora orientadora responsável

Marcelo Moura Mendel

Pesquisador

De acordo Marilda Souza Moreira e Souza

Diretora de Unidade Escolar





ANEXO

ANEXO I - Plano de aula 01 e 02

Plano de aula 01 e 02

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 09/09/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Planejamento participativo

Tema da aula: As diversas possibilidades da EF na escola

Objetivos da aula:

- Criar um ambiente de harmonia para que os alunos se sintam à vontade em participar dos diálogos da aula;
- Ouvir as inquietações e sugestões dos alunos sobre a EF e o ambiente escolar;
- Entender a história e a riqueza da EF dentro da escola;
- Construir uma unidade didática com a utilização do planejamento participativo.

Recursos didáticos: Sala de aula, quadro branco e pincel.

Avaliação: Ao fim da aula será realizada uma roda de conversa com os alunos com vistas a discutir sobre o tema abordado.

Descrição da aula:

A aula ocorrerá em sala, e terá como atividade inicial alguns exercícios de respiração consciente a fim de criar um campo harmônico e proporcionar concentração para as próximas atividades. Como atividade seguinte, haverá uma roda de conversa com o propósito de ouvir os relatos dos alunos sobre os seus sentimentos quanto a EF e a escola. Para dar subsídios realizarei uma explanação sobre a história da EF escolar no Brasil e as várias possibilidades de EF que ainda é encontrado dentro das escolas (rola bola, esportivismo e mecanicismo).

Antes da próxima atividade, levarei ao conhecimento dos estudantes o que é o planejamento participativo e os convidarei a elaborarem de forma democrática, uma unidade didática utilizando o planejamento participativo, com vistas a diversificar os conteúdos tratados nas aulas. Para tal ação, a turma será dividida em três grupos e pedirei que eles dialoguem e tragam para os colegas suas proposições de possíveis práticas a serem trabalhadas ao longo das próximas aulas.

Observação:

Pós aula, pude perceber que estavam presentes 20 alunos e todos, direta ou indiretamente participaram das atividades propostas.





ANEXO II - Plano de aula 03 e 04

Plano de aula 03 e 04

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 12/09/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Planejamento participativo

Tema da aula: A construção de uma unidade temática pelo viés do protagonismo discente.

Objetivos da aula:

- Construir uma unidade didática em parceria com os estudantes;
- Elaborar um quadro contendo os conteúdos indicados pelos alunos, que serão tratados na unidade didática;
- Possibilitar que os discentes correlacionem temas que julguem evidentes e importantes no seu cotidiano, com os conteúdos escolhidos para serem desenvolvidos nas aulas;
- Aplicar um questionário socioeconômico.

Recursos didáticos: Sala de aula, quadro branco, pincel, painel, folha A4 e questionário socioeconômico.

Avaliação: Ao fim da aula será realizada uma roda de conversa com os alunos com vistas a discutir sobre o tema abordado, como também a participação de todos ao responderem ao questionário.

Descrição da aula:

A aula ocorrerá em sala, e terá como atividade inicial, um pequeno seminário com a apresentação dos três grupos que foram formados na aula anterior. Antes, porém, será disponibilizado aos alunos um tempo de dez minutos para que possam recordar o que haviam discutido na aula passada e também alinhar as ideias para realizarem o diálogo com o restante da turma. Após a realização da atividade anterior e com a contribuição de todos os alunos, será elaborado um quadro temático indicando os conteúdos a serem tratados dentro da unidade didática. Com o quadro pronto, a atividade seguinte será uma roda de conversa com a proposta dos alunos relacionarem temas que julguem importantes com os conteúdos indicados no quadro temático, para serem tratados de forma concomitante durante as próximas aulas.

Para finalizar a aula, pedirei aos alunos que respondam a um questionário contendo perguntas fechadas e abertas sobre a sua vida escolar e familiar. Antes de entregar o questionário para os alunos, esclarecerei do que se trata e também da importância de responder todas as questões dispostas, me colocando à disposição de todos para sanar as possíveis dúvidas que surgirem.

Observação:

Pós aula, pude observar que além de não haver alunos ausentes, houve maior envolvimento e aparente segurança em desempenharem as atividades



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**

propostas, em especial ao responder a todas as perguntas do questionário.



ANEXO III - Plano de aula 05 e 06

Plano de aula 05 e 06

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 16/09/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Voleibol

Tema da aula: Esporte de rede/quadra dividida.

Objetivos da aula:

- Realizar uma sondagem sobre o que os alunos conhecem do voleibol;
- Revitalizar alguns pontos da história do voleibol;
- Identificar algumas transformações ocorridas no esporte e a influência das mídias no esporte;
- Proporcionar atividades lúdica para dinamizar a prática do voleibol;
- Verificar possíveis locais, na comunidade em que o aluno está inserido, para a prática do voleibol;
- Oportunizar debates sobre o possível preconceito existente com pessoas que praticam o voleibol (sobre tudo os homens).

Recursos didáticos: Quadra poliesportiva, bolas de voleibol, lençol, rede de voleibol, cones, elástico e giz.

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula:

A aula será realizada na quadra da escola, inicialmente através de uma conversa dirigida, será realizada uma sondagem para se diagnosticar o que os alunos trazem como conhecimento do voleibol, tanto na dimensão conceitual quanto na procedimental. Posteriormente, realizaremos algumas reflexões através do que foi falado e dividirei a turma em pequenos grupos de no máximo três alunos, onde terão a tarefa de realizar movimentos de voleio com a utilização de uma bola de vôlei, procurando não deixar a bola cair no chão.

A terceira atividade a ser realizada é um jogo com a utilização das regras do voleibol, porém as equipes formadas para participar do jogo deverão estar segurando um lençol, e somente o lençol pode ter contato com a bola para enviá-la para a quadra adversária. Como próxima atividade, os alunos serão divididos em grupos de seis, dentro desses grupos realizarão alguns jogos em quadra reduzida tendo um elástico servindo de rede para separar as quadras. Logo em seguida, haverá a realização de um jogo de 'câmbio', que tem grande semelhança com o voleibol, porém o aluno pode segurar a bola e ao jogar a bola para a quadra adversária, todos devem realizar uma troca de posição semelhante ao movimento de rodízio. Para terminar a parte mais procedimental da aula, a turma será dividida em três grandes grupos que



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



formaram equipes com o objetivo de vivenciar o vôlei de forma mais convencional, sendo que a equipe que não estiver jogando terá como função a arbitragem das partidas e também possíveis orientações aos colegas que estiveram jogando.

Na parte final, os alunos deverão relatar as suas impressões após as várias atividades realizadas e também será dada uma tarefa para casa, em que pesquisarão (até a próxima aula), sobre a existência ou não de preconceito com os praticantes do voleibol e trazerem as suas impressões sobre o tema para ser debatido com os colegas em aula.

Observação:

Após a realização da aula, ficou nítido pelas falas e o repertório motor apresentado pelos alunos, que até mesmo o voleibol (um dos esportes mais populares do país) é tratado de maneira superficial dentro da escola ou mesmo negligenciado. Importante ressaltar que os alunos participaram de maneira efusiva da aula.



**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
ANEXO IV - Plano de aula 07 e 08**

Plano de aula 07 e 08

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 19/09/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Voleibol

Tema da aula: Esporte de rede/quadra dividida.

Objetivos da aula:

- Identificar algumas transformações ocorridas no voleibol e a influência das mídias no esporte;
- Proporcionar atividades onde seja possível que o aluno pratique o voleibol de maneira mais lúdica;
- Verificar possíveis locais, na comunidade em que o aluno está inserido, para a prática do voleibol;
- Possibilitar a aproximação dos alunos com um esporte que eles têm vontade de praticar;
- Oportunizar debates sobre o possível preconceito existente com pessoas que praticam o voleibol (sobre tudo os homens).

Recursos didáticos: Quadra poliesportiva, bolas de voleibol, bola grande e rede de voleibol.

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula:

A aula terá início com um debate sobre o tema que os alunos tiveram como tarefa para pesquisar e trazer as suas impressões. Logo em seguida, a realização das possíveis reflexões proporcionadas sobre o tema “preconceito no voleibol”, organizarei a turma em pequenos grupos de no máximo três alunos, onde terão a tarefa de realizar movimentos de toque e manchete com a utilização de uma bola de vôlei. Seguindo a aula será realizada uma atividade denominada “jogo dos países”, onde os alunos têm como objetivo manter a bola no ar utilizando os fundamentos do voleibol e caso a bola toque o chão todos tem que correr a um espaço previamente denominado com um nome de um país. Como próxima atividade, os alunos jogarão com a turma separada em dois grandes grupos e com a utilização de uma bola maior que a bola de vôlei e mais leve. Essa atividade será realizada com as mesmas regras do voleibol. Seguindo, a turma será dividida em três grandes grupos que formarão equipes com o objetivo de vivenciar o vôlei de forma convencional (fazendo uso de suas regras e número de jogadores), sendo que a equipe que não



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



estiver jogando terá como função a arbitragem das partidas e também possíveis orientações aos colegas que estiveram jogando. Para encerrar a aula e também as vivências proporcionadas pela prática do vôlei, realizarei uma roda de conversa final no intuito de colher dos discentes as suas impressões sobre a experimentação do vôlei da forma que foi proposta.

Observação:

Durante a realização da aula, foi necessário introduzir uma atividade (que não estava contemplada no planejamento) para que a motivação dos alunos se mantivesse alta em torno da prática do vôlei. Adaptei o jogo convencional adicionando uma pequena regra onde seria possível deixar a bola tocar no chão uma vez antes de tocar para o colega ou atravessar para a quadra adversária. O novo jogo atingiu o que se esperava e os alunos mantiveram a sua participação na aula de maneira elevada.





ANEXO V - Plano de aula 09 e 10

Plano de aula 09 e 10

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 30/09/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Badminton

Tema da aula: Esporte de rede/quadra dividida.

Objetivos da aula:

- Compreender a história e a dinâmica do badminton;
- Proporcionar aos alunos atividades onde seja possível a prática do badminton de forma mais lúdica;
- Possibilitar a aproximação dos alunos com um esporte que eles têm vontade de praticar;
- Vivenciar movimentos básicos do badminton;
- Criar possibilidades para que os alunos executem alguns movimentos do badminton, como: Grip, backhand, forehand, saque e smash;
- Realizar alguns minijogos de simples;
- Criar possibilidades para a prática do badminton, com equipamentos confeccionados pelos alunos utilizando materiais alternativos.

Recursos didáticos: Sala de aula, projetor, quadro branco, pincel, quadra poliesportiva, raquetes de badminton, peteca, corda, giz e cone.

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula:

A aula terá início na sala. Primeiro farei uma sondagem com os alunos procurando observar o que eles sabem sobre o badminton. Posteriormente, reproduzirei dois vídeos, o primeiro contando a história do badminton, link: <https://www.youtube.com/watch?v=SfGmLGvWY1A&t=6s> e o segundo sobre como o jogo se desenvolve e suas regras, link <https://www.youtube.com/watch?v=4isMFU62VUg>. Em seguida, começaremos algumas atividades na quadra, primeiro os alunos terão contato com os equipamentos do badminton (petecas e raquetes), de modo que se movimentem livremente explorando o material disponibilizado. Como atividade subsequente, os alunos formarão duplas e com essa formação deverão rebater a peteca um para o outro. Logo após, farei uma pequena intervenção através de um diálogo com os alunos (para saber como eles estão percebendo a prática) e apresentarei os golpes de *grip* (pegada), *backhand* e *forehand*,



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



solicitando que eles experimentem esses movimentos, mantendo a formação em duplas. Ainda com a turma organizada em duplas, os discentes realizaram os golpes de saque e *smash*. Posteriormente, serão realizados vários minijogos de simples, de modo simultâneo e com a quadra dividida em pequenos espaços com a utilização de uma corda. Sendo que na realização desses minijogos, haverá alternância entre os oponentes. Para encerrar a aula, realizarei uma roda de conversa final, buscando ouvir dos alunos como foi a experiência de ter tido o contato inicial com o badminton. Também farei uma proposta de tarefa para a turma (que será dividida em três grupos), onde deverão apresentar, na próxima aula, artefatos confeccionados com materiais alternativos e sejam capazes de proporcionar a prática do badminton.

Observação:

Foi possível observar a curiosidade e ao mesmo tempo a dedicação dos alunos em torno do badminton. Acredito que a apresentação de equipamentos convencionais referentes a prática do esporte, e cujo o qual eles ainda não tinham tido contato, foi um fator preponderante para que se sentissem contemplados. Constatei, que a maneira mais lúdica e menos mecanicista em que as atividades se desenvolveram, também contribuíram para o sucesso da aula. Alguns alunos, chegaram a mencionar, que está aula teria sido a melhor aula de toda a sua vida.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
ANEXO VI - Plano de aula 11 e 12



Plano de aula 11 e 12

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 21/10/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Badminton

Tema da aula: Esporte de rede/quadra dividida.

Objetivos da aula:

- Compreender os elementos que envolvem o jogo de simples e de dupla do badminton;
- Proporcionar aos alunos atividades onde seja possível a prática do badminton de forma mais lúdica;
- Possibilitar a aproximação dos alunos com um esporte que eles têm vontade de praticar;
- Criar possibilidades para que os alunos executem com maior segurança alguns movimentos do badminton, como: *Grip, backhand, forehand, saque e smash*;
- Realizar alguns minijogos de simples e de duplas;
- Utilizando um sistema de disputa de eliminatória dupla, realizar um torneio de simples e de dupla;
- Expor os equipamentos (possivelmente) confeccionados pelos alunos com materiais alternativos para a prática do badminton;

Recursos didáticos: Quadra poliesportiva, raquetes de badminton, peteca, corda, giz, cone, redes e medalhas.

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula:

Iniciarei a aula na quadra, solicitando que os grupos (separados na aula anterior), apresentem os equipamentos que confeccionaram e discorram sobre como foi a realização do processo, indicando se seria possível ou não a utilização desses equipamentos nas aulas. Terminada a apresentação dos grupos, organizarei os alunos em duplas para que de modo alternado eles consigam desenvolver e consolidar alguns golpes do badminton realizados na aula anterior como: *backhand, forehand, grip, saque* e até mesmo o *smash*. Posteriormente, serão realizados vários minijogos de simples e de duplas, de modo simultâneo e com a quadra dividida em pequenos espaços com a utilização de uma corda. Como forma de finalizar a aula e também as vivências do badminton, realizarei uma pequena competição entre os alunos em disputas de simples e de duplas. Em uma roda de conversa final, encerraremos a aula com o intuito de colher dos alunos se suas expectativas quanto as práticas do badminton foram contempladas.

Observação:

Destaco duas situações que observei durante o desenvolvimento da aula. Uma positiva, que foi a dedicação dos alunos em buscarem confeccionar os



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

equipamentos para a prática do badminton com material alternativo, apresentando artefatos que realmente poderiam ser utilizados na prática. O destaque negativo, ficou na conta da competição que idealizei para os alunos, pois a mesma ficou longe de atingir os objetivos que eu esperava.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
ANEXO VII - Plano de aula 13 e 14



Plano de aula 13 e 14

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 28/10/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Variação dos elementos das lutas.

Tema da aula: Lutas

Objetivos da aula:

- Conhecer a história das lutas e as várias lutas existentes;
- Proporcionar aos alunos atividades onde seja possível praticar as lutas de forma lúdica;
- Possibilitar a aproximação dos alunos com uma prática que eles têm vontade de realizar;
- Desenvolver algumas atividades de equilíbrio e desequilíbrio;
- Conscientizar os alunos da diferença entre lutas e brigas;
- Realizar alguns jogos de oposição.

Recursos didáticos: Quadra poliesportiva, projetor, emborrachado, giz e corda.

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula:

A aula terá início dentro de sala, com um diálogo com os alunos, buscando saber o que eles trazem de conhecimento sobre o conteúdo lutas. Posteriormente será exibido um vídeo sobre a história das lutas e algumas lutas comuns a nossa cultura, link: <https://www.youtube.com/watch?v=XFxONLrQ19c&t=4s>, seguido de outro vídeo destacando a diferença entre brigas e lutas, link: https://www.youtube.com/watch?v=_ihnrvy8bRQ&t=12s. Em continuidade, a exibição dos vídeos, faremos uma discussão sobre o que os vídeos abordaram. Levarei a turma para a quadra e desenvolverei algumas atividades de equilíbrio e desequilíbrio, como também de força e atenção como: puxa/empurra; senta/levanta; “briga de galo” e queda de braço. Para finalizar a aula buscarei conversar com os alunos sobre a maneira como eles viam as lutas e como é o entendimento após as atividades desenvolvidas durante a aula.

Observação:

No início da aula alguns alunos mostram resistência em participar das atividades práticas (principalmente as meninas). Algo que foi superado com o



Mestrado Profissional em

Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

desenrolar das atividades e o feedback que os alunos que estavam participando da aula davam para os seus colegas através de suas expressões de contentamento. Apenas uma aluna não participou da aula de forma integral alegando não poder realizar as atividades por questões religiosas.





ANEXO VIII - Plano de aula 15 e 16

Plano de aula 15 e 16

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 04/11/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Variação dos elementos das lutas e suas distâncias.

Tema da aula: Lutas

Objetivos da aula:

- Apresentar aos alunos a classificação das lutas quanto a sua distância (curta, média, longa e mista);
- Proporcionar aos alunos atividades onde seja possível praticar as lutas de forma lúdica;
- Possibilitar a aproximação dos alunos com uma prática que eles têm vontade de realizar;
- Vivenciar algumas atividades que remetam as lutas de curta e média distância;
- Realizar alguns jogos de oposição;
- Introduzir de maneira lúdica o *Huka Huka*;
- Conscientizar os alunos da diferença entre lutas e brigas.

Recursos didáticos: Quadra poliesportiva, emborrachado, giz, corda, pregador, cone e colete.

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula:

Iniciaremos a aula na quadra, com uma conversa buscando o entendimento que as lutas têm uma classificação, e essa classificação é definida através da distância que os oponentes se colocam ao lutar e também pela utilização de algum implemento durante o combate. Logo após o término da conversa, desenvolverei as atividades: campo minado e empurra/solta, visando a vivência de alguns jogos de oposição que remetam as lutas de curta distância. A seguir serão desenvolvidas as atividades: rouba o rabo (onde o aluno em duplas tem que pegar o colete que está pendurado na cintura do seu oponente), galinha depenada (a missão dos oponentes é retirar os pregadores colocados na parte frontal da camisa do seu adversário) e o pensa rápido (pegar o cone que está a sua frente primeiro que o colega), buscando experimentar as lutas de média distância. Seguindo, faremos a experimentação de alguns movimentos do *Huka Huka*. Finalizarei a aula com uma conversa com os alunos sobre a maneira como eles identificaram as lutas quanto a sua distância, e enfatizando a importância de ter o discernimento do que é luta e o que é briga.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Observação:

Essa aula foi desenvolvida em um dia muito chuvoso, o que impossibilitou a presença da maioria dos alunos. Porém aqueles que estavam presentes participaram de maneira exemplar de todas as atividades propostas.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
ANEXO IX - Plano de aula 17 e 18



Plano de aula 17 e 18

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 11/11/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Variação dos elementos das lutas e suas distâncias.

Tema da aula: Lutas Sumô e Esgrima.

Objetivos da aula:

- Proporcionar aos alunos atividades onde seja possível praticar as lutas de forma lúdica;
- Possibilitar a aproximação dos alunos com uma prática que eles têm vontade de realizar;
- Vivenciar algumas atividades que remetam as lutas de curta, média e longa distância;
- Realizar alguns jogos de oposição;
- Introduzir de maneira lúdica o Sumô;
- Introduzir de maneira lúdica a esgrima;
- Levantar junto aos alunos questões referentes as lutas e as várias culturas que estão inseridas.

Recursos didáticos: Quadra poliesportiva, emborrachado, cano de pvc, conexões de pvc, cabo de vassoura, garrafa pet, fita adesiva e giz.bb

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula:

A aula ocorrerá na quadra e após uma breve conversa sobre o que havia sido tratado na aula anterior, realizarei dois jogos de oposição com os alunos formando duplas e vivenciando movimentos diretamente ligados a uma lógica de lutas de média distância. Em seguida, será realizada uma atividade para contemplar de maneira simples o Sumô, uma luta classificada como de distância curta onde os alunos em duplas deverão realizar os movimentos de ataque e defesa para superar o seu oponente. Terminada a atividade do Sumô, irei introduzir uma luta de distância longa, a esgrima. Explicarei de forma resumida o que é a esgrima e como são realizados os combates. Ressaltarei a importância de se ter o máximo de cuidado para evitar acidentes durante as vivências. E, prosseguiremos para a realização de algumas práticas. A primeira atividade relacionada a esgrima, deverá ser realizada com cada aluno portando um artefato que simulará a espada, tendo os alunos que realizar alguns movimentos de passada para frente e para trás. Seguindo, os alunos



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



deverão formar duplas, cada aluno com a sua espada em mãos, alternando com a sua dupla o toque nas espadas, com movimentos combinados de ataque e defesa. Com o propósito de uma maior aproximação da prática da esgrima, serão realizados pequenos combates de trinta segundos, havendo alternância das duplas formadas inicialmente. Uma roda de conversa, será a última atividade. Buscará colher dos discentes relatos de suas experiências proporcionadas pelo conteúdo lutas.

Observação:

Durante a aula, observei o quanto valioso foi ter conseguido desenvolver (mesmo que de maneira superficial), uma luta de longa distância. Foi gratificante a superação das dificuldades iniciais para ter um artefato que possibilitasse ao aluno uma vivência mais próxima da esgrima, quando no decorrer das atividades visualizava a participação e a curiosidade dos alunos em torno de mais uma prática, que até então, para eles era desconhecida.





ANEXO X - Plano de aula 19 e 20

Plano de aula 19 e 20

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 18/11/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Práticas Corporais de Aventura (urbana e na natureza)

Tema da aula: Práticas Corporais de Aventura

Objetivos da aula:

- Identificar o conceito das PCAs e como elas se dividem (urbana e na natureza);
- Possibilitar a aproximação dos alunos com uma prática que eles têm vontade de realizar;
- Permitir que os alunos registrem os possíveis locais para a realização das PCAs fora dos muros da escola;
- Levantar questões de segurança em torno da realização das PCAs;
- Conhecer algumas vertentes das PCAs;
- Levantar junto aos alunos vertentes das PCAs que podem ser vivenciadas nas aulas (dentro ou fora dos muros).

Recursos didáticos: Sala, quadro branco, pincel, projetor, folha A4, caneta, prancheta e celular com câmera.

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula: A aula, inicialmente, será realizada em sala com uma conversa com os alunos buscando entender quais são os seus conhecimentos sobre as PCA e a explicação (através de fala e também de escrita no quadro) pelo professor da definição de PCA e sua divisão (urbana e na natureza). Para dar maior robustez ao entendimento dos estudantes, serão reproduzidos três vídeos, o primeiro com a definição das PCA, link: <https://www.youtube.com/watch?v=NhjnQSV7aV4>, O segundo falando sobre as PCA urbana, link: <https://www.youtube.com/watch?v=PCgG0-9WPd0&t=61s> e o terceiro sobre as PCA na natureza, link: <https://www.youtube.com/watch?v=iqX8oshiBqY&t=3s>. Ainda em sala, dividirei a turma em dois grandes grupos. Os grupos terão como tarefa acessar a parte externa da escola e toda a comunidade que a cerca, realizando registros escritos e fotográficos que indiquem possíveis locais para a realização das PCA. Após o retorno dos alunos para a sala, faremos um pequeno debate sobre o que foi observado durante a saída da sala. Terminada o diálogo com as primeiras impressões sobre a tarefa, os grupos deverão apresentar através de seus registros escritos e fotográficos (utilizando o



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



projeto), as possibilidades encontradas para o desenvolvimento das PCAs no ambiente escolar. Para finalizar a aula e de maneira democrática, os grupos deverão indicar vertentes das PCAs (urbana e na natureza) a serem vivenciadas nas próximas aulas.

Observação:

A estratégia de sair com os alunos de dentro da escola e explorar outros locais para a realização das aulas, causou em mim uma certa insegurança devido a várias questões. Em especial a parte disciplinar. Mas tudo ocorreu dentro da normalidade e os alunos demonstraram um comportamento exemplar.





ANEXO XI - Plano de aula 21 e 22

Plano de aula 21 e 22

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 25/11/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Práticas Corporais de Aventura urbana: *Parkour*

Tema da aula: Práticas Corporais de Aventura

Objetivos da aula:

- Possibilitar a aproximação dos alunos com uma prática que eles têm vontade de realizar;
- Conhecer como o *parkour* foi criado e seu objetivo;
- Identificar elementos que caracterizam a prática do *parkour*;
- Experimentar elementos que caracterizam a prática do *parkour*;
- Levantar questões de segurança em torno da realização do *parkour*;
- Realizar alguns movimentos do *parkour* fora dos muros da escola.

Recursos didáticos: Sala, quadro branco, pincel, projetor, quadra, pátio, banco, mesa, canteiro, muro e escada.

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula: A aula terá o seu início na sala com a reprodução de três vídeos que trazem a história do *parkour*, link: <https://www.youtube.com/watch?v=4T8zYBqBXMs&t=2s>, alguns movimentos realizados nessa prática, link: <https://www.youtube.com/watch?v=TvPIUdFim3w>, e imagens de praticantes em ação, link: <https://www.youtube.com/watch?v=-sKfwDMCOBo>.

Após a execução dos vídeos e a oportunidade de um diálogo em torno do que foi mostrado, a aula terá seu prosseguimento na quadra. Antes da realização da primeira atividade, será enfatizado junto aos alunos a necessidade de se ter total atenção na segurança ao realizar os movimentos, como também o respeito que deve haver com os obstáculos (públicos ou privados) que serão utilizados para a prática do *parkour*. Como primeira atividade os alunos deverão explorar ao máximo alguns bancos e mesas disponibilizados pelo espaço da quadra como forma de obstáculos. Em sequência, será proposto aos alunos, elaborem um circuito com os obstáculos disponíveis na quadra. A próxima atividade deverá ser realizada no pátio da escola, onde os alunos tentarão utilizar os canteiros e as árvores para realizarem alguns movimentos do *parkour*. Para finalizar a aula, a turma deve se deslocar para fora da escola e realizar (com segurança), alguns movimentos do *parkour* explorando os espaços que julgarem provenientes sem que suas ações interfiram na conservação do meio ambiente. Ao retornar à escola, será realizada uma



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



conversa com os alunos buscando saber o que eles acharam das vivências do *parkour* e lembrando as questões de segurança que devem ser primordiais em todas as práticas.

Observação:

A aula teve uma participação excelente, com os alunos realizando todas as atividades. No entanto, a atividade destinada a exploração dos ambientes fora dos muros da escola, teve que ser cancelada devido a chuva.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
ANEXO XII - Plano de aula 23 e 24



Plano de aula 23 e 24

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 02/12/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Práticas Corporais de Aventura urbana: *Slackline*.

Tema da aula: Práticas Corporais de Aventura

Objetivos da aula:

- Possibilitar a aproximação dos alunos com uma prática que eles têm vontade de realizar;
- Conhecer a história da criação do *slackline*;
- Ter contato com os equipamentos necessários para a prática do *slackline*;
- Identificar elementos que caracterizam a prática do *slackline*;
- Proporcionar o trabalho em equipe;
- Construir valores com a concepção do trabalho em equipe;
- Experimentar elementos que caracterizam a prática do *slackline*;
- Levantar questões de segurança em torno da realização do *slackline*;
- Evitar qualquer interferência no meio ambiente ao realizar a prática do *slackline*.

Recursos didáticos: Sala, quadro branco, pincel, projetor, bolas pequenas, corda, papelão e kit oficial de *slackline*.

Avaliação: Ocorrerá de maneira processual durante todos os momentos da aula.

Descrição da aula: A aula será iniciada em sala com os alunos assistindo a três vídeos com os temas: a modalidade *slackline* e sua prática integrada ao meio ambiente, link: <https://www.youtube.com/watch?v=N0ksnYFH6Gc>, dicas para os iniciantes da modalidade, link: <https://www.youtube.com/watch?v=m-VmqH2q1E8&t=69s>, e como montar o equipamento de *slackline*, link: <https://www.youtube.com/watch?v=HQAwGpmXrnE>. Após os vídeos serem reproduzidos, apresentarei aos alunos um kit oficial de *slackline* e convidarei a turma para se dirigir a um local fora dos muros da escola cujo os próprios alunos haviam indicado (em uma aula anterior) como sendo ideal para a realização da prática do *slackline*. Quando chegar ao local da prática, inicialmente os alunos irão realizar algumas atividades de equilíbrio e concentração. Na atividade, os alunos deverão andar sobre uma corda esticada no chão sem se desequilibrar, e em alguns pontos do trajeto tentaram pegar algumas bolinhas dispostas próximas a corda sem perder o equilíbrio. Após a realização da atividade com a corda, a turma deverá montar o equipamento destinado a prática do *slackline*, que será utilizado para as atividades posteriores, tendo atenção para não causar danos a natureza. Com a fita montada, os alunos formarão trios onde um aluno sobe na fita e tenta se deslocar, podendo se apoiar nos outros dois colegas que caminharão (um de cada lado da fita) e servirão como suporte para colega que caminha sobre a



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



fita. Ao fim do trajeto, os papéis dentro do grupo devem se inverter até que todos realizem o seu deslocamento sobre a fita. Em seguida será realizada uma atividade onde todos os alunos poderão andar sobre a fita segurando uma corda que estará amarrada a dois metros do *slackline*. Para estimular a confiança e a cooperação, a atividade seguinte consistirá em um aluno andando sobre a fita enquanto o restante da turma deverá se posicionar nas duas laterais e dar apoio ao aluno que estiver em deslocamento caso ele se desequilibre. Todos os alunos deverão realizar o deslocamento com esta formação. Logo em seguida, será colocado como desafio que cada aluno tente realizar o deslocamento sobre o *slackline* sem nenhum tipo de suporte ou ajuda, o aluno poderá apenas se apoiar em um colega para subir na fita. Antes de retornar para a escola, será promovido um diálogo onde os alunos terão a oportunidade de relatar se sentiram contemplados pelas atividades referentes ao *slackline*, e como perceberam o trato com o conteúdo de PCA durante as aulas.

Observação:

Durante a realização das atividades, foi necessário (em vários momentos) lembrar aos alunos algumas posições que os ajudariam a se manter em equilíbrio (olhar sempre para a base da fita, manter os braços acima da cabeça, pisar com os pés reto sobre a fita e manter os joelhos semiflexionados durante o deslocamento). Outro ponto que chamou a atenção, foi a dedicação da turma durante as atividades e a interação com o meio em que a aula foi realizada.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
ANEXO XIII - Plano de aula 25 e 26



Plano de aula 25 e 26

Escola Municipal Doutor Xenofonte Mercadante

Professor: Marcelo Mendel

Componente curricular: Educação Física

Turma: 9º ano A

Data: 09/12/22

Número de aulas: 02

Horário: 7:00-8:40h

Duração: 1:40h

Objeto de conhecimento: Culminância da pesquisa

Tema da aula: Encerramento avaliativo

Objetivos da aula:

- Proporcionar um momento de confraternização entre os alunos;
- Ouvir as impressões dos alunos sobre a experiência vivida na elaboração de uma unidade didática;
- Proporcionar que os discentes avaliem a vivência que tivemos durante todo estudo e elaboração do objeto de pesquisa de maneira participativa.

Recursos didáticos: Sala de aula, área externa do campo de futebol, lembrancinhas para presentear aos alunos e alimentos diversos.

Avaliação: Diferente dos demais encontros, estes terão objetivamente a intenção de verificar como foi a experiência vivida por eles na elaboração e execução de uma unidade didática, dando a eles protagonismo e atuação direta

Descrição da aula: O encontro terá início com uma confraternização (que será realizada na parte externa do campo da cidade), acompanhada de um café da manhã como forma de agradecimento por se permitirem participar deste momento de busca e pesquisa. Após o momento de descontração, em uma informalidade mediada, os discentes serão convidados a registrarem como foi viver o entendimento, elaboração e execução de um planejamento participativo, sobre o foco de uma avaliação pessoal e totalmente individual. Ao fim da aula, os alunos receberão uma lembrancinha como forma de agradecimento.

Observação:

Não foi possível realizar a parte inicial da aula na área externa do campo como havia planejado, pois o dia estava chuvoso. Mesmo tendo que mudar o local da confraternização, percebi que os alunos ficaram satisfeitos com o que foi preparado para eles. Observei muita dedicação por parte dos discentes na realização da avaliação que foi proposta.

